FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 34.053 — SEGUNDA-FEIRA, 27 DE JUNHO DE 2022 — R$ 5,00

ENTREVISTA DA 2ª

Feliciano Almeida

Produto feito aqui deve ter cuidado com o ambiente

"Qualquer produto brasileiro pode vir a ser barrado se os países quiserem nos taxar por uma questão ecológica", diz Feliciano Almeida, CEO da Michelin na América do Sul. Ele vê tendência de proibição de mercadorias ligadas a desmatamento. Mercado A12

Ilustrada C1

Rainha da Bienal

Com 2,3 milhões de livros vendidos, Thalita Rebouças se dedica a romances LGBTQIA+

Esporte B9

Wimbledon não pontua no ranking, mas atrai tenistas por tradição

Internação de meninas por aborto equivale à de asma

Só 8% das hospitalizadas interromperam a gravidez com consentimento legal

A cada aborto legal feito em meninas de 14 anos ou menos no Brasil, outras 11 precisaram ser hospitalizadas em decorrência de interrupções de gravidez provocadas ou espontâneas em 2021. É o que mostra levantamento da **Folha** com dados do SUS.

No ano passado, foram registradas 1.556 internações relacionadas a abortos na faixa etária dos 10 aos 14 anos. Apenas 131 delas (8%) ocorreram com autorização legal (casos de estupro, risco à vida da gestante ou anencefalia do feto).

As outras 1.425 internações (92%), para curetagem ou aspiração, ocorreram em razão de abortos espontâneos ou induzidos fora do ambiente hospitalar. A frequência foi comparável à dos atendimentos por asma (1.565) e anemia (1.397).

O Código Penal define que ato sexual com menor de 14 anos configura estupro de vulnerável. O mesmo código prevê a interrupção da gravidez resultante de estupro. Apesar de serem minoria, abortos legais têm aumentado. Cotidiano B1

Eduardo Anizelli/Folhapress

JORNALISTA INGLÊS ASSASSINADO NA AMAZÔNIA É VELADO NO RIO

A viúva de Dom Phillips, Alessandra Sampaio (óculos), e familiares se emocionam durante cerimônia que aconteceu ontem, em Niterói (RJ) Política A7

Atriz revela ter sido estuprada e ter dado bebê para adoção

A atriz Klara Castanho, 21, disse que sofreu um estupro, descobriu uma gravidez tardiamente e entregou o bebê para adoção. Segundo a atriz, uma enfermeira que a atendeu ameaçou vazar o caso.

O Coren-SP, conselho de enfermagem, diz que apura o relato. O Hospital Brasil, onde Klara foi atendida, afirma ter aberto sindicância. Ilustrada C3 e Cotidiano B2

Lygia Maria

A radicalização da direita nos EUA

Cinco dos juízes que formaram maioria em Roe vs Wade, em 1973, foram indicados por republicanos. O presidente da corte era republicano e defensor da legalização do aborto. Isso era uma questão católica, não protestante. Opinião A2

Maioria sente perda de compra da renda familiar

Pesquisa Datafolha mostra que a maioria dos brasileiros sente que o orçamento familiar perdeu poder de compra e que a economia não terá uma reação mais forte nos próximos meses, ainda que melhore um pouco. Os dados indicam reversão na tendência detectada antes. Mercado A13

Você diria que o **dinheiro** que você e sua família ganham...

Resposta estimulada e única, em %

Fonte: Datafolha

Por 10 vezes, pastor e ex-assessor do MEC se hospedaram no mesmo lugar

A Polícia Federal constatou que o pastor Arilton Moura e Luciano de Freitas Musse, ex-assessor do Ministério da Educação, estiveram, por dez vezes, hospedados no hotel Grand Bittar, de Brasília, nas mesmas datas. A PF é responsável pela Operação Acesso Pago.

A suspeita é que o pastor negociava liberação de recursos do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), embora não tivesse cargo no governo.

O presidente Bolsonaro defendeu o ex-ministro Milton Ribeiro: "Não há o mínimo indício de corrupção".

No Congresso, cresce a pressão para a criação de CPI que apure as acusações envolvendo o Ministério da Educação. Com uma assinatura a mais que o mínimo necessário, a oposição no Senado busca ao menos mais dois nomes que endossem o requerimento. Política A4 a A7

Bolsonaro anuncia general Braga Netto como vice

O presidente Jair Bolsonaro (PL) disse que deve oficializar o general Braga Netto (PL) como candidato a vice na sua chapa nas eleições. O mandatário voltou a levantar, sem provas, suspeitas contra as urnas. Ele afirmou que o TSE irá realizar o pleito para "cumprir tabela". Política A7

Cracolândia faz comércio ficar vazio no centro

Cotidiano B2

ONG leva barco de saúde mental a ribeirinhos

Saúde B3

ATMOSFERA

São Paulo hoje

Amanhã	Quarta	Quinta
11° 25°	13° 25°	12° 25°

Fonte: www.climatempo.com.br

Fabio Schaberle, dono do restaurante Jaguar, no centro de São Paulo; salão tem ficado vazio desde maio. Danilo Verpa/Folhapress

Rússia bombardeia Kiev enquanto G7 se reúne

Ao mesmo tempo em que líderes do G7, grupo que reúne as maiores economias do mundo, iniciavam a cúpula na Alemanha, a Rússia bombardeava a capital da Ucrânia. Mundo A11

EDITORIAIS A2

EUA vs. aborto

A respeito de decisão da Suprema Corte americana.

Desafios à esquerda

Sobre cenário econômico hostil na América Latina.

ISSN 1414-5723

9 771414 572025 34053

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Marcelo Benez (*comercial*), Anderson Demian (*mercado leitor e estratégias digitais*) e Everton Fonseca (*tecnologia*)

João Montanaro

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

EUA vs. aborto

Decisão da Suprema Corte é raro retrocesso dos direitos das mulheres em país desenvolvido

Numa decisão esperada, a Suprema Corte dos Estados Unidos considerou na sexta-feira (24) que o aborto não é um direito constitucional a ser observado naquele país.

A medida revoga entendimento firmado há 49 anos e faculta aos 50 estados norte-americanos a possibilidade de autorizar ou não o procedimento em suas legislações.

A mudança mostra-se em sintonia com o perfil conservador da corte após indicações de magistrados feitas durante o governo do republicano Donald Trump. Trata-se de raro retrocesso nos direitos das mulheres em país desenvolvido.

Por 6 votos a 3, o tribunal considerou válida uma lei aprovada no estado do Mississippi, em 2018, que veta o direito ao aborto após a 15ª semana de gestação —inclusive em casos de estupro. Tal entendimento propiciou a derrubada da decisão conhecida como caso Roe vs. Wade, de 1973.

Naquela ocasião, o aborto foi tido como parte do direito à privacidade garantido pela Constituição, que impediria a interferência de governos numa escolha pessoal.

No processo ora concluído, chamado de Dobbs vs. Jackson Women's Health Organization, a maioria adotou a linha originalista de interpretação da Carta, segundo a qual deve prevalecer o que foi determinado à época de sua redação.

É a mesma vertente interpretativa que se opõe ao cerceamento à posse de armas por cidadãos com base na Segunda Emenda.

A Suprema Corte destacou que o aborto é tema de uma profunda divisão moral na sociedade, e a questão se inscreve no terreno da polarização política no país.

É certo que estados sob governos republicanos passarão a adotar o proibicionismo, em contraste com as administrações democratas. Projeções da imprensa americana apontam que ao menos 23 unidades da Federação devem restringir severamente o aborto.

Ecoando protestos de feministas, o presidente democrata Joe Biden declarou que o tribunal eliminou um direito constitucional, colocando em risco a saúde das mulheres.

As divisões federativas tendem a estimular alguma movimentação interna na busca por estados que permitam o procedimento —em desfavor, certamente, de mulheres pobres, que não terão meios para realizar tais deslocamentos.

A sentença não impede a aprovação de uma lei federal que venha a legalizar o aborto, mas as chances de que isso aconteça são, neste momento, nulas, uma vez que os republicanos teriam poder para barrar a medida no Senado.

O tema deve acirrar os ânimos das campanhas para as eleições de meio de mandato marcadas para novembro. E tende a permanecer em cena por longo tempo no debate público americano.

Desafios à esquerda

Governos da América Latina não deverão contar com cenário favorável da década de 2000

Com a vitória de Gustavo Petro na eleição presidencial da Colômbia, cinco das seis maiores economias da América Latina —incluindo também México, Argentina, Chile e Peru— estarão sob governos considerados de esquerda. Líder nas pesquisas de intenção de voto aqui, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) pode adicionar o Brasil a essa lista.

O avanço da esquerda não parece significar uma reorientação ideológica consistente, porém. O movimento parece decorrer mais da rejeição às lideranças incumbentes, seja qual for sua filiação política, tendo em vista a letargia econômica e o agravamento de tensões sociais nos últimos anos.

Entre 2010 e 2020, a América Latina cresceu apenas 2,2% ao ano, abaixo da média mundial de 3,1%. Tal ritmo mal supera a expansão populacional, o que significa na prática um quadro de estagnação da renda e piora de indicadores sociais ao longo do período.

Desde a pandemia, a situação se agravou com a falta de acesso a saúde e educação de amplos estratos. Mais recentemente, a escalada da inflação, que se aproxima de 10% anuais em vários países da região, rondando os 60% na Argentina, amplia o descontentamento.

O fato é que o ambiente global não é favorável a um longo ciclo de abundância. À diferença do que se viu na década de 2000, outro momento em que a esquerda governava boa parte da região, não se espera um processo continuado de aumento de preços de matérias-primas, a base da exportação da maioria dos latino-americanos.

A guerra na Ucrânia elevou preços de metais, alimentos e energia, mas o ganho desta vez não conta com a demanda chinesa e pode ser revertido. O dano colateral, ademais, se mostra na forma de inflação que pune os mais pobres.

Ao menos, a esquerda que chega ao poder não é monolítica. Gabriel Boric, jovem presidente do Chile, apresenta uma plataforma modernizante e mostra repulsa às tendências autoritárias de esquerda que ainda grassam no continente. Já o velho populismo persiste em líderes como López Obrador, do México, e Pedro Castillo, do Peru.

Se o desejo geral é por mudanças, onde a esquerda governa há mais tempo, caso da Argentina, os ventos podem soprar para o outro lado na próxima eleição.

O grande desafio será não repetir erros do passado, como fiar-se apenas em gasto público na busca de crescimento econômico. Novas ideias, porém, continuam escassas.

Aborto e direita radical

Lygia Maria

A Suprema Corte dos EUA revogou a decisão Roe vs. Wade, de 1973, que garantia o direito ao aborto. Onze estados já baniram a prática, inclusive em casos de estupro, incesto e nos quais a gravidez coloca em risco a saúde da mulher. Estima-se que mais estados integrarão essa lista.

A decisão de 1973 se baseou na 14ª emenda da Constituição, que proíbe governos estaduais de privar pessoas da vida, liberdade ou propriedade sem um procedimento legal justo. Segundo a Corte, leis como a do estado do Texas, que permitiam aborto apenas se a vida da gestante estivesse em risco, violavam a liberdade de escolha das mulheres sobre uma questão de foro íntimo.

Cinco dos juízes que formaram a maioria em Roe vs. Wade foram indicados por presidentes republicanos. O presidente da corte era um republicano defensor da legalização do aborto. O aborto era uma questão católica, não protestante. Em 1973, o evangélico James Dobson, por exemplo, apontou que a Bíblia nada diz sobre o aborto e que um feto não era um ser humano completo.

Porém, a partir do final dos anos 70, o tema do aborto passou a ser usado como discurso unificador da ala religiosa radical da direita sem prestígio no Partido Republicano. O motivo? O fim de isenção de impostos para escolas evangélicas que impunham segregação racial. Como defender abertamente a segregação não era bem visto e poderia dificultar a adesão de eleitores, a proibição do aborto virou um artifício mais respeitável para chegar ao poder e impedir avanços dos direitos civis, como o fim da segregação. O livro "Bad Faith" (má fé, em tradução livre), de Randall Balmer, descreve essa história.

A revogação de Roe vs. Wade não foi uma vitória moral, e sim uma vitória política da direita radical construída ao longo de décadas. Agora, 11 estados têm leis antiaborto similares às do Afeganistão e do Irã, países teocráticos que subjugam mulheres. Será difícil para os EUA manterem a imagem de maior democracia liberal do mundo assim.

Sempre dá para piorar

Ana Cristina Rosa

Qual é o papel dos agentes do Estado num país democrático? Uma série de acontecimentos recentes destaca a pertinência e a urgência da questão no Brasil.

A PRF, por exemplo, resolveu liberar uma nuvem de fumaça sobre o caso Genivaldo de Jesus Santos, o homem negro morto por asfixia e insuficiência respiratória na espécie de câmara de gás improvisada numa viatura em Sergipe. Acionada por meio da Lei de Acesso à Informação, a corporação impôs sigilo secular sobre os processos administrativos que investigam a conduta dos agentes envolvidos.

No Rio, a vereadora Benny Briolly denunciou nova ameaça de morte, segundo ela "desta vez enviada do e-mail oficial do gabinete do deputado estadual Rodrigo Amorim". Foi registrada ocorrência por racismo e transfobia contra o parlamentar. "É um atentado ao meu corpo e à democracia. Sou travesti eleita pelo povo dentro dos marcos da Constituição", disse Benny.

E, em meio ao alvoroço causado pela decretação da prisão preventiva do ex-ministro Milton Ribeiro e de quatro envolvidos no escândalo de corrupção no MEC, a denúncia do delegado federal Bruno Calandrini de que "houve interferência na condução da investigação", com prejuízo aos trabalhos, elevou o grau da fervura. Embora a manifestação tenha sido inicialmente categorizada pela PF como "boato", a interceptação de ligação telefônica na qual o ex-ministro revela ter sido prevenido sobre possível operação de busca e apreensão determinou a escalada do caso.

Quando a finalidade dos agentes do Estado é desvirtuada, forças de segurança se tornam matriz de violência contra o cidadão, deixando de proteger; prerrogativas básicas são descumpridas; e decisões passam a ser tomadas com parcialidade. Nesses casos, a repressão passa a responder a impulsos contrários ao interesse público, em prejuízo da defesa de direitos e garantias fundamentais e do Estado democrático de Direito. Como diz o ditado: nada é tão ruim que não possa piorar.

Grande ano, 1922

Ruy Castro

Surpresa! Finalmente nos lembramos de que, a 7 de setembro de 1922, o Rio inaugurou a Exposição Internacional do Centenário da Independência. Foi uma festa da tecnologia e do pensamento, com 14 países presentes, dez meses de duração e três milhões de visitantes.

A Exposição sediou 29 congressos, nos quais se discutiu da indústria pesada à proteção das crianças. Estabeleceram-se intercâmbios, fecharam-se negócios e cientistas brasileiros e estrangeiros se aproximaram. Conhecemos a meteorologia, a estatística e o rádio e regulamentou-se a profissão de arquiteto. Abrigou o primeiro Congresso Feminista e teve até literatura —Gilka Machado fez conferência sobre as escritoras brasileiras. Para muitos, a Exposição representou o verdadeiro encontro do Brasil com a modernidade.

Foi o maior acontecimento de um ano já marcado por eventos que dividiriam a história do Brasil, como a criação do Partido Comunista, por Astrojildo Pereira, em março, e do Centro Dom Vital, por Jackson de Figueiredo, em maio —ali se oficializaram a esquerda e a direita no país. Em junho, os portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral completaram o voo Lisboa-Rio, na primeira travessia aérea do Atlântico Sul. E, em julho, 18 heroicos oficiais saíram do Forte de Copacabana, a pé, pela praia, contra as oligarquias, e levaram bala das tropas federais. Tudo isso aconteceu no Rio.

O Rio de 1922 e a Exposição do Centenário são o tema de uma modesta mostra recém-aberta no Museu Histórico Nacional, no Castelo. Modesta, mas rica. Nela veem-se o filme original da Exposição, a intensa cobertura da imprensa, o show gráfico das capas de revistas cariocas e, ao fundo, a trilha sonora da cidade: Villa-Lobos, Nazareth, Pixinguinha e a pioneira canção de protesto, "Ai, Seu Mé", contra Arthur Bernardes.

Ah, sim. O esplêndido Museu Histórico Nacional também foi fundado em 1922. Grande ano.

O voto útil & Tebet

Marcus André Melo

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

O voto útil é um subtipo de voto estratégico. Nele o eleitor(a) não quer "desperdiçar o voto": se sua primeira preferência não tem chance de vitória, acaba optando pela que rejeita menos entre aquelas com mais chances. Há outros subtipos:

1. Voto em partidos pequenos para que logrem atingir cláusulas de barreira, viabilizando coalizões de governo lideradas por partidos grandes que sejam a primeira preferência do eleitor (ex., Alemanha: eleitores do CSU/CDU que votam no FDP).

2. Voto em adversário mais fraco no primeiro turno, que seria mais facilmente derrotado pelo candidato de primeira preferência no segundo.

3. Voto em opções rivais buscando sinalizar insatisfação com o partido de primeira preferência que já tenha eleição garantida (ex., França, como mostrou Piketty, que formalizou o argumento).

O voto estratégico acontece assim sob qualquer regra eleitoral e para diferentes tipos de eleições e sistemas de governo. Ele tem duas características básicas: nele o eleitor não vota na sua primeira preferência (quando o faz, o voto é "sincero", no jargão) e age levando em conta o resultado final. O voto estratégico caracteriza apenas o segmento que tem preferência por "partidos não viáveis" (todas as opções fora os dois contendores principais).

Nessa perspectiva, na ausência de um candidato da terceira via, o voto estratégico caracterizaria o universo dos eleitores que não têm Lula ou Bolsonaro como primeira opção. A chapa Tebet/Tasso, que surgiu por default, não por concertação, muda radicalmente o cenário do primeiro turno.

Esse segmento, estimado em 27% do eleitorado em abril de 2021, deixaria de votar estrategicamente e passaria a votar "sinceramente". Polarizações tripolares não são incomuns. Sartori fez estudo clássico sobre elas no pós-Guerra.

A questão fundamental então é se o crescimento nas pesquisas das duas candidaturas e a consequente desidratação do segmento revela consolidação do voto ou reflete o comportamento estratégico dos eleitores. E mais importante: se haverá reversão para o voto "sincero".

Análises comparativas mostram que o voto estratégico será tanto maior quanto mais acirrado o pleito, porque cria incentivos para que o eleitor possa influenciar o resultado.

O efeito da intensificação da polarização, no entanto, dependerá da localização dos eleitores na distribuição de preferências (se nos polos ou no centro): para eleitores centristas, aumentará o custo psicológico de mudar o voto.

Quanto mais afastados os polos do centro (mediana), maior o custo. Dada a natureza afetiva da polarização, a dupla rejeição das alternativas —mais que aspectos programáticos— terá papel crucial para a chapa.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

30 anos depois, vamos mobilizar o país mais uma vez

Contamos novamente com o apoio da sociedade para enfrentar a fome

Maria Paula e Daniel Souza
Atriz, psicanalista com mestrado em desenvolvimento humano e saúde (UnB) e embaixadora da paz
Filho do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, é presidente do conselho da ONG Ação da Cidadania e produtor de documentários sobre direitos humanos

Os artistas brasileiros, neste momento, se preparam para entrar em cena: assim como aconteceu há 30 anos, sob o comando do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho (1935-1997), quando a sociedade civil assumiu o protagonismo da transformação de uma realidade miserável em uma mais justa e solidária.

Mais uma vez cabe a nós fazer o que o poder público não tem feito nos últimos anos, pois só a pressão social pode gerar as transformações necessárias neste país.

Recentemente, nós, autores deste artigo, estávamos em Brasília para o lançamento da Agenda Betinho, um documento onde a Ação da Cidadania apresenta 40 propostas de combate à fome para serem implementadas pelo poder público.

Para quem acredita em coincidências, foi no mesmo dia em que o Brasil real foi revelado aos brasileiros através dos números estarrecedores do relatório da Rede Penssan (Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional). Atualmente são 33,1 milhões de brasileiros passando fome. Em apenas dois anos, mais 14 milhões de pessoas passaram a não ter o que comer.

Em 1993, quando o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) divulgou que 32 milhões de pessoas passavam fome, a reação da sociedade foi uma explosão imediata de solidariedade, mobilizando a cultura, as empresas, a mídia e, principalmente, o cidadão comum a não esperar uma ação governamental, mas fazer a sua parte. Em pouco tempo milhares de comitês foram criados pelo Brasil; shows dos principais artistas adotaram o quilo de alimento como ingresso; agências de publicidade fizeram campanhas pro bono; times de futebol jogaram partidas para arrecadar comida; empresas doaram toneladas de alimentos; e a mídia disponibilizou todos os veículos numa época em que redes sociais não existiam. Dessa imensa onda nasceu a Ação da Cidadania, uma reação da sociedade à miséria e à fome.

[...]

A frase mais importante de Betinho —"Quem tem fome tem pressa"— nunca esteve tão atual, e sabemos que o nosso problema não é a falta de alimentos, mas sim de ética na política. Não podemos esperar até as eleições. (...) Democracia e fome não podem conviver no mesmo país

Agora, quase 30 anos depois, a reflexão urgente é no sentido de entendermos como chegamos a 33 milhões de famintos neste país! Porque havíamos saído do Mapa da Fome da ONU em 2014.

Apenas oito anos depois temos 125 milhões de pessoas com algum grau de insegurança alimentar e, se não nos organizarmos de forma inteligente e eficaz, o agravamento da situação certamente irá acontecer.

A frase mais importante de Betinho —"Quem tem fome tem pressa"— nunca esteve tão atual, e sabemos que o nosso problema não é a falta de alimentos, mas sim de ética na política. Não podemos esperar até as eleições. Por isso, a Ação da Cidadania acabou de lançar, como há 30 anos, a maior mobilização nacional da história deste país, onde mais uma vez vamos precisar contar com toda a sociedade brasileira para enfrentar um problema histórico, que atingiu uma dimensão nunca vista, mas que tem solução. E essa solução começa com a participação e a solidariedade de todos.

Democracia e fome não podem conviver no mesmo país.

Telessaúde: SUS conectado e sem barreiras geográficas

Modelo amplia a oferta de serviços, levando especialistas aos rincões do país

Marcelo Queiroga
Médico cardiologista, é ministro da Saúde

A regulamentação da telessaúde pelo governo federal indica a maturidade de uma ideia. Porque, numa época em que a palavra conexão se impõe no dia a dia das pessoas, é natural, inevitável e mesmo óbvio o uso das tecnologias de comunicação e de informática para fazer o bom serviço de saúde chegar onde é preciso, independentemente da distância e da dificuldade de acesso. Contudo, tão importante quanto fazer a assistência vencer a barreira geográfica é zelar por um atendimento de qualidade e, mesmo remoto, humanizado, dentro dos melhores padrões técnicos e éticos.

O Brasil, de território continental e diversidade cultural, social, econômica e geográfica, requer que a destinação de recursos públicos de fato valha a pena e que traga benefícios aos nossos 210 milhões de conterrâneos. A assinatura de uma portaria para regulamentar as ações e serviços de telessaúde é uma evidência de respeito ao bem comum e de compromisso com o direito fundamental à saúde, como previsto na Constituição Federal.

Além da regulamentação, que estabelece diretrizes e critérios, também avançamos na estruturação de Unidades Básicas de Saúde (UBSs) nos municípios em áreas remotas do país —porta de entrada vital ao atendimento de qualidade pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Inicialmente, serão mais de 320 UBSs com condições estruturais para oferecer atendimentos a distância. Médicos poderão cuidar, acompanhar e diagnosticar, mesmo a quilômetros de distância. É o conhecimento, na era da informação, servindo a uma finalidade nobre e humanista de amor ao próximo, heranças da nossa raiz cristã: confortar, aliviar e acolher, estimulando em paralelo práticas de prevenção de doenças crônicas evitáveis.

No governo do presidente Jair Bolsonaro (PL), o fortalecimento da atenção em saúde, primária e especializada, se tornou prioridade do Ministério da Saúde, visando ampliar o acesso ao sistema público de saúde a todos os brasileiros. E a iniciativa de ofertar os serviços de telessaúde se soma ao Programa Médicos Pelo Brasil, que fixa os profissionais nas regiões mais longínquas e carentes do país, superando as dificuldades e levando saúde a quem dela precisa.

O SUS traz em sua gênese a proposta do atendimento integral, gratuito e universal. E o uso das tecnologias de comunicação e de informática aproximará o setor público de saúde desses ideais, uma vez

[...]

Com a regulamentação, contudo, outros ganhos para além dos assistenciais vêm em paralelo, como a possibilidade de redução de custos, a troca de informações e a educação. Como cardiologista atuante há quatro décadas, percebo uma nova perspectiva para a saúde pública no Brasil

que amplia a oferta de serviços, levando especialistas aos rincões do país. Tal solução se torna possível graças a uma política de Estado que a transforma em realidade. Entretanto essa verdadeira transformação assistencial não é fruto exclusivo de uma evolução tecnológica, mas também ética. Nesse sentido, sensível às necessidades dos novos tempos, o Conselho Federal de Medicina atualizou, sem perder de vista valores milenares que são pilares da arte médica, sua regulamentação sobre a telemedicina, de modo a amparar o ato médico dentro de uma perspectiva moderna e condizente com a atualidade.

Nos últimos anos, a inventividade ganhou o impulso da necessidade: o enfrentamento da pandemia de Covid-19, desde 2020, fez com que a telessaúde ganhasse espaço no dia a dia da assistência. Com a regulamentação, contudo, outros ganhos para além dos assistenciais vêm em paralelo, como a possibilidade de redução de custos, a troca de informações e a educação, entre outros. Como cardiologista atuante há quatro décadas, percebo uma nova perspectiva para a saúde pública no Brasil —e também para as instituições privadas que atuam nesse ramo.

As duas normas, a portaria do Ministério da Saúde e a resolução do CFM, têm em comum referências aos preceitos éticos, à segurança, à privacidade e ao sigilo que devem caracterizar a relação entre os profissionais da saúde e o paciente, que depende da expressão formal do consentimento para autorizar o atendimento. Assim, a conexão nos aproxima e ultrapassa barreiras geográficas em todos os cantos do país. E, onde existe Brasil, existe SUS.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Salão do Palace Cassino, em Poços de Caldas (MG), que funcionava como cassino e atualmente é um centro de convenções Zanone Fraissat/Folhapress

Jogos

Há mais de cem anos temos normas ora liberando, ora proibindo e ora mal regulamentando alguns jogos de azar. Por isso, há mais de cem anos, uns poucos ficam milionários atuando nisso enquanto milhares de trabalhadores que os servem ficam sem nenhuma proteção social e, muitas vezes, acabam fichados criminalmente. Ou seja, são desligados sem nada receber e sem direito à aposentadoria. Na Justiça, recebem a sentença de que atuavam em atividade ilícita.
Jairo Geraldo Guimarães (Santo André, SP)

Antídoto

A democracia tem um poderoso antídoto contra o apoio de militares às tentativas de golpe de Bolsonaro. É a imprensa focar diuturnamente na corrupção de Bolsonaro, como no escândalo dos pastores no MEC e na intervenção do presidente na PF. Nesses momentos de denúncia pela imprensa, os militares golpistas se recolhem pelo constrangimento e até deixam o TSE em paz
Antônio Beethoven Cunha de Melo (São Paulo, SP)

Sem segurança

Num país em que o governo não tem competência para assegurar a vida de servidores ambientalistas e de jornalistas estrangeiros na floresta, é muito pouco provável que a ONU pense um dia em possibilitar que esse país faça parte do seu Conselho de Segurança. Se essa política retrógrada e ignorante do atual presidente permanecer, nosso país jamais terá cadeira cativa no CS.
Célio Borba (Curitiba, PR)

Virou virtude

"Barroso diz que Brasil tem déficit de civilidade após ser interrompido em palestra em Oxford" (Política, 25/6). Não, ministro Barroso, não é somente um simples déficit de civilidade. O senhor quis ser educado e elegante. No fundo, sempre fomos bárbaros, violentos, cruéis e estúpidos, como a nobre senhora, que não cansou de interrompê-lo na palestra. É que agora tudo isso parece que virou virtude.
Marcos Antônio da Silva (Londrina, PR)

*

Resistir é preciso! Parabéns, ministro Barroso
Rubens Gomes Vieira Vieira (São Paulo, SP)

*

Nestes últimos anos, o Brasil se tornou um país extremamente tóxico para se viver. Misturaram religião com política e com valores filosóficos já reprovados empiricamente pela história. A verdade (o conhecimento crítico) pode suscitar a liberdade e impedir que seres bizarros (mesmo com modesta capacidade intelectual) se aproveitem de dificuldades socioeconômicas para liderar com bravatas e mentiras uma parcela da sociedade.
Irazel Soares (Paragominas, PA)

Dez dias

"Pastor ligado a Bolsonaro e ex-MEC estiveram por 10 vezes no mesmo hotel, mostra PF" (Política, 26/6). Dez vezes no mesmo hotel! Rolando um clima legal entre os dois pastores. Esses encontros seriam para discutir um aumento dos dízimos ou para pa$torar o$ recur$o$ do MEC?
Rui Barbosa (Campina Grande, SP)

*

Pastores a serviço do cão. Tomara que o Arilton destrua todos, inclusive ele próprio, e que essa corrupção acabe logo no primeiro turno.
Marcio Paim (Salvador, BA)

*

Começa a surgir o modus operandi dessa turminha que se considera o povo eleito.
Gustavo da Silva Sabino (Campo Grande, MS)

*

Que falta que faz uma Procuradoria-Geral da República nos moldes previstos pela Constituição.
Ivan Bastos (Nova Friburgo, RJ)

Aborto

"A cada aborto legal, 11 meninas são internadas por interrupções provocadas ou espontâneas" (Saúde, 26/6). Para diminuir o número de abortos, a solução é a descriminalização; e Portugal mostra o caminho e os resultados. Essas recentes atitudes vão contra a lei e contra o bom senso, para não falar da desumanidade que é condenar essas meninas/crianças. O mesmo vale para as adultas, já que são sempre as pobres a sofrer mais. A classe média sempre fez e faz em segurança.
Maria Pirlin (São Paulo, SP)

*

Para cada complicação, não se sabe quantos procedimentos foram realizados. A mesma sociedade que publicamente condena o aborto o pratica em larga escala às escondidas. Hipocrisia, hipocrisia.
João Jaime de Carvalho Almeida Filho (São Paulo, SP)

*

"Decisão dos EUA contra aborto é começo de longa marcha para o atraso" (Mathias Alencastro, 26/6). É o fim dos Estados Unidos como exemplo global. Racismo, Justiça protegendo golpistas, saúde incompleta, direitos desaparecendo, crenças de milhões sobre eleições ou vacinas que não seguem a verdade. E acham que são o melhor que existe na humanidade. Viva a Europa! Foi o que sobrou.
Marcelo Moraes Victor (Porto Alegre, RS)

Armadilhas

"Se perder, Bolsonaro deverá plantar armadilhas para sucessor" (Hélio Schwartsman, 25/6). Ele vai perder e vai se mandar, com toda a tropa e famiglicia. É isso o que importa. O dia seguinte é o que menos importa.
Fernando Jorge (São Paulo, SP)

Incongruências

Parabéns ao ombudsman por seu texto deste domingo ("O exercício de esconder a notícia", Política, 26/6), no qual explicita as incongruências em algumas notícias desta **Folha** durante a semana. Isso mostra o apego das Redações ao conservadorismo neoliberal arcaico.
Jonas Nilson da Matta (São Paulo, SP)

Battisti

Sou assinante deste jornal há décadas, portanto sinto-me no direito de querer saber por que há tanto interesse da **Folha** em divulgar a opinião desse infeliz terrorista Cesare Battisti sobre o nosso país. Não há coisas mais importantes com que se preocupar?
José Andrade (São Paulo, SP)

política

PAINEL | Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Maquininha eleitoral

Os novos cartões do Auxílio Brasil virão com chip e serão habilitados para compras no débito, de modo a estimular a bancarização dos beneficiários. Hoje, o instrumento serve apenas para saque. Uma das prioridades do presidente Jair Bolsonaro (PL) é agilizar a troca dos cartões, que ainda trazem a logomarca do Bolsa Família. A expectativa no governo é que os novos modelos comecem a ser entregues na semana que vem. Na Caixa Econômica Federal, já há até peças publicitárias prontas.

XX Na tentativa de melhorar seu apoio entre mulheres, o PL pediu levantamento à Câmara sobre projetos de lei da pauta feminina sancionados pelo presidente Jair Bolsonaro. Foram 6, de acordo com dado obtido pelas deputadas Celina Leão (PL-DF), coordenadora da Secretaria da Mulher da Câmara, e sua antecessora, Soraya Santos (PL-RJ).

ROSA CHOQUE Entre as normas referendadas pelo presidente estão a Lei Mariana Ferrer, que proíbe constranger vítimas de violência sexual e testemunhas em audiências de julgamentos, e a que pune quem criar obstáculos para a participação feminina em eleições. Segundo o Datafolha, Lula (PT) tem a preferência de 49% das eleitoras, ante 21% de Bolsonaro.

VACINA Pré-candidato ao governo de SP, o carioca Tarcísio de Freitas (Republicanos) divulgou vídeo exaltando o papel dos imigrantes na construção do estado. A peça é uma resposta a um dos pontos mais explorados por seus adversários, o fato de ser forasteiro.

MOSAICO "Somos um estado construído por imigrantes, e jamais São Paulo seria o que é sem a gente. Com certeza, não é com preconceito que nós vamos conseguir", diz o ex-ministro no vídeo.

CHAMAS Um outdoor colocado na sexta (24) numa avenida de Rondonópolis (MT) com as imagens de 17 vereadores que aprovaram aumento do IPTU na cidade foi incendiado na madrugada de sábado (25) por desconhecidos. A peça denunciando a elevação tarifária havia sido produzida pelo Movimento Conservador local.

PARLATÓRIO 1 A comissão que elabora o programa de governo da chapa Lula-Alckmin realiza nesta segunda (27) o primeiro de uma série de debates on-line sobre temas que constarão da plataforma eleitoral.

PARLATÓRIO 2 O evento de estreia, às 19h, reunirá o coordenador da comissão, Aloízio Mercadante, e a filósofa Marilena Chauí, com o tema reconstrução da democracia. Pode ser acompanhado no site programajuntospelobrasil.com.br.

SUCESSORA No vácuo da crise da divulgação de áudios sexistas pelo ex-deputado Arthur do Val, o MBL aposta em uma mulher para levar adiante suas bandeiras. Amanda Vettorazzo (União Brasil), 34, será candidata a deputada estadual defendendo a revisão do pacto federativo, principal proposta dele quando era postulante ao governo de SP.

PICADEIRO "SP recebe migalhas do que manda para o Brasil em impostos. Não é tirar dos outros, é fazer o que é justo", diz. Ex-bailarina de circo, ela afirma que não se encaixa em nenhum dos extremos no debate sobre gênero, seja o das ativistas de esquerda ou das conservadoras que defendem o papel tradicional da mulher. "Sou normal, como 90% das mulheres", afirma.

AFINADOS Presidente do Butantan, Dimas Covas nega disputa de espaço com David Uip, secretário estadual de Ciência, Pesquisa e Desenvolvimento em Saúde, nova pasta que engloba o instituto. "O David e eu somos amigos e foi ele quem me indicou para o Butantan em 2017. Entre nós existe perfeita sintonia", afirmou.

com Juliana Braga e Carolina Linhares

Cláudio

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
353.501 exemplares (maio de 2022)

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), em evento em Brasília Adriano Machado - 8.jun.22/Reuters

Suspeita de interferência de Bolsonaro aumenta pressão por CPI do MEC

Senadores querem protocolar requerimento na terça para cobrar Pacheco; oposição juntou 28 assinaturas, uma além do necessário

Matheus Teixeira e José Marques

BRASÍLIA Com uma assinatura a mais que o mínimo necessário, a oposição no Senado ainda tenta engrossar com ao menos mais dois nomes o requerimento para criação de uma CPI sobre as suspeitas que envolvem o Ministério da Educação.

A ideia é ter força suficiente para pressionar o presidente da Casa, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), a não segurar a instalação do colegiado, como fez com a CPI da Covid no ano passado, que só foi instalada por ordem do STF (Supremo Tribunal Federal).

O entendimento é que as suspeitas de interferência do presidente Jair Bolsonaro (PL) nas investigações ajudaram a aumentar essa pressão sobre o chefe do Senado.

Os oposicionistas também tentam evitar que haja defecções de nomes que já assinaram a lista, como o do senador Alexandre Giordano (MDB-SP), um dos últimos a defender a criação da comissão investigativa. Ao mesmo tempo, a bancada do governo tenta desidratar as intenções dos opositores sugerindo a instalação de CPI que investigue suspeitas relacionadas aos governos do PT.

A possibilidade de instalação de uma CPI do MEC ganhou força após a prisão, na última quarta-feira (22), do ex-ministro da Educação Milton Ribeiro, suspeito de beneficiar um balcão de negócios de pastores que gerenciava liberação de verbas da pasta.

Até o momento, 28 senadores já assinaram o requerimento para que haja a CPI. O mínimo necessário é 27. A ideia é que o pedido seja protocolado nesta terça-feira (28).

Pacheco tem indicado que vê com ressalvas a instalação de uma comissão sobre o tema. Ele afirmou considerar que a proximidade do período eleitoral "prejudica o escopo de uma CPI". Além disso, afirmou que a prisão de Ribeiro foi um "fato relevante", mas não "determinante" para a abertura da comissão.

Essas falas, porém, foram feitas antes da divulgação de uma escuta em que o ex-ministro afirma à filha ter recebido um telefonema de Bolsonaro no qual o chefe do Executivo teria indicado que haveria busca e apreensão por parte da PF.

No ano passado, Pacheco segurou por mais de dois meses a instalação da CPI da Covid e leu o requerimento apenas após decisão do STF. Desta vez, ele não deve se posicionar oficialmente a respeito do tema da CPI do MEC até a medida estar protocolada.

"Tenho certeza que ele [Pacheco] irá [instalar a comissão]", diz Randolfe Rodrigues (Rede-AP), líder da oposição no Senado. "O presidente Pacheco é um constitucionalista. Como constitucionalista que é, ele sabe que comissão parlamentar de inquérito é direito constitucional de minoria", afirma.

Segundo ele, todos os pré-requisitos para a instalação da comissão estão presentes: o número de assinaturas, a previsão do tempo de funcionamento e o fato determinado que a motivou. A CPI, afirma Randolfe, daria à Polícia Federal e ao Ministério Público "a tranquilidade de fazer a investigação sem nenhum tipo de interferência política".

A oposição esperava que ao menos outros dois senadores assinassem o requerimento, o que ainda é incerto: Otto Alencar (PSD-BA) e Marcelo Castro (MDB-PI). A **Folha** apurou, porém, que Otto tem demonstrado receio de entrar em conflito com o eleitorado evangélico em um ano em que deve concorrer à reeleição. Castro tem sido pressionado a não endossar a criação do colegiado.

O requerimento para a instalação da CPI havia sido inicialmente sugerido em abril deste ano e chegou a reunir as assinaturas necessárias na época. No entanto, após pressão do governo, três senadores recuaram.

O governo tem tentado dissolver novamente a ideia de criação da CPI do MEC com a apresentação de um requerimento paralelo de CPI para investigar obras inacabadas da educação relacionadas ao governo do PT. Os governistas reuniram as assinaturas primeiro e, por isso, conquistaram poder de barganha.

O líder do governo, Carlos Portinho (PL-RJ), tem indicado que irá solicitar que seja seguida a ordem em que os requerimentos foram protocolados. Os líderes do governo cogitam judicializar a questão, caso a comissão do balcão dos negócios do MEC passe na frente.

> **Os áudios são muito graves. Caso se confirme que Bolsonaro manteve contato para preparar o ex-ministro em relação a uma possível operação, isso pode caracterizar a figura típica do crime de responsabilidade**
>
> **Veneziano Vital do Rêgo**
> senador (MDB-PB)

Apesar das pressões para que senadores não assinem o requerimento ou retirem suas assinaturas, a versão oficial dos governistas é que essa não tem sido a sua estratégia principal. "Não há nenhum movimento", diz Portinho.

O senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB), um dos subscritores da CPI, afirma que há elementos suficientes para abertura da comissão.

"Se os fatos trazidos há cerca de 60 dias já eram de gravidade que suscitariam instalação à época de uma CPI, mais ainda depois de termos nos deparado com novos episódios que corroboram aqueles que inicialmente se tornaram públicos."

Ele diz acreditar que os indícios apontam que Bolsonaro pode ser incriminado. "Os áudios são muito graves. Caso se confirme que ele manteve contato para preparar o ex-ministro em relação a uma possível operação, isso pode caracterizar a figura típica do crime de responsabilidade", afirma.

Milton Ribeiro foi exonerado do Ministério da Educação em março passado, após o surgimento do escândalo, em particular a divulgação de um áudio pela **Folha** no qual o então ministro afirma que prioriza amigos e indicações do pastor Gilmar Santos, a pedido de Bolsonaro.

No áudio, ele ainda indica haver uma contrapartida supostamente direcionada à construção de igrejas.

O ex-ministro foi preso preventivamente no último dia 22, em uma operação que também prendeu os pastores Gilmar Santos e Arilton Moura, ambos ligados ao presidente Jair Bolsonaro.

No dia seguinte, ele foi solto por uma decisão do juiz do TRF-1 (Tribunal Regional Federal da 1ª Região) Ney Bello, que concorre à indicação por Bolsonaro a uma das duas vagas abertas no STJ (Superior Tribunal de Justiça).

Após as suspeitas de interferência de Bolsonaro nas apurações, o juiz Renato Coelho Borelli, da Justiça Federal do DF, enviou os autos das investigações para análise do STF. Ele solicita que a ministra Cármen Lúcia, que ficou responsável por decisões nas investigações sobre Ribeiro quando ele era ministro, seja a relatora do caso.

Hotel Grand Bittar, em Brasília, usado como QG de pastores Paulo Saldaña/Folhapress

Pastor e ex-MEC estiveram 10 vezes no mesmo hotel, diz PF

Investigação mostra 64 hospedagens de pastores no local, usado como QG para negociações de verbas com prefeitos

Paulo Saldaña e Fabio Serapião

BRASÍLIA A Polícia Federal confirmou 63 hospedagens do pastor Arilton Moura e uma do pastor Gilmar Santos em um hotel de Brasília usado por eles como QG para negociações de verbas federais com prefeitos. Em dez dessas vezes, Arilton se hospedou nas mesmas datas em que Luciano de Freitas Musse, ex-assessor do MEC (Ministério da Educação), estava no local.

Como a Folha revelou em março, os pastores —próximos do presidente Jair Bolsonaro (PL) e do ex-ministro Milton Ribeiro— usavam o hotel Grand Bittar para receber prefeitos e assessores e negociar liberação de recursos do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação). Eles nunca tiveram cargo no governo.

A reportagem indicou que funcionários do MEC também circulavam com grande frequência no local. O que também foi confirmado pela PF.

Ribeiro foi preso na quarta (22) e solto no dia seguinte por decisão do Tribunal Regional Federal da 1ª Região. As investigações de um balcão de negócios no MEC miram também Gilmar Santos, Arilton Moura, Luciano de Freitas Musse e Helder Bartolomeu, genro de Arilton. Há suspeita de interferência de Bolsonaro na investigação.

A presença mais recorrente no hotel era a de Arilton Moura. Ele se hospedou 10 vezes em 2020, outras 38 em 2021 e, neste ano, esteve em 10 oportunidades no local.

A última vez que Arilton fez check-in no hotel foi em 21 de março. É o mesmo dia em que a Folha revelou áudio em que o ex-ministro diz que prioriza va pedidos do pastor Gilmar e que isso ocorria a partir de pedido de Bolsonaro.

Ele fez check-out no dia 23 de março e, segundo os registros colhidos pela PF, não voltou mais ao local.

Em março, dois funcionários relataram à reportagem que o pastor Arilton chegou a exibir uma barra de ouro no restaurante do hotel —isso teria ocorrido em meados de 2021.

Há registro de apenas uma estadia do pastor Gilmar, em 9 de setembro de 2021. Mas os relatos de prefeitos, assessores e funcionários do hotel indicam que ele circulava com assiduidade pelo lobby e restaurante do mezanino.

Já o ex-assessor do MEC Luciano Musse hospedou-se 29 vezes no Grand Bittar. Foram 24 em 2021 e 5 neste ano.

A PF ressalta as datas coincidentes em que Musse e Arilton hospedaram-se ao mesmo tempo. Das dez vezes que isso ocorreu entre 2021 e 2022, em sete delas Musse já estava no cargo de gerente de projetos da secretaria-executiva do MEC.

Ele foi nomeado em 6 de abril e só foi exonerado em 29 de março, um dia depois que Milton Ribeiro se desligou do cargo. Antes de entrar para o MEC, integrava comitiva dos religiosos e esteve em ao menos três encontros oficiais com Milton Ribeiro.

Musse foi para o MEC depois que a pasta não conseguiu nomear o pastor Arilton Moura. O atual ministro da Educação, Victor Godoy Veiga, é quem tocou os trâmites.

"Luciano, no contexto investigativo até aqui delineado, atuando juntamente com o pastor Arilton, é personagem importante no suposto esquema de cooptação de prefeitos para angariar vantagens pessoais através do direcionamento ou desvio de recursos do FNDE/MEC a pretexto de atender políticos/prefeituras", diz a PF no inquérito.

A pedido de Arilton, Musse recebeu R$ 20 mil nas tratativas para realizar um evento com Milton Ribeiro em uma cidade do interior de São Paulo. Os investigadores confirmaram declaração do prefeito de Jaupaci (GO), Laerte Dourado (PP), de que Musse fez o convite para o encontro com pastores no hotel Grand Bittar.

Relatos de reuniões com prefeitos no hotel, seguidas de encontros com Milton Ribeiro, coincidem com as estadias. Tanto Luciano quanto Arilton estavam hospedados em 5 de janeiro deste ano, quando o prefeito de Rosário (MA), Calvet Filho (PSC), gravou um vídeo com o agora ex-ministro direto do apartamento dele, na Asa Norte de Brasília. Calvet encontrou-se com os pastores no hotel, segundo relatos —o que ele negou à reportagem.

Em 15 de abril do ano passado, os pastores participaram de evento no MEC, em posição de destaque ao lado do ministro e, no mesmo dia, negociaram obras de educação com gestores no Grand Bittar e no restaurante Tia Zélia. É nesta data que teria havido o pedido de propina em ouro relatado pelo prefeito Gilberto Braga, de Luis Domingues (MA).

Tanto Arilton quanto Musse estavam hospedados no Grand Bittar nessa época. Luciano, entre os dias 12 e 16 daquele mês; Arilton, de 13 a 16.

No dia em que foi preso, Arilton disse a uma advogada que vai "destruir todo mundo" caso aconteça algo com sua "menininha" —o que parece ser relacionado à mulher dele. O diálogo foi colhido pela PF por interceptação telefônica.

A Folha não conseguiu falar com a defesa dos pastores e com o ex-assessor do MEC neste fim de semana. A defesa de Bolsonaro nega qualquer interferência.

63
É o número de vezes que o pastor Arilton Moura se hospedou no hotel. O pastor Gilmar Santos ficou só uma vez no local

29
É a quantidade de hospedagens do ex-assessor do MEC Luciano Musse

10
É o número de vezes que Arilton Moura e Luciano Musse se hospedaram nas mesmas datas

Linha do tempo

18.mar.2022 O jornal O Estado de S. Paulo publica reportagem sobre pastores que atuam junto ao MEC por liberação de verbas

21.mar.2022 A Folha revela áudio em que o ministro Milton Ribeiro diz priorizar prefeituras cujos pedidos de liberação de verba foram negociados pelos pastores Gilmar e Arilton, atendendo a uma solicitação do presidente Jair Bolsonaro. Revelação faz situação do então ministro se agravar

23.mar.2022 O procurador-geral da República, Augusto Aras, pede ao STF a abertura de inquérito contra Milton Ribeiro para apurar suspeitas de prática dos crimes de corrupção passiva, tráfico de influência, prevaricação e advocacia administrativa

24.mar.2022 A ministra Cármen Lúcia, do STF, autoriza abertura de inquérito

28.mar.2022 Milton Ribeiro é exonerado do Ministério da Educação e deixa carta em que afirma que revelação de áudio pela Folha fez sua vida mudar

4.abr.2022 Polícia Federal pede ao STF para que houvesse interceptação telefônica e busca e apreensão sobre Milton Ribeiro e os pastores Gilmar Santos e Arilton

12.abr.2022 Pedido da PF é complementado para incluir medidas também contra Luciano Musse, ex-assessor do MEC

5.mai.2022 Após a exoneração e perda de foro de Ribeiro, Cármen Lúcia manda processo para ser distribuído na 1ª instância da Justiça Federal

17.mai.2022 Juiz Renato Coelho Borelli, da Justiça Federal do Distrito Federal, dá primeira decisão autorizando grampo telefônico, quebra de sigilo e buscas e apreensões no caso

9.jun.2022 Em interceptação telefônica, Milton Ribeiro diz à filha que recebeu naquele dia um telefonema do presidente Jair Bolsonaro no qual ele teria dito estar com um "pressentimento" de que haveria busca e apreensão. Nesse dia, Bolsonaro estava nos EUA em companhia do ministro da Justiça, Anderson Torres

20.jun.2022 Borelli autoriza medidas mais duras contra Milton Ribeiro e os pastores Gilmar Santos e Arilton Moura. Para eles, foi determinada a prisão preventiva. Além disso, ele autoriza a prisão domiciliar de Luciano Musse e de Helder Bartolomeu, além de quebras de sigilo bancário

22.jun.2022 A operação Acesso Pago é deflagrada e o ex-ministro é preso. Ligação interceptada pela PF mostra esposa de Milton Ribeiro afirmando que marido "não queria acreditar", mas os "rumores do alto" apontavam que uma operação iria ocorrer

23.jun.2022 A Folha revela mensagem de delegado da PF responsável pelo caso em que ele afirma ter havido interferência na investigação. TRF-1 manda soltar Ribeiro e pastores

24.jun.2022 O juiz Borelli determina o envio dos autos ao STF novamente, ao mencionar o telefonema em que Ribeiro cita Bolsonaro

Entenda o caso

O que é investigado pela operação Acesso Pago? Os pastores Gilmar Santos e Arilton Moura são peças centrais no escândalo do balcão de negócios dentro do Ministério da Educação, então sob o comando de Milton Ribeiro. Como mostrou a Folha, eles negociavam com prefeitos a liberação de recursos federais mesmo sem ter cargo no governo. Os recursos são do FNDE, órgão ligado ao MEC e controlado por políticos do centrão, bloco político que dá sustentação a Bolsonaro desde que ele se viu ameaçado por uma série de pedidos de impeachment ao longo do mandato. O fundo concentra os recursos federais destinados a transferências para municípios. Prefeitos relataram pedidos de propina, algumas em ouro. Milton Ribeiro nega seu envolvimento no caso e diz que sua prisão foi injusta. A defesa de Gilmar Santos tem dito que o pastor não cometeu irregularidades. Já a de Arilton afirma que só se manifestará nos autos.

Milton Ribeiro ainda está preso? Não. Um dia após ser detido, o ex-ministro da Educação foi solto por decisão da Justiça. O juiz federal Ney Bello, do TRF-1 (Tribunal Regional Federal da 1ª Região), decidiu na quinta (23) pela revogação da prisão preventiva do ex-ministro e dos demais detidos na operação Acesso Pago, entre eles os pastores Gilmar Santos e Arilton Moura, ambos ligados a Bolsonaro.

O que foi dito nas conversas interceptadas pela Polícia Federal? Em ligação com sua filha no dia 9 de junho, Milton Ribeiro afirmou que o presidente Jair Bolsonaro teria dito estar com um "pressentimento" de que iriam atingi-lo por meio da investigação contra o ex-ministro. "Hoje o presidente me ligou, ele está com pressentimento, novamente, que eles podem querer atingi-lo através de mim. É que tenho mandando versículos para ele", disse Ribeiro, na conversa revelada pela GloboNews e depois confirmada pela Folha. Questionado pela filha sobre se Bolsonaro queria que o ministro parasse de enviar mensagens, Ribeiro negou e citou a suspeita levantada pelo presidente. "Não, não é isso. Ele acha que vão fazer uma busca e apreensão... em casa... sabe... é... é muito triste", afirmou.

E a conversa da mulher do ex-ministro? Já em uma segunda interceptação realizada na última quarta-feira (22), dia em que Ribeiro foi preso, a esposa do ex-ministro, Myrian Ribeiro, relatou a um interlocutor que seu marido "não queria acreditar", mas "estava sabendo" do que ocorreria. "Para ter rumores do alto é porque o negócio estava certo", disse em telefonema.

O que os investigadores dizem sobre as conversas interceptadas? O Ministério Público Federal (MPF) e a Polícia Federal sustentam a versão de possível vazamento e interferência com base nas interceptações telefônicas feitas ao longo da investigação. Segundo a PF, a ligação de Myrian registrada leva a "crer que Milton Ribeiro teria conhecimento de uma possível operação policial", fato que já estava na mira dos investigadores por causa de outras conversas do ex-ministro, entre elas uma "que teria tido com o presidente da República com este mesmo teor". O Ministério Público Federal, por sua vez, apontou "indício de vazamento da operação policial e possível interferência ilícita por parte do presidente da República Jair Messias Bolsonaro nas investigações".

O que diz a defesa de Bolsonaro? O advogado Frederick Wassef afirma que não houve conversa entre o presidente e o ex-ministro e que caberá a Ribeiro explicar o uso "indevido" do nome do chefe do Executivo. Wassef ainda reitera que Bolsonaro não interfere na Polícia Federal. "Se o ex-ministro usou o nome do presidente Bolsonaro, usou sem seu conhecimento, sem sua autorização. Ele que responda. Compete ao ex-ministro explicar por que é que ele usa de maneira indevida o nome do presidente da República", disse o advogado de Bolsonaro nesta sexta-feira (24). "O presidente não teve informações privilegiadas. Não tem nenhuma informação sobre nenhuma investigação", acrescentou sobre o caso.

O que acontece com o caso após a menção a Bolsonaro? A suspeita de interferência de Bolsonaro e de vazamento da operação Acesso Pago embasaram a decisão do juiz Renato Borelli, da Justiça Federal do Distrito Federal, de enviar o caso para o STF (Supremo Tribunal Federal). Além das conversas telefônicas, outro motivo para a remessa foi uma mensagem enviada a colegas pelo delegado federal responsável pelo pedido de prisão de Milton Ribeiro, Bruno Calandrini, de que houve "interferência na condução da investigação". Calandrini afirma no texto que a investigação foi "prejudicada" em razão de tratamento diferenciado dado pela polícia ao ex-ministro do governo Jair Bolsonaro. O episódio foi revelado pela Folha.

Qual a relação do ministro da Justiça com a suposta interferência? O ministro da Justiça, Anderson Torres, acompanhava o presidente Jair Bolsonaro em viagem aos Estados Unidos, para a Cúpula das Américas, quando, segundo Milton Ribeiro, o mandatário telefonou para avisar sobre um "pressentimento" de que haveria uma operação da Polícia Federal. Como titular da Justiça, Torres tem sob a aba do seu ministério a Polícia Federal, responsável pela operação que investiga as irregularidades na liberação de verbas do Ministério da Educação. Além disso, o atual diretor-geral da PF é Márcio Nunes, amigo de Torres. Como mostrou a Folha, a ida de Torres aos Estados Unidos na comitiva com Bolsonaro foi decidida de última hora. Procurado, o ministro da Justiça não respondeu.

O que dizem os aliados de Bolsonaro? Aliados do presidente acreditam que o que já saiu até o momento é fraco para comprometê-lo, como mostrou o Painel. Um dos auxiliares do núcleo duro da campanha acredita que a inflação e a alta dos preços dos combustíveis continuam sendo um problema maior para as eleições em outubro —segundo pesquisas de intenção de voto, o ex-presidente Lula (PT) lidera a corrida presidencial. Aliados de Bolsonaro, contudo, não veem como bom sinal a remessa das investigações para o STF.

Bolsonaro defende Milton Ribeiro, usa tom golpista e anuncia Braga Netto vice

Em entrevista a programa, presidente ignorou áudios e dados levantados pela investigação da PF

Matheus Teixeira

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) saiu em defesa de Milton Ribeiro na noite deste domingo (26) e afirmou que não há o "mínimo indício" de que o ex-ministro da Educação tenha cometido crime.

Em entrevista ao programa 4 por 4, feita por simpatizantes do presidente, Bolsonaro ignorou os dados levantados pela investigação da Polícia Federal, incluindo interceptações telefônicas, e replicou o discurso da defesa do ex-ministro.

Na mesma entrevista, Bolsonaro repetiu ameaças golpistas e ataques às urnas e anunciou que deve oficializar o general Braga Netto (PL) como candidato a vice na sua chapa nas eleições deste ano.

"Pretendo anunciar nos próximos dias", afirmou. O chefe do Executivo disse que outros "excelentes nomes" foram cotados para ocupar o posto, como a deputada e ex-ministra Tereza Cristina (PP), mas disse que ela não será a escolhida.

"Vice é só um. Gostaria de poder indicar dez, aí não teria problema", afirmou. Com o anúncio, Bolsonaro frustra aliados do centrão que defendiam o nome da deputada para compor a chapa com ele no pleito deste ano.

Ao programa Bolsonaro voltou a se queixar de "interferências" do STF no Executivo e disse que "vai chegar um ponto final". "Uma hora vai acontecer uma tragédia que a gente não quer. Não estamos dando recado, aviso, todo mundo sabe o que está acontecendo", disse.

O presidente Jair Bolsonaro durante entrevista ao programa 4 por 4 Reprodução/Programa 4 por 4 no Youtube

O mandatário voltou a levantar, sem provas, suspeitas contra o sistema eletrônico de votação. Ele disse que irá apresentar provas de que venceu as eleições de 2018 no primeiro turno e que o resultado foi fraudado para prejudicá-lo —promessa já feita e descumprida anteriormente.

Bolsonaro afirmou que os indícios apontam que o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) irá realizar o pleito apenas para "cumprir tabela". "É o que deixam transparecer. Em vez de ajudarem a dissipar a nuvem de suspeição que existe na cabeça de muita gente, muito pelo contrário, tornam concreta essa possibilidade da maneira como agem" afirmou.

Em relação ao caso Milton Ribeiro, o presidente afirmou que a prisão serviu para criar "narrativas para desgastar o governo". "O Ministério Público foi contra a prisão do Milton. Não tinha mínimo indício de corrupção por parte dele e no meu entender ele foi preso injustamente", afirmou.

Ele ignorou os áudios captados por interceptação telefônica em que o ex-ministro afirma que Bolsonaro o ligou para afirmar que estava com "pressentimento" de que ocorreria uma operação contra ele.

Bolsonaro disse que confia em todos seus ministros e que costuma fazer advertências sobre a possibilidade de serem investigados. "Sempre dou liberdade para montar os ministérios, com advertência de que vão ser vigiados pela esquerda 24 horas por dia porque vão tentar descobrir algo que por ventura tenha feito de errado no ministério", afirmou.

Em março, quando surgiram os primeiros indícios contra Ribeiro, Bolsonaro chegou a dizer que colocaria a "cara no fogo" por Ribeiro em meio às suspeitas no Ministério da Educação.

Na última quarta-feira (22), logo após a prisão, buscou se descolar do antigo aliado, dizendo que "ele que responda pelos atos dele". No dia seguinte, no entanto, saiu em defesa de Ribeiro e criticou o juiz que decretou a prisão, Renato Borelli.

Também neste domingo, o ministro da Justiça, Anderson Torres, publicou mensagem em que nega ter tratado do caso com o presidente.

Torres estava estava nos Estados Unidos com Bolsonaro quando, segundo Ribeiro, o mandatário telefonou para ele e avisou ter um "pressentimento" de que haveria uma operação da Polícia Federal.

Como titular da Justiça, Torres tem a PF sob a aba do seu ministério. Ele disse negar "categoricamente" ter falado com Bolsonaro sobre o tema durante a viagem aos Estados Unidos.

Presidente afirma que espera uma nova conversa com Moraes

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) confirmou neste domingo (26) que teve uma conversa com o ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Alexandre de Moraes na última semana e disse que pretende ter um novo encontro com o magistrado.

A respeito do teor da conversa, Bolsonaro disse que o ministro "falou 90% do tempo" e ele, 10%. "Mais ou menos cinco minutos de conversa. Falei para ele: vamos conversar na próxima semana com mais tempo. E pode ser em qualquer lugar", afirmou.

O objetivo, segundo o chefe do Executivo, é que cheguem a um "entendimento".

"Ver se consigo entendê-lo e ele me entender também, porque pelo que ele falou ali, não me entende. Falou certas coisas que não procediam, não vou revelar o que é. Eu fiquei mais quieto, ouvindo ele falar. E pretendo conversar com ele sim, pretendo e ver o que está acontecendo, porque no fundo eu quero diálogo e respeito à Constituição", disse.

O encontro dos dois ocorreu na residência oficial da Presidência da Câmara em evento realizado pelo presidente da Casa, Artur Lira (PP-AL), em homenagem aos 20 anos do ministro Gilmar Mendes no STF.

Alessandra Sampaio, de vestido preto, chega ao velório de seu marido, o jornalista Dom Phillips, no cemitério Parque da Colina, em Niterói Eduardo Anizelli/Folhapress

Dom Phillips é velado no RJ, e família pede justiça por crime no Vale do Javari

Nicola Pamplona

RIO DE JANEIRO O jornalista inglês Dom Phillips, assassinado na terra indígena Vale do Javari, no Amazonas, foi velado neste domingo (26) em Niterói, na região metropolitana do Rio de Janeiro, em cerimônia reservada a familiares e amigos. Ele foi morto no início do mês ao lado do indigenista Bruno Pereira.

"Seguiremos atentos a todos os desdobramentos das investigações, exigindo Justiça, no significado mais abrangente do termo", disse a viúva do jornalista, Alessandra Sampaio, em pronunciamento à imprensa durante o velório.

"Renovamos nossa luta para que nossa dor e a da família de Bruno Pereira não se repitam, como também as das famílias de outros jornalistas e outras pessoas defensoras do meio ambiente, que seguem em risco", completou.

Ela agradeceu à Univaja (União dos Povos Indígenas do Vale do Javari) e a todos que participaram das buscas por Phillips e Pereira e disse que o apoio que tem recebido "traz imensa esperança".

"Dom era muito especial, não apenas por defender aquilo em que acreditava, mas também por ter um coração enorme e um grande amor pela humanidade", completou.

"Ele foi morto porque tentava dizer ao mundo o que está acontecendo com a floresta e seus habitantes", afirmou a irmã, Sian Phillips. "Dom entendia a necessidade de mudança urgente na abordagem política e econômica pela conservação."

Ela lembrou que o irmão e a esposa planejavam adotar duas crianças. "Lembramos de Dom como um irmão amoroso, engraçado e legal. Ficamos tristes que ele não poderá compartilhar essas qualidades como pai."

Em frente ao cemitério onde Phillips foi velado, um grupo de manifestantes segurava uma faixa pedindo justiça. "O Brasil é o país que mais assassina defensores de direitos humanos no mundo. Isso precisa ser espalhado", disse Fabiana Amorim, do movimento Juntos.

O corpo de Phillips seria cremado neste domingo.

As mortes jogaram pressão sobre Jair Bolsonaro (PL) ao evidenciar a atuação de grupos criminosos na Amazônia.

Pesquisa Datafolha divulgada neste sábado (25) aponta que 49% dos brasileiros acreditam que o governo fez menos do que deveria para investigar o caso.

As autoridades já prenderam três homens suspeitos pelas mortes. Foi a partir da confissão de culpa de um deles, o pescador Amarildo da Costa Oliveira, o Pelado, que a PF encontrou os corpos das vítimas, na região do Vale do Javari.

O corpo de Pereira foi cremado na quinta (24), após cerimônia com participação de indígenas xukuru, do agreste. Eles começaram seus rituais de encantamento de madrugada e, durante o velório, dançaram e cantaram em sua memória.

Acordo do TSE contra fake news tem baixa adesão de religiosos

De 33 líderes ou representantes de entidades convidados pelo tribunal eleitoral, apenas 13 assinaram o documento

Mateus Vargas

BRASÍLIA O TSE (Tribunal Superior Eleitoral) convidou 33 líderes ou representantes de entidades religiosas para assinar um acordo contra fake news nas eleições, mas conseguiu apoio efetivo de apenas 13 nomes.

A ideia do tribunal era receber a assinatura de aliados do presidente Jair Bolsonaro (PL), como o empresário Carlos Wizard, além do líder da bancada evangélica, o deputado Sóstenes Cavalcante (União Brasil-RJ), mas eles não endossaram o acordo.

Também foram convidados, mas não apoiaram o termo de cooperação, representantes de grandes igrejas evangélicas.

O TSE buscou, entre outros nomes, o bispo Abner Ferreira, presidente da Assembleia de Deus, Ministério de Madureira, o pastor Samuel Câmara, presidente da CADB (Convenção da Assembleia de Deus do Brasil), e o bispo Eduardo Bravo, presidente da Unigrejas. Bravo chegou a afirmar à Folha, dias antes do evento, que assinaria o documento.

Depois, em nota, o presidente da Unigrejas disse que resolveu ficar como observador pois havia "temas sensíveis em pauta, como o chamado combate à desinformação".

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Edson Fachin, durante evento Pedro Ladeira - 23.fev.22/Folhapress

Já o deputado Sóstenes afirmou que não participou por "razões pessoais". As listas dos convidados e de quem assinou o documento foram entregues pelo tribunal à Folha via Lei de Acesso à Informação.

Procurado, o TSE não se manifestou sobre os pedidos rejeitados de apoio ao termo.

O tribunal recebeu apoio de entidades de juristas evangélicos, islâmicos e espíritas. Também participaram do evento em 6 de junho e assinaram o documento representantes dos adventistas, judeus, budistas e de religiões afro-brasileiras.

No acordo, as lideranças religiosas se comprometeram a promover a "exclusão da violência durante as pregações, sermões e homilias, ou ainda em declarações públicas ou publicações que venham a fazer".

A ideia do TSE é reduzir a resistência ao sistema de voto, no momento em que Bolsonaro realiza ataques às urnas e faz ameaças golpistas.

"Democracia, ordem jurídica e religião partilham, para além do caráter necessário e vital, o fato de que pressupõem, em conexão com a busca incessante por justiça, a consolidação de um estado firme e indeclinável de aceitação e respeito", afirmou o presidente do TSE, Edson Fachin, durante o evento.

O presidente do tribunal disse que a proposta é defender a "natureza pacífica das eleições" e que a Justiça Eleitoral enfrenta "dificuldades inusuais".

"Como decorrência da crescente intolerância, do progressivo esgarçamento de laços e, sobretudo, do evidente processo de degradação de valores decorrente da expansão irrefreada do fenômeno da desinformação", disse o magistrado.

Horas antes do evento de assinatura do termo de cooperação, o pastor Silas Malafaia, aliado de Bolsonaro, publicou um vídeo nas redes sociais chamando Fachin de "esquerdopata de carteirinha". Ele cobrou boicote ao documento.

"Foi um fiasco. Uma das maiores religiões do país não tem os representantes legais. Ele [Fachin] fez isso com interesses políticos para isolar o presidente [Bolsonaro]", afirmou Malafaia à Folha.

O tribunal também convidou alguns escritores para assinarem o pacto, como Augusto Cury. A Folha não conseguiu contato com ele.

Também foi enquadrado na categoria "escritor", no convite da corte, o empresário Carlos Wizard. Procurado, ele não quis explicar a razão de não ter assinado com o TSE.

A CPI da Covid-19 sugeriu o indiciamento de Wizard pelos crimes de epidemia com resultado morte e incitação ao crime. Ele foi um incentivador do uso de medicamentos sem eficácia para a Covid, como a hidroxicloroquina.

Um dos articuladores do evento do TSE, e signatários do pacto, é William Douglas, juiz do TRF (Tribunal Regional Federal) da 2ª Região.

Douglas era um dos nomes avaliados por Bolsonaro para preencher a vaga de "terrivelmente evangélico" no STF, que ficou com André Mendonça.

O TSE também convidou alguns líderes religiosos que foram representados, no evento, por outros nomes, caso da monja Coen Rosh. Ela não esteve na cerimônia do tribunal, mas o documento foi assinado pelo monge Keizo Doi.

Em outros casos, o convite foi feito ao presidente de uma entidade, que acabou representado no evento por um subordinado.

Os 13 signatários do termo de cooperação com o TSE

- **Márcio de Jagun** fundador do Instituto Orí
- **Nilce Naira** coordenadora da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde
- **Keizo Doi** monge regente do Templo Shin Budista Terra Pura
- **David Raimundwwzo Santos** fundador da ONG Educafro
- **Joel Portella Amado** secretário-geral da CNBB
- **Hélio Ribeiro** vice-presidente da Ajebrasil (Associação Jurídico-Espírita do Brasil)
- **Edna Zilli** presidente da Anajure (Associação Nacional de Juristas Evangélicos)
- **Stéfanne Amorim Ortelan** encarregada de política de proteção de dados da Aneasd (Associação Nacional de Entidades Adventistas do Sétimo Dia)
- **Thiago Crucitti** diretor-executivo da ONG Visão Mundial
- **Welinton Pereira da Silva** diretor de relações institucionais da ONG Visão Mundial
- **Daniel Bialski** primeiro vice-presidente da Conib (Confederação Israelita do Brasil)
- **Girrad Mahmoud Sammour** presidente da Anaji (Associação Nacional de Juristas Islâmicos)
- **William Douglas** Desembargador federal do TRF 2ª

TCU retoma processo sobre Lava Jato, pede rapidez e pode tornar Deltan inelegível

Ranier Bragon

BRASÍLIA A decisão deste sábado (25) do STJ (Superior Tribunal de Justiça) de reativar a apuração do TCU (Tribunal de Contas da União) sobre gastos da Lava Jato estreitou os prazos de Deltan Dallagnol, ex-procurador e ex-coordenador da força-tarefa, que tem até a quarta-feira (29) para apresentar sua defesa ao órgão.

Depois disso, o caso deve ser colocado rapidamente na pauta de julgamentos. Se condenado, Deltan deverá ser enquadrado na Lei da Ficha Limpa e ficar inelegível por oito anos, a não ser que consiga reverter a situação nos tribunais superiores.

O relator do caso no TCU, ministro Bruno Dantas, emitiu despacho no sábado determinando a retomada do processo e orientando a área técnica a, após a apresentação da defesa, instruir o processo com a "máxima brevidade possível" diante do "risco de prescrição".

O ex-procurador Deltan Dallagnol em cerimônia de filiação ao Podemos Theo Marques - 10.dez.21/UOL

Chefe da força-tarefa de procuradores da Lava Jato que jogou por terra boa parte dos pilares do mundo político entre 2014 e 2018, Deltan foi exonerado do cargo, a pedido, em 3 de novembro de 2021.

Na ocasião, a Lava Jato já enfrentava um contínuo processo de desgaste e desmonte iniciado após o ingresso do ex-juiz Sergio Moro (União Brasil) no governo de Jair Bolsonaro (PL) e as revelações de conversas que levantaram suspeitas de que magistrado e procuradores agiram de forma parcial nas investigações e julgamentos.

Deltan se filiou ao Podemos e manifesta a intenção de se candidatar a deputado federal nas eleições de outubro. Ocorre que a Lei da Ficha Limpa determina a inelegibilidade de oito anos para agentes públicos que tiverem suas contas "rejeitadas por irregularidade insanável que configure ato doloso de improbidade administrativa, e por decisão irrecorrível do órgão competente, salvo se esta houver sido suspensa ou anulada pelo Poder Judiciário".

O TCU instaurou a chamada "tomada de contas especial" —processo administrativo para apurar dano à administração pública federal, com responsabilização dos agentes e determinação de ressarcimento— após representação do subprocurador-geral do Ministério Público junto ao TCU, Lucas Furtado, e de parlamentares que questionavam os gastos com diárias e passagens da Operação Lava Jato.

Em abril, o TCU determinou a citação dos investigados, que também incluem o ex-procurador-geral da República Rodrigo Janot, que também se filiou recentemente ao Podemos. Janot é citado por não ter coibido as supostas irregularidades.

Na época, o tribunal apontou que procuradores que trabalhavam em Curitiba receberam diárias mesmo tendo domicílio na capital do Paraná, entre outros supostos desvios. O dano ao erário foi calculado em R$ 2,8 milhões, em valores atualizados.

Deltan divulgou nota no sábado acusando Bruno Dantas de agir com motivação política. "A decisão do STJ não tocou no mérito do processo, em que já há manifestação judicial no sentido de que o procedimento do TCU é ilegal e abusivo, havendo inclusive indícios de quebra de impessoalidade (suspeição) do ministro Bruno Dantas, o que caracteriza retaliação política por meu trabalho na Operação Lava Jato por parte de um ministro que estava no jantar de lançamento da pré-candidatura do ex-presidente Lula."

Procurado, Dantas afirmou que só se manifesta sobre o caso nos autos. A Folha enviou pergunta a Deltan sobre o risco de inelegibilidade, mas não obteve resposta. A reportagem não conseguiu contato com Janot.

Os candidatos às eleições de outubro serão oficializados nas convenções partidárias, que vão de 20 de julho a 5 de agosto. Após isso, ocorre o registro das candidaturas.

É nesse momento que será verificada, formalmente, a elegibilidade dos candidatos. Os pedidos de registro podem ser impugnados por qualquer outro candidato, por partido político ou pelo Ministério Público Eleitoral, no prazo de cinco dias. A partir daí, a Justiça decide o caso, que, em última instância, pode parar no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e no STF (Supremo Tribunal Federal).

Deltan deve ter a sua possível candidatura impugnada por adversários também por outro motivo, a tese jurídica de que ele já estaria inelegível por ter pedido exoneração do cargo de procurador com o objetivo de escapar de punições administrativas no Ministério Público.

Deltan pediu exoneração em meio a uma série de reclamações disciplinares contra ele no CNMP (Conselho Nacional do Ministério Público) e apenas 16 dias após o órgão aplicar pena de demissão ao procurador Diogo Castor de Mattos, membro de sua equipe, pela contratação de um outdoor em homenagem à operação.

Embora o CNMP diga que não havia na data de exoneração de Deltan nenhum Processo Administrativo Disciplinar aberto contra ele no órgão, apenas reclamações disciplinares, o então procurador havia ingressado no STF com recurso contra decisão de um processo administrativo anterior.

Com isso, adversários dizem considerar que o processo ainda estava aberto. Deltan disse considerar não haver nenhuma chance de essa impugnação prosperar.

Juiz responsável pelos casos da Lava Jato, Moro também tem enfrentado percalços em sua tentativa de primeira candidatura. Após o naufrágio de sua postulação à Presidência da República, o TRE (Tribunal Regional Eleitoral) de São Paulo decidiu rejeitar a mudança de domicílio eleitoral do ex-juiz do Paraná para São Paulo. Moro agora avalia uma candidatura ao Governo do Paraná.

Gilmar recebe diagnóstico de Covid após jantar

BRASÍLIA Quatro dias após participar de um jantar com a presença do presidente Jair Bolsonaro (PL) e cerca de 40 integrantes dos três Poderes, o ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Gilmar Mendes recebeu diagnóstico de Covid-19.

O ministro, que tem 66 anos, passa bem e teve sintomas leves, segundo o Supremo, em nota divulgada neste domingo (26). Ele está em Lisboa, onde fez o teste que apresentou resultado positivo para a doença, e participará dos eventos previstos para a semana de forma virtual.

O decano do STF está com a vacinação completa contra a doença, incluindo duas doses de reforço. É a primeira vez que ele recebe diagnóstico de Covid-19.

Na última semana, Gilmar participou de uma série de eventos que comemoram os 20 anos de ingresso no STF. Antes, ele havia sido advogado-geral da União no governo Fernando Henrique Cardoso (PSDB).

Na quarta (22), esteve em um jantar oferecido em sua homenagem pelo presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL). O rol de convidados incluiu, além Bolsonaro, os ministros do Supremo Alexandre de Moraes, André Mendonça, Ricardo Lewandowski e Kassio Nunes Marques. Mendonça teve diagnóstico de Covid no último dia 15.

No jantar, Bolsonaro e Moraes conversaram a portas fechadas. Foi a primeira conversa dos dois desde que o chefe do Executivo passou a se queixar publicamente de uma suposta quebra de acordo por parte do ministro, no ano passado, em meio às convocações golpistas feitas por Bolsonaro para os atos do 7 de Setembro de 2021.

Guerra às mulheres, guerra à imprensa

Os veículos precisam exigir que o TJ-SP reconheça a razão de Patrícia Campos Mello

Celso Rocha de Barros
Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra)

Nesta semana o Tribunal de Justiça de São Paulo decidirá se Jair Bolsonaro tem o direito de ofender sexualmente uma jornalista que desmascarou seus crimes. Caso decida a favor do criminoso, declarará, ao mesmo tempo, guerra à imprensa e guerra às mulheres brasileiras.

Se eu fosse Jair Bolsonaro, também odiaria Patricia Campos Mello.

Em primeiro lugar, porque ela é uma mulher que fez o que os bolsonaristas gostam de mentir que teriam coragem de fazer: ela foi à guerra. Patrícia foi enviada especial da Folha na Síria durante a guerra civil, em uma cidade sob ataque do Estado Islâmico. Ou seja, antes de sofrer ataques de Bolsonaro, ela já tinha visto extremistas que odeiam mulheres tanto quanto ele.

Mas o motivo dos ataques de Bolsonaro a Campos Mello tem origem muito clara: ainda durante a campanha de 2018, a jornalista revelou ao país como funcionava o que chamou de "máquina de ódio" bolsonarista: disparos de WhatsApp financiados ilegalmente com notícias falsas sobre os outros candidatos.

Os ataques a Patrícia visavam desqualificar a denúncia desqualificando a denunciante. Quando Bolsonaro atacava Campos Mello, era como se dissesse a seus seguidores "ofendam essa mulher, ofendam-na como vocês jamais ofenderiam uma mulher que vocês conhecem pessoalmente, porque ela descobriu que meus seguidores cometeram crimes".

Os seguidores obedeceram: são bolsonaristas por causa de situações como essa, em que a obediência lhes tira a responsabilidade de praticar vilezas que eles não teriam coragem de fazer sem uma ordem.

O silêncio da ministra Damares Alves diante do ódio de Bolsonaro às jornalistas mulheres é especialmente vergonhoso. O que ela faria se fosse vítima da mesma mentira que Bolsonaro contou sobre Patrícia Campos Mello?

Mas não foi só sordidez: os bolsonaristas difamam Campos Mello para manipular algoritmos em redes sociais, associando seu nome antes às ofensas de caráter sexual do que à denúncia da máquina do ódio bolsonarista.

Nos últimos anos, todos os ex-aliados de Bolsonaro, de Santos Cruz a Sergio Moro, de Mandetta a João Doria, descobriram o que a esquerda já sabia e a reportagem de Patrícia Campos Mello mostrou em 2018: a máquina do ódio é a essência do modo bolsonarista de fazer política.

Se tivéssemos punido os crimes que Campos Mello denunciou em 2018, Bolsonaro teria caído cedo. Os crimes de Bolsonaro na pandemia, que custaram as vidas de centenas de milhares de brasileiros, não teriam acontecido. Há muitas centenas de milhares de órfãos no Brasil porque Jair Bolsonaro conseguiu abafar as denúncias durante a eleição. Quase todos os brasileiros são mais pobres porque os algoritmos promovem as ofensas ao invés da denúncia.

Por isso, nesta semana, todos os veículos de imprensa, de esquerda ou de direita, mainstream ou alternativos, precisam defender Patrícia Campos Mello e exigir que o Tribunal de Justiça de São Paulo lhe reconheça a razão que ela já tem.

Não é só questão de solidariedade humana básica: trata-se de impedir que um governo autoritário enterre uma denúncia sob uma avalanche de ofensas.

Nesta semana devem votar os desembargadores Silvério da Silva e Theodureto Camargo. Todos contamos que votarão a favor a favor de Patrícia, a favor das mulheres e contra o autoritarismo.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | **TER. Joel Pinheiro da Fonseca** | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Ciro reorganiza estratégia e vende disruptura para tentar se diferenciar

Terceiro colocado nas pesquisas, ele se diz em guerra contra o sistema e polemiza com propostas

Joelmir Tavares

SÃO PAULO O presidenciável Ciro Gomes (PDT) fez ajustes no discurso de campanha para reforçar a ideia de que é o mais indicado para fazer o que descreve como disruptura necessária para o país. Na tentativa de deixar o terceiro lugar nas pesquisas, ele busca para si o papel de candidato antissistema.

Com oscilações apenas dentro da margem de erro desde março no Datafolha, o ex-ministro marcou 8% no levantamento divulgado na quinta-feira (23), mas diz acreditar ser possível transpor a muralha representada por Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL).

O pedetista compara a soma de 75% de intenções de voto obtida pelos dois líderes da corrida no primeiro turno a uma barragem com rachaduras. Pela analogia, a represa pode se romper graças aos eleitores de ambos que mais cedo ou mais tarde repensarão sua decisão.

Ciro Gomes (PDT) durante lançamento de sua pré-candidatura à Presidência, em Brasília Pedro Ladeira - 21.jan.2022/Folhapress

A tese se choca com as atuais sondagens. Segundo a nova pesquisa, cerca de 80% dos que já optaram por Lula ou por Bolsonaro estão plenamente convictos da decisão. Ciro encara situação inversa: 66% dos que declaram voto nele admitem ainda mudar, e a tendência é trocá-lo pelo petista.

Estagnado nas pesquisas, embora frise que elas retratem o momento, e sem perspectiva de alianças partidárias, o ex-ministro mantém a toada de criticar na mesma intensidade Lula e Bolsonaro, mas passou a salpicar suas falas com mais referências às suas propostas de guinada radical.

É nesse contexto que aparece mais vezes a ideia de disruptura, questão que o pedetista pretende encarnar. Ele usa o termo para dizer que o acúmulo de governos com os mesmos modelos político e econômico evidencia a urgência de um rompimento drástico.

É "quase impossível" ganhar, Ciro afirmou à rádio CBN na terça-feira (21), mas sua esperança reside no fato de que "ciclicamente o povo brasileiro produz essas grandes disrupturas". Para ele, os eleitores até ensaiaram um movimento do tipo ao eleger Bolsonaro, mas só o farão de verdade se agora o escolherem.

Muito conhecido (86% sabem quem ele é) e com o terceiro maior índice de rejeição (24% não votariam nele de jeito nenhum), Ciro aposta no trabalho de João Santana, ex-marqueteiro de campanhas eleitorais do PT, para deslanchar no período oficial de campanha, entre agosto e o início de outubro.

A análise predominante na ciência política, no universo partidário e no mercado, hoje, considera remota a chance de reviravolta no quadro altamente polarizado. O nome do PDT sonha em ir ao segundo turno contra Lula, mas seu eleitorado é pressionado a dar voto útil ao petista contra Bolsonaro.

Apresentar-se como alguém em guerra contra o atual estado de coisas também é algo recorrente na oratória cirista em sua quarta tentativa de conquistar a Presidência da República.

Dizendo-se "o único candidato contra esse sistema", como fez no início do mês em viagem ao Rio Grande do Sul, ele tem traduzido esse desejo de mudança em propostas algo controversas.

Uma delas, pela qual tem sido indagado, é a de convidar a diretoria do Banco Central, cujo mandato vai até 2024, a renunciar no primeiro dia de seu eventual governo — se houver recusa, a alternativa é prisão em flagrante, ferramenta prevista "para quem comete crime continuado", afirmou ele.

Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 2.556 pessoas com 16 anos ou mais em 181 municípios nos dias 22 e 23 de junho. A margem de erro máxima é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%

> A minha grande ferramenta é a minha palavra, mas, se necessário, eu desço na periferia e organizo a rapaziada
>
> **Ciro Gomes**
> pré-candidato (PDT) a presidente

Ciro prega a derrubada do tripé macroeconômico e não vê perspectiva de isso ocorrer com o atual presidente do BC, Roberto Campos Neto. Lula já manifestou vontade de manter Campos Neto no posto caso saia vitorioso no pleito de outubro. Já o pedetista diz que revogará a autonomia da instituição se eleito.

O presidenciável do PDT promete ainda um tratamento diferenciado ao Congresso, com uma relação eminentemente técnica, em torno de projetos, e menos de costuras políticas. Fala em repelir negociatas, conchavos e outros meios vistos por ele como intimamente ligados à corrupção.

Em seu eventual governo, a interação com o Parlamento também seria afetada pelo fim das emendas de relator e pela ideia de encaminhar "as grandes decisões" do país via plebiscitos e referendos populares. Elas seriam votadas "diretamente pelo povo", substituindo funções do Legislativo.

A resposta dele às críticas é a de que, na hipótese de atravessar a barreira vigente e ser ungido o condutor de um novo sistema, começará o mandato com força política imensa. Em sua ótica, o fenômeno arrastaria junto bancadas alinhadas a seu projeto e inibiria pressões do Congresso sobre o Planalto.

O plano seria consultar a população já no primeiro semestre sobre, por exemplo, uma reforma tributária. Outra transformação que anuncia é a promessa de não tentar a reeleição.

Sua campanha, em nota à **Folha**, diz que ele "é o único pré-candidato que apresenta propostas claras de mudanças" e que "não é fácil pedir a um pedaço do sistema" que participe da própria metamorfose.

O comitê diz que a mensagem de Ciro como igualmente oposto a Lula e Bolsonaro já atingiu um bom patamar de fixação e continuará sendo explorada, mas "vai se consolidar ainda mais à medida que diminuam a dispersão e o desinteresse do eleitor com relação às eleições".

O entendimento da campanha cirista é o de que a prioridade agora é difundir ao máximo o discurso e as propostas, já que a expectativa é que "a barragem se rompa à medida que o pleito se aproximar".

Pelo diagnóstico dos estrategistas de Ciro, a maioria dos brasileiros, inclusive parte dos que dizem apoiar Lula e Bolsonaro, anda insatisfeita com o atual modelo político. Muitos, porém, estariam na fase intermediária, de "saberem apenas o que não querem", sem clareza do que realmente desejam.

Ciro tem reconhecido abertamente que não é o favorito na corrida presidencial e que enfrenta uma tarefa das mais difíceis de sua trajetória na política.

Seu isolamento partidário, que por enquanto o deixa sem coligação, é atribuído a um fator simples: "As minhas ideias", conforme resumiu há alguns dias em entrevista ao portal G1.

Na ocasião, também deu pistas de como reagirá caso Bolsonaro cumpra as reiteradas ameaças de golpe eleitoral e de não reconhecer uma eventual derrota. Ciro sugeriu comandar um levante.

"A minha grande ferramenta é a minha palavra, a minha autoridade moral, mas, se for necessário, eu também desço na periferia e organizo a rapaziada."

mundo

Haitianos carregam seus pertences ao fugir de embates entre gangues em Porto Príncipe Ralph Tedy Erol - 2.mai.22/Reuters

Relembre tragédias que assolam o Haiti

Assassinato do presidente
Em 7 de julho de 2021, o presidente do país, Jovenel Moïse, 53, foi morto a tiros em sua residência. O episódio deixou um vácuo de poder que agravou a instabilidade política no país

Terremoto em 2021
Um terremoto de magnitude 7,2, no dia 14 de agosto de 2021, matou mais de 2.000 pessoas e destruiu 53 mil residências

Violência de gangues
Grupos criminosos armados aterrorizam a população com sequestros, assassinatos, extorsões e violência sexual e vêm ampliando o controle territorial. Estima-se que dominam mais da metade do país

Covid-19
O Haiti foi especialmente afetado pela alta no preço de produtos básicos e pela redução da atividade econômica durante as restrições. Foi também um dos últimos países do mundo a começar a vacinação —menos de 2% da população recebeu uma dose do imunizante.

Crianças morrem no Haiti enquanto esperam visto para viajar ao Brasil

Entraves para reunião familiar incluem dificuldade de agendamento e inexistência de voos

Flávia Mantovani

SÃO PAULO Jameson Blanc, 29, conheceu seu filho Raynju Riguelme por apenas alguns dias. Logo depois do parto, em 2019, o haitiano migrou para o Brasil, onde esperava juntar dinheiro para trazer a esposa e a criança. Em setembro de 2021, o imigrante, que trabalha em Joinville (SC), pediu um empréstimo e começou a tentar o processo de reunificação familiar. Não deu tempo: Raynju ficou doente e acabou morrendo, aos dois anos, no início de 2022.

"Ele teve uma febre muito forte, tipo uma infecção. Passou meses internado, mas faleceu", diz Jameson, que nunca soube a causa da morte do filho. Agora, Blanc tenta trazer a mulher ao Brasil, mas não conseguiu vencer a burocracia. "Ela ficou bastante abalada com tudo o que aconteceu."

Nascidos em um país devastado por desastres naturais e pela pobreza, haitianos têm direito a um visto de acolhida humanitária no Brasil, que foi renovado há dois meses. Eles também podem trazer seus parentes, que precisam obter um visto de reunião familiar.

Com o agravamento da instabilidade política, econômica e social no Haiti —por razões como o assassinato do presidente Jovenel Moïse, um forte terremoto em 2021 e o fortalecimento de gangues criminosas—, imigrantes que vivem no Brasil correram para tentar trazer seus filhos e cônjuges.

Mas a dificuldade para obter o visto é tanta que muitos estão aguardando há um ano e meio ou mais. A falta de voos entre os dois países é outro entrave que impede a viagem mesmo dos que estão com a documentação em dia.

O imbróglio chegou à Justiça, com milhares de ações solicitando a reunião familiar urgente sem a necessidade de passar pela burocracia usual. Alguns voos fretados já trouxeram passageiros que obtiveram liminares, a maioria crianças que vieram se unir aos pais.

Nos processos, os advogados alegam que o visto, concedido na embaixada brasileira em Porto Príncipe, é praticamente impossível de se obter, devido à dificuldade de agendamento —a demanda, que já superava em milhares de vezes a oferta de vagas, ficou ainda maior com a suspensão de novos pedidos durante 15 meses em decorrência da pandemia.

Também há denúncias de cobrança de propina para acessar a representação diplomática, algo que chegou a ser investigado pelo governo brasileiro em anos anteriores.

Os advogados argumentam que a reunião familiar é garantida pela Lei de Migração e por tratados internacionais assinados pelo Brasil. "É um direito consagrado por lei. O Brasil trata tudo como visto, mas deveria ser um processo separado", defende a advogada Débora Pinter, que representa centenas de famílias. "Eles tentam agendar online, mas o sistema trava."

Pinter e outros advogados vinham conseguindo sentenças favoráveis. Em abril, porém, o presidente do Superior Tribunal de Justiça, Humberto Martins, entendeu que os haitianos não têm direito a trazer familiares fora do procedimento burocrático tradicional, sob a alegação de "risco de comprometimento da política migratória nacional". À época, a Ordem dos Advogados do Brasil de Santa Catarina divulgou uma nota criticando a decisão, que considera inconstitucional.

O efeito dessa sentença sobre tribunais inferiores fez cair drasticamente a aprovação de pedidos —Aline Jamile Nossabein, outra advogada, estima que a queda tenha sido de 70%. Ela já conseguiu trazer mais de cem haitianos para reunião familiar via processo judicial, mas atende centenas que estão aguardando.

Nossabein mostrou à **Folha** fotos, vídeos e relatos que recebe de seus clientes. As histórias incluem familiares que morreram enquanto esperam, massacres na vizinhança de suas casas e crianças vivendo em barracas precárias. "Perdi muitos clientes neste ano. Pessoas que se matam, morrem por bala perdida, infecção."

Para ela, o sistema é ineficiente. "As vagas somem em menos de um minuto. Temos clientes que estão há dois anos tentando. Não existe outra possibilidade que não seja por via judicial", afirma. "E são pessoas com carteira de trabalho assinada, que provam que vão sustentar os familiares aqui. Deveriam ser prioridade."

Segundo o Itamaraty, a embaixada em Porto Príncipe é o posto diplomático brasileiro que mais expede vistos no mundo. Foram quase 12 mil em 2020 e 2021, "apesar das dificuldades advindas da pandemia da Covid-19", diz a pasta.

> Estou sofrendo demais. Há muito tempo tento o visto para as crianças, mas nunca consigo. Tenho medo de que algo aconteça com eles. O Haiti é um inferno
>
> **Abner Pierre**
> haitiano que mora em Caxias do Sul (RS)

O ministério cita um acordo feito em 2015 com a Organização Internacional para as Migrações (OIM). A entidade ficou responsável pelo pré-processamento de vistos na capital haitiana, por meio de um site controlado de sua sede, na Suíça, para inibir fraudes.

Enquanto isso, familiares dos imigrantes haitianos sofrem uma rotina de privações e violência. Morador de Caxias do Sul (RS), Abner Pierre, 42, tenta há meses trazer os três filhos para perto dele e de sua esposa. A mais velha, Rosedarling, tinha 19 anos quando foi morta em um assalto há algumas semanas.

"Ela saiu para buscar um telefone e foi abordada por dois bandidos", conta Pierre. Os dois outros filhos, de 9 e 12 anos, estavam com a avó, mas ela está doente e não pode mais cuidar deles. "Estou sofrendo demais. Há muito tempo tento o visto para as crianças, mas nunca consigo. Tenho medo de que algo aconteça com elas. O Haiti é um inferno."

Uma das entrevistadas, Meloune Duclair, 37, chorou ao falar com a reportagem. A haitiana trabalha em um frigorífico em Braço do Norte (SC) e tenta trazer as filhas de 5 e 15 anos. Elas eram cuidadas por uma tia, que está hospitalizada após sofrer um acidente. "As meninas estão em casa sem um adulto, passando fome. Eu mando dinheiro [por intermediários], mas muitas vezes não entregam para elas. Não sei o que fazer, estou ficando louca de preocupação."

TODA MÍDIA | **Nelson de Sá**
nelson.sa@grupofolha.com.br

'Enfraquecido', G7 não previu 'economias ocidentais expostas'

No alto da Bloomberg, com a foto oficial, "Vista deslumbrante de montanha não esconde humor sombrio entre líderes do G7". Resulta sobretudo da inflação que "ruge", mas também da "ansiedade com popularidade de Biden".

Os líderes "lutam com aumento de energia e alimentos", enquanto "os cofres de Putin continuam a engordar". Logo abaixo, sobre a proposta americana de um "teto para o preço do petróleo", a Bloomberg diz que "é pura fantasia".

Nos jornais americanos, a atenção foi menor, mas o humor era o mesmo. No Wall Street Journal, "Líderes do G7 enfraquecidos por inflação e impaciência em seus países".

Ressalta que "as consequências da guerra econômica com a Rússia começam a doer", já com "reveses" políticos, inclusive Biden. "Mas as condições na Europa são piores", sobretudo na Alemanha, diz o WSJ.

O New York Times deu a chamada "Países ocidentais enfrentam dificuldades crescentes, enquanto sanções têm pouco impacto na Rússia". Os líderes "não esperavam", não tinham "projetado as economias ocidentais tão expostas".

Depois o jornal se voltou para o alerta de que a "corrida para substituir os combustíveis fósseis russos" está vitimando a luta contra a mudança do clima, com "ressurgimento" de carvão, petróleo e gás. Também o WSJ ressaltou que o movimento ocidental ameaça as metas assumidas.

As duas publicações reagiam à proposta da Alemanha ao G7, noticiada na Bloomberg, para o grupo suspender o compromisso de não financiar projetos de combustível fóssil no exterior. Se passar, diz o NYT, "vai ficar difícil persuadir o resto do mundo".

O governo alemão já voltou a financiar combustível fóssil na África, "violando seu próprio compromisso", além de subsidiar gasolina e estender o uso de geradores a carvão —estimulando outros europeus a fazer o mesmo, como Holanda, Áustria e Itália.

ESQUERDA ESCONDIDA Nos jornais alemães, a virada de seu governo tem menos atenção. O Süddeutsche Zeitung, da região onde ocorre a cúpula do G7, noticiou que os protestos caíram em relação à edição anterior no país, sete anos atrás. "A baixa participação se deve aos dois partidos do governo", social-democratas e verdes, que desta vez "se escondem".

AMDH nador

QUÃO BAIXO DESCEU
Com a atenção na Espanha voltada para a reunião da Otan na terça (28), mal se noticia que 37 africanos foram mortos ao tentar entrar no país; uma exceção é o Süddeutsche, que vê 'Um novo abismo para a Europa', diante do líder espanhol, que 'elogiou —sim, elogiou— o trabalho extraordinário das nossas forças de segurança'; pergunta o jornal alemão: 'Quão baixo o moral desceu na Europa para um político de esquerda falar tão insensivelmente? Ele aprova que os guardas de fronteira empilhem pessoas?'

Pesadelo americano

Decisão dos EUA contra aborto é começo de longa marcha para o atraso

Mathias Alencastro

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

A cruel abolição do direito federal ao aborto na única nação desenvolvida que carece de sistema de saúde público e amarga uma das maiores taxas de mortalidade materna é apenas o começo de uma longa marcha para o atraso.

Ela abre o caminho para o desmantelamento do arcabouço jurídico que assegura os fundamentos mínimos da justiça social nos Estados Unidos. Junto com o inquérito sobre a invasão do Capitólio, que corre em paralelo à ofensiva da Suprema Corte, a restrição do aborto revela o caráter multidimensional do que vem sendo chamado de "declínio americano".

A cada vez mais evidente derrota na sua "batalha pela alma da América" também enfraquece Joe Biden de maneira decisiva. Se a decisão da Suprema Corte é o resultado de décadas de ativismo judicial dos republicanos, Biden parece incapaz de canalizar a revolta social.

Seu predecessor Barack Obama pelo menos dissimulava a impotência dos democratas com a sua maestria retórica. Mais importante ainda, os retrocessos institucionais abalam a principal promessa na política externa do governo Biden: "liderar não pelo exemplo do nosso poder, mas pelo poder do nosso exemplo".

A partir de amanhã, os EUA serão conhecidos por ter um governo que exalta os direitos sexuais e reprodutivos nos fóruns internacionais, enquanto assiste aos estados mais conservadores votarem restrições semelhantes às que estão em vigor no Irã.

Um governo que envia o humanista John Kerry para viajar o mundo em busca de novos acordos climáticos, mas que é incapaz de implementar qualquer tipo de medida nessa matéria porque um senador democrata também é barão da indústria fóssil.

Um governo que ataca Moscou pelas violações de direitos humanos na Ucrânia, porém se prepara para reabilitar um autocrata saudita conhecido por ordenar o esquartejamento de um jornalista. Um governo que adora dar notas de comportamento para as democracias da América Latina embora uma parte cada vez maior da classe política local conteste a legitimidade da última eleição presidencial.

Um governo ao leme de uma máquina militar pujante e de uma fábrica social falida, o que condena os seus diplomatas a promoverem um país que está deixando de existir.

A contradição entre o que os EUA pretendem ser e o que eles realmente são, um traço característico do governo Biden, poderá ficar resolvida no próximo ciclo eleitoral. Ainda este ano, as eleições de meio de mandato devem confirmar a percepção de que o país vive um novo "momento Carter", em referência ao presidente democrata que serviu de interlúdio entre duas eras republicanas, a de Richard Nixon e a de Ronald Reagan. Com a diferença que, se a radicalização republicana nos anos 1980 se deu na economia, os ataques no futuro atentarão contra a democracia e os direitos fundamentais.

Se a abertura dessa nova era conservadora se confirmar nas eleições de 2024, ela vai colocar em causa, de forma potencialmente irreversível, o lugar da sociedade americana como ideal de progresso no imaginário global.

SEG. Mathias Alencastro | **QUI. Lúcia Guimarães** | SÁB. Tatiana Prazeres, Jaime Spitzcovsky

Rússia bombardeia Kiev durante cúpula do G7

Reunidos na Alemanha, líderes anunciam sanções ao ouro russo e fazem piadas sobre visual de 'macho viril' de Putin

GUERRA DA UCRÂNIA

KIEV | REUTERS E AFP Enquanto líderes do G7, o grupo que reúne as principais economias do mundo, iniciavam cúpula anual na Alemanha, a Rússia voltou a bombardear, neste domingo (26), a capital da Ucrânia. Foi o primeiro ataque a Kiev em três semanas.

Pelo menos uma pessoa morreu e seis ficaram feridas na ofensiva que atingiu um prédio e uma escola infantil, segundo autoridades ucranianas. Moscou nega ter bombardeado áreas residenciais e afirma ter destruído o que seria uma fábrica de mísseis.

Guerra de versões à parte, a ação soa como um recado aos líderes do G7 —EUA, Canadá, Japão, Alemanha, França, Itália e Reino Unido— que anunciaram logo na abertura do encontro sanções à importação de ouro russo. A Rússia é um grande produtor do metal, e a nova retaliação pode ter impacto na capacidade de arrecadação de fundos do presidente Vladimir Putin.

Policial faz buscas em meio a escombros de prédio atingido por explosão de foguete russo em Kharkiv Serguei Bobok/AFP

Sobre o ataque em Kiev, o presidente dos EUA, Joe Biden, disse que foi um "ato de barbárie". O premiê britânico, Boris Johnson, um dos líderes europeus mais críticos às ofensivas da Rússia contra a Ucrânia, fez coro ao americano e afirmou que um eventual recuo dos países ocidentais teria um "preço muito alto".

O tom duro contra Moscou só foi deixado de lado quando líderes do G7 fizeram piadas sobre a imagem de "macho viril" de Putin. Diante dos líderes vestidos de terno na abertura da cúpula, Boris questionou se deveriam tirar seus paletós e outras peças de roupa.

"Temos que mostrar que somos mais durões que Putin", afirmou o britânico, provocando o riso de seus colegas, segundo relatos das agências internacionais de notícias.

"Andar a cavalo sem camisa", emendou o premiê do Canadá, Justin Trudeau, referindo-se ao costume do russo de posar descamisado sobre cavalos.

Enquanto isso, o chanceler ucraniano, Dmitro Kuleba, exigia resposta rápida dos países do G7 contra os novos ataques em Kiev neste domingo. Ele pediu mais armas pesadas para que a Ucrânia se defenda e que haja sanções ainda mais rigorosas contra Moscou.

Pelo menos quatro explosões foram ouvidas na capital ucraniana, no que foi o primeiro ataque à cidade desde o dia 5 de junho, quando uma instalação de reparo de vagões de trens foi atingida. Em um bairro histórico, bombeiros contaram ter retirado dos escombros de um prédio parcialmente destruído uma menina de sete anos ainda com vida. Os socorristas tentavam resgatar a mãe da criança e procuravam outras vítimas.

Segundo a Força Aérea ucraniana, parte dos mísseis foi lançada a partir de bombardeiros que estavam na região de Astrakhan, no sul da Rússia, a mais de mil quilômetros de distância. Moscou disse que tinha como alvo a fábrica de armas Artiom e que os danos ao prédio residencial teriam sido causados por um míssil de defesa antiaéreo ucraniano. "As forças russas atacaram alvos civis em Kiev = falso", disse, em comunicado, o Ministério da Defesa russo.

A 180 km da capital ucraniana, outra pessoa morreu durante um ataque a Tcherkasi, no centro do país. A ofensiva destruiu uma ponte que conectava áreas ocidentais às batalhas no Donbass. Até agora, a cidade vinha sendo poupada no conflito.

"Os russos estão tentando limitar a transferência de nossas reservas e armas ocidentais para o leste", disse Oleksii Arestovitch, assessor do presidente Volodimir Zelenski. "Isso significa que esses tipos de transferências estão indo bem e causando grandes problemas."

Além de Tcherkasi, foram registrados novos ataques em Kharkiv, a segunda maior cidade da Ucrânia. No sábado (25), a Rússia concluiu a tomada da cidade de Severodonestk. A informação foi confirmada pelos ucranianos, que anunciaram a retirada de suas tropas da região que era um dos últimos bolsões de resistência na província de Lugansk.

Moscou anunciou ainda avanços em Lisitchansk, separada de Severodonetsk pelo rio Donets e última cidade ainda sob controle ucraniano na província. Analistas estimam que, se tomarem Lisitchansk, as forças russas devem ter caminho facilitado em direção a Sloviansk e Kramatorsk, na região de Donetsk.

As regiões de Lugansk e Donetsk compõem o Donbass, área que Kiev disputa com grupos separatistas apoiados por Moscou há oito anos.

Leia mais na pág. A17

Parlamento do Equador discute destituição de Lasso

QUITO | REUTERS E AFP Parlamentares do Equador continuaram analisando neste domingo (26) um pedido de destituição do presidente Guillermo Lasso, desgastado por protestos contra o governo e contra o aumento do preço dos combustíveis que reúnem milhares de indígenas há duas semanas.

Ao menos seis civis foram mortos durante as manifestações. O cenário piorou o relacionamento já hostil de Lasso com a Assembleia Nacional, que bloqueou propostas econômicas do presidente.

A pressão sobre Lasso aumentou na sexta-feira (24), depois que um grupo formado por 47 deputados da oposição solicitou formalmente a destituição do presidente. Os parlamentares fazem parte do movimento de oposição Unes, leal ao ex-presidente de esquerda Rafael Correa.

O pedido dos opositores se baseia no impeachment por grave comoção interna devido às greves e protestos liderados pela Conaie (Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador) e que seriam apoiados por inúmeros setores da sociedade, entre os quais estudantes, trabalhadores e camponeses.

Ainda na sexta, o presidente da Assembleia Nacional convocou os legisladores para analisarem o pedido de destituição de Lasso. A Constituição do Equador permite que os parlamentares removam presidentes e façam novas eleições durante uma crise política ou após grandes mobilizações em massa.

As audiências para discussão do tema começaram no sábado (25). Aproximadamente 30 parlamentares falaram contra e a favor do presidente durante quase oito horas no primeiro dia de sessão. A discussão foi retomada às 16h deste domingo (26) no horário local (18h no fuso de Brasília).

Após o fim dos debates, os deputados terão no máximo 72 horas para decidir sobre o destino do presidente. Para avançar, a destituição precisa do apoio de pelo menos 92 dos 137 legisladores no Congresso, no qual a oposição é maioria, mas está fragmentada.

Se o pedido for aprovado, o vice-presidente, Alfredo Borreno, assumirá o governo do Equador e deverá convocar novas eleições presidenciais e legislativas no prazo de sete dias.

Na quinta, Lasso deu o primeiro passo para a retomada do diálogo com os manifestantes. Isolado com Covid, o presidente cedeu a uma das reivindicações e ordenou a saída de militares da Casa da Cultura, local simbólico para os indígenas no centro de Quito.

Neste sábado, o governo equatoriano e lideranças indígenas tiveram as primeiras conversas formais desde que os protestos começaram. No encontro, Lasso se comprometeu a encerrar o estado de exceção que rege seis províncias e a capital do Equador. A medida habilitava o presidente a mobilizar as Forças Armadas para manter a ordem, suspender direitos dos cidadãos e decretar toque de recolher.

"O governo reiterou sua disposição de garantir a criação de espaços para a paz", disse a equipe de Lasso em nota.

O líder da Conaie, Leonidas Iza, afirmou que os bloqueios nas estradas serão desfeitos de forma gradual. Ele disse, porém, que indígenas permanecerão na capital. "Não vamos deixar o sangue derramado de nossos irmãos aqui".

+ Entenda o processo de destituição do líder do Equador

As audiências para discussão do tema começaram no sábado (25) na Assembleia Nacional. Após o fim dos debates, os deputados terão no máximo 72 horas para decidir sobre o destino do presidente. Para avançar, a destituição precisa do apoio de pelo menos 92 dos 137 legisladores no Congresso. Se o pedido for aprovado, o vice-presidente, Alfredo Borrero, assumirá o governo do Equador e deverá convocar novas eleições presidenciais e legislativas no prazo de sete dias.

entrevista da 2ª

Feliciano Almeida

Made in Brazil hoje exige cuidado devido a questões ambientais

CEO da Michelin diz que o tema pode começar a pesar sobre os produtos nacionais caso países decidam taxar importações

MERCADO

Thiago Bethônico

SÃO PAULO "Qualquer produto brasileiro pode vir a ser barrado se os países quiserem nos taxar por alguma questão ecológica."

A afirmação é feita por Feliciano Almeida, CEO da Michelin na América do Sul. Segundo ele, o risco para as exportações do Brasil é evidente e existe um receio, à medida que algumas nações começam a estudar formas de tributar o carbono e proibir a entrada de mercadorias ligadas ao desmatamento.

A borracha, inclusive, é um dos produtos que podem constar na lista de embargo que a União Europeia pretende implementar. No entanto, o executivo não acredita que isso será um problema para os negócios da empresa.

"Eu estou mais preocupado com o pneu. Fazemos parte do CEBDS (Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável) e sempre falamos que temos de tomar cuidado com o Made in Brazil", afirma.

Apesar do contexto ambiental, ele não percebe uma má vontade com o Brasil e não crê que o país esteja com a imagem arranhada lá fora.

"Os europeus têm um bom senso de saber quais empresas estão trabalhando nesse sentido, mas o país ajudaria também caso seguisse uma prática internacional que fosse melhor percebida."

Divulgação

Feliciano Almeida, 61

Formado em Engenharia Mecânica, trabalha na Michelin desde 1982 e atualmente é CEO da companhia na América do Sul. Antes de assumir o posto, em dezembro de 2020, Almeida foi CEO e presidente da empresa na América Central e já comandou as áreas comercial, marketing e direção geral em regiões como Europa, América do Norte, América do Sul, América Central e Caribe

Em entrevista à **Folha**, o executivo —que está há mais de 40 anos na Michelin e assumiu a presidência na pandemia— conta sobre a estratégia da companhia num cenário de disrupção das cadeias de suprimento e fala sobre o que falta para desenvolver um pneu 100% sustentável.

*

A Michelin está com uma estratégia local-to-local. O que isso significa? Ficou evidente com a chegada da Covid que a globalização tem aspectos positivos, mas também trouxe riscos. Quando a Covid veio do Oriente para o Ocidente, as cadeias de suprimento foram se complicando e estão assim até hoje. Ainda não temos um transporte marítimo com capacidade restabelecida.

A tendência é produzir mais próximo de onde entregamos. Nesse ponto, nós estamos bem, porque a maioria dos nossos produtos fica na América do Sul. Temos algumas exportações para Europa e América do Norte, mas a grande maioria fica aqui.

A questão do local-to-local vai por esse lado, de segurança de suprimentos. Estamos num caminho de buscar essa proximidade, aumentar o número de fornecedores locais.

Também estamos em outro caminho importante. Hoje, 28% do nosso produto é feito de material renovável ou reciclado. Nossa meta é chegar a 40% em 2030 e, até 2050, fazer com que 100% do nosso pneu seja renovável ou que possa ser reciclado e reutilizado. Já começamos a trabalhar nesse sentido e por que não fazer isso no Brasil, que é um país onde já temos um bom fornecimento?

A estratégia local-to-local primeiramente nos ajudaria na redução de CO_2, mas também a desenvolver localmente os materiais que nos levarão a essa meta de 2050.

Existe hoje algum pneu que seja 100% sustentável? Em marcha corrente não. É possível fazer que o pneu chegue net-zero [emissões líquidas zero] no ponto de venda, mas em materiais recicláveis ainda precisamos de alguns desenvolvimentos tecnológicos.

A ideia principal é, na medida do possível, trocar tudo que é fóssil. Na nossa produção, por exemplo, entra muito butadieno [produto químico para borracha sintética]. Na Europa, já usam óleos de beterraba e de outros produtos.

Pode ser que uma startup tenha um pneu 100% sustentável, mas, no nosso caso, não temos tecnologia que faça.

Hoje um pneu é quantos por cento sustentável? No nosso caso é mais ou menos 28%. Basicamente esse é o peso da borracha natural no pneu. Quanto maior o pneu maior o uso de borracha natural. Quanto menor, mais borracha sintética. Na média, 28% é feito com material sustentável.

É um número bom, mas temos que multiplicar por quatro para chegar aos 100% até 2050. Parece muito tempo, mas os desenvolvimentos tecnológicos têm que chegar.

O senhor mencionou que as cadeias de suprimentos estão complicadas. Como a Michelin está sendo afetada? O último grande impacto foi nos portos americanos. Tivemos condicionamento em portos importantes. O lockdown da China chegou num momento muito difícil, eles pararam por muito tempo. Mas tem outro problema que são os contêineres, às vezes eles estão num lugar onde o navio não está.

Outro ponto é que as frotas de navios no mundo estão ocupadas em 98,5%. Os primeiros novos navios devem chegar em 2023. Eles já têm exigências de pegada de carbono e tomaram um bom tempo para serem feitos.

Antigamente, vivíamos num mundo que tinha crises [isoladas]. Agora, as crises vão se acumulando. Não acabou a pandemia, veio a da Ucrânia, depois a da China e agora a da varíola dos macacos.

Como é o ciclo da borracha natural para produção da Michelin, ela ainda é o principal insumo? A borracha natural, em peso, chega aos 28%. Basicamente, um pneu é feito de borracha natural, borracha sintética, cabo de aço e produtos químicos.

Metade da borracha nós compramos localmente e os outros 50% nós importamos. Essa compra local, na maioria dos casos, é feita com pequenos produtores ou pequenas empresas. Levamos o produto até as nossas fábricas na Bahia e no Espírito Santo, processamos, e trazemos para as fábricas [de pneus]. Esse é o processo que temos no Brasil.

> Já assinamos duas cartas para a presidência e para o Ministério do Meio Ambiente e é isso que estamos fazendo. Esse risco é evidente

> Não temos nenhuma barreira a um produto fabricado no Brasil. Nesse momento, não tem esse aspecto, mas nosso trabalho é ter um pouco de antecedência ao futuro

> Não vejo má vontade com o Brasil. As pessoas [no exterior] sempre perguntam sobre o que os jornais falam, muito sobre o que os governos falam. Mas não creio que há arranhão na imagem

De quais países vem essa borracha importada? Basicamente Malásia e leste asiático.

A Michelin consegue rastrear ou garantir que a borracha comprada não tem relação com desmatamento ou trabalho escravo? Temos o RubberWay, que faz uma auditoria para verificar se nossos fornecedores não estão com práticas sociais ou humanas incompatíveis. Nós não conseguimos controlar todas as produções, então usamos o RubberWay [aplicativo que cadastra fornecedores e gera dados a partir de visitas presenciais com entrevistas].

Sempre tentamos assegurar que um fornecedor não dependa muito da Michelin. Se depender, temos uma responsabilidade social, não posso dizer amanhã que não compro mais. Mas também asseguramos as práticas dele.

Esse trabalho atinge 100% dos fornecedores? Que eu saiba, atingimos 100%. [Após a entrevista, a Michelin disse ter conhecimento sobre a origem de todo material que chega às fábricas, mas que a avaliação de risco socioambiental atinge 64% dos fornecedores. A meta é cobrir 100% das grandes plantações até 2025 e todas as pequenas até 2030].

A Michelin apresentou uma tecnologia de produção que utiliza impressão 3D para aproveitar materiais orgânicos, recicláveis e biodegradáveis. Parece algo difícil de ser colocado em prática. Até que ponto isso é uma vitrine ou de fato uma solução para o futuro? Isso ainda está em pesquisa e desenvolvimento, na parte conceitual. O que estamos trabalhando atualmente é com pneu sem câmara de ar. Já estamos usando nos EUA. Esse sim vai chegar mais rapidamente ao mercado. Os outros podem levar de cinco a dez anos.

A borracha pode entrar numa lista da União Europeia de produtos barrados por vínculo com desmatamento. Isso afetaria a Michelin considerando a produção no Brasil? Eu estou mais preocupado com o pneu. Fazemos parte do CEBDS e sempre falamos que temos de tomar cuidado com o "Made in Brazil".

Porque a União Europeia faz uma taxação dizendo "vocês usam o que vocês querem, então vou proteger a indústria local que é mais ecologicamente correta".

Dentro da nossa possibilidade, através do CEBDS, nós temos indicado isso para o governo. Agora saiu um decreto [de mercado de carbono], que já é um grande passo. Mas não temos poder além de alertar. Já assinamos duas cartas para a presidência e para o Ministério do Meio Ambiente e é isso que estamos fazendo.

Esse risco é evidente. A borracha natural eu não creio [que será um problema], porque o Brasil ainda tem um déficit. Importamos mais do que exportamos. Mas qualquer produto brasileiro pode vir a ser barrado se os países quiserem nos taxar por alguma questão ecológica —caso nós não sigamos o que eles pensam que temos de seguir— ou [em função de] alguns acordos internacionais. É um receio.

Qual é a possibilidade e em quanto tempo eu não sei, mas não seria nenhuma surpresa se acontecer. Temos que estar bem conscientes disso.

Esse cuidado que o senhor menciona com o "Made in Brazil" é por causa da conexão com o desmatamento? Não sei. Eu vi até que em alguns casos é. É uma questão de prática industrial também. A nossa fábrica do Rio de Janeiro, por exemplo, é uma das cinco maiores da Michelin e, desde o ano passado, toda energia elétrica que usamos é 100% renovável. Neste ano, vamos avançar para Manaus e São Paulo —e também para as nossas plantações.

Pode ser em função do desmatamento, mas também sobre a maneira que fazemos nossa pegada de carbono. Já começamos a ser corretos também nesse aspecto. Pode ser que um dia eles falem que vão taxar quem usar energia que não é renovável.

Outro ponto é a parte do pneu em si. Os pneus têm rótulos dizendo se eles são mais econômicos em termos de resistência ao rolamento —emitindo menos CO_2, por conseguinte. Também seguimos os padrões mundiais de ter pneus que consumam menos.

As questões de regulamentação técnica que podem gerar uma taxação podem ser [por motivação] política, em relação à pegada de carbono, e hoje já são em função do desempenho energético dos produtos... Então acho que existe uma miríade de razões.

No final das contas, fazer a coisa certa vai ajudar de qualquer maneira. Os europeus têm um bom senso de saber quais empresas estão trabalhando nesse sentido, mas o país ajudaria também caso seguisse uma prática internacional que fosse melhor percebida, porque a nossa biodiversidade é enorme.

O senhor comentou sobre as cartas enviadas ao Executivo. Uma delas foi assinada há dois anos com outros 35 CEOs e endereçada ao vice-presidente [Hamilton] Mourão. Você acha que o Executivo ouviu o pedido para reforçar o controle do desmatamento? Como vê o que aconteceu nesse período? O que eu acho que melhorou muito foi a interlocução. O governo está escutando mais uma parte interessada que são as empresas. Isso eu posso medir, não tenho dados técnicos para medir o restante.

A interlocução está melhor e a única coisa que queremos é isso. Ser escutado no momento em que se discute pontos importantes como o mercado de carbono, porque nós estamos no mundo inteiro.

Vou fazer um comparativo esdrúxulo. Quando a Covid irrompeu na China e chegou no Brasil, nós já sabíamos o que fazer, porque já havíamos visto essa realidade lá. Então sempre temos uma boa capacidade de trazer boas práticas.

Mas a interlocução aumentou. Tivemos a possibilidade de trabalhar mais perto do governo nesses aspectos. Na verdade, não seria o nosso papel medir como a coisa está indo, porque esse é um campo mais político. No nosso caso o que queremos é interlocução.

Mas o desmatamento veio aumentando de 2020 para cá. Quando o senhor encontra com seus pares estrangeiros, nota algum arranhão na imagem do Brasil em função dessa questão ambiental? As questões que existem são as que eles veem do governo. Se você está na Europa, que fala mais desse assunto, é bem capaz que nos questionem sobre esse ponto. O pessoal da China já não questiona tanto. Então, depende do lugar.

O importante é que estamos sempre compartilhando práticas, de forma a demonstrar o que estamos fazendo, para eles ficarem calmos e entenderem que é possível fazer coisas aqui no país também.

Costumo dizer que a borracha não muda. Os governos mudam, mas nós vamos continuar com a produção enquanto houver consumidor.

Não vejo má vontade com o Brasil. As pessoas sempre perguntam sobre o que os jornais falam, muito sobre o que os governos falam. Mas não creio que há arranhão na imagem.

Há algum esforço da Michelin em mostrar valores sustentáveis como forma de se dissociar de alguma imagem negativa do Brasil? Sinceramente não. Não tivemos que fazer ou provar nada. Do lado do consumidor, nós não temos nenhuma barreira a um produto fabricado no Brasil. Nesse momento, não tem esse aspecto, mas nosso trabalho é ter um pouco de antecedência ao futuro.

63% dizem não ganhar o necessário e ter problemas financeiros, mostra Datafolha

Maioria sente orçamento familiar perder poder de compra; índice piorou em relação a um ano

Alexa Salomão

BRASÍLIA A maioria dos brasileiros sente que o orçamento familiar perdeu poder de compra e que a economia não vai conseguir engatar uma reação mais forte nos próximos meses, ainda que melhore um pouco.

Segundo Datafolha, 63% afirmam sentir restrições financeiras em casa. Desse contingente, 37% declaram que o dinheiro da família hoje não é suficiente, e que às vezes até falta. Outros 26% afirmam que ganham muito pouco, o que traz dificuldades.

O Datafolha ouviu 2.556 brasileiros em 181 cidades na quarta-feira (22) e quinta (23). A margem de erro da pesquisa é de dois pontos para mais ou menos.

Essa pesquisa mais recente mostra uma reversão na tendência detectada anteriormente.

O contingente de brasileiros que declaravam ter limitações orçamentárias na família vinha caindo desde o pico, em julho de 2016, quando 67% afirmaram ter problemas financeiros em casa. Há um ano, essa parcela havia diminuído para 55%.

O número de brasileiros que declarava ganhar muito pouco ainda avançava, e chegou a 25% em junho de 2021. No entanto, o contingente que dizia não ganhar o suficiente e ver o dinheiro faltar vinha em queda, chegando a 30%.

Naquele momento, 39%, afirmavam ganhar exatamente o que precisavam para viver. Agora, essa parcela caiu para 32%.

A pesquisa mostra que a situação hoje é muito delicada principalmente para quem tem renda familiar de até dois salários mínimos (R$ 2.424), com 81% declarando sofrer limitações financeiras.

Nessa parcela, 42% afirmam que a renda familiar não é suficiente, e às vezes falta dinheiro, enquanto 39% dizem que ganham muito pouco e têm dificuldades.

As projeções para a economia ainda são ruins para os próximos meses, mas a parcela de brasileiros que estimam uma reação começa a subir.

Continua na pág. A14

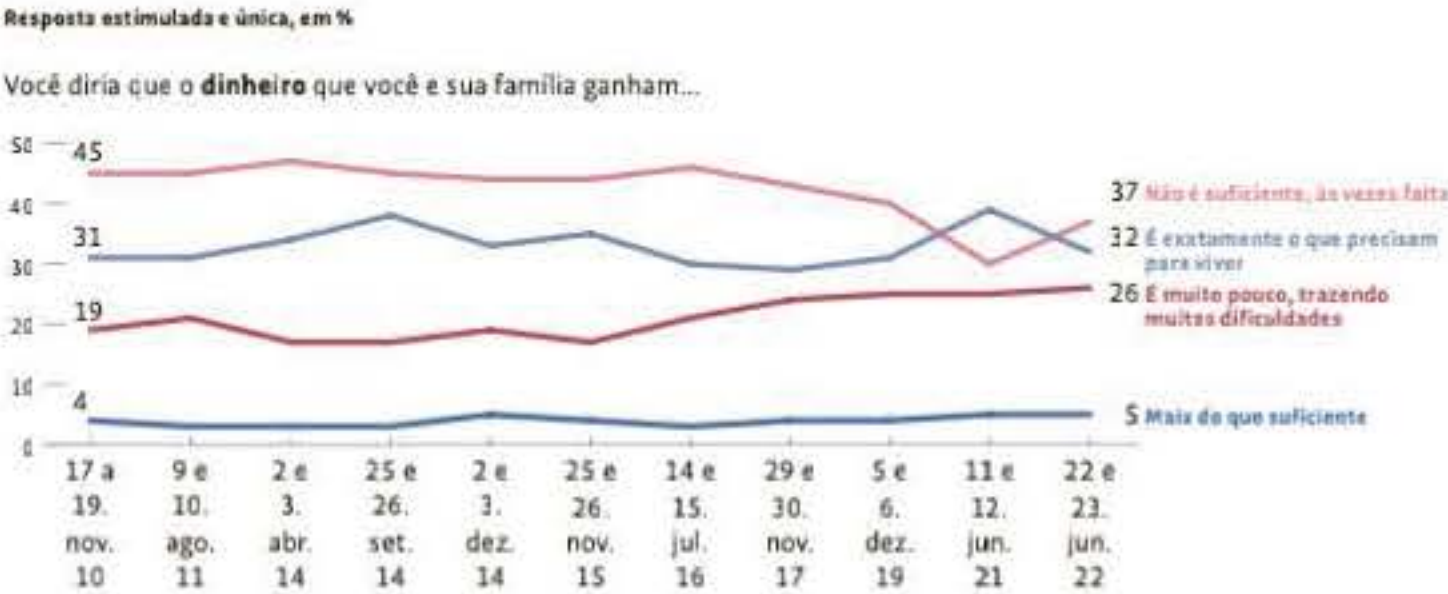
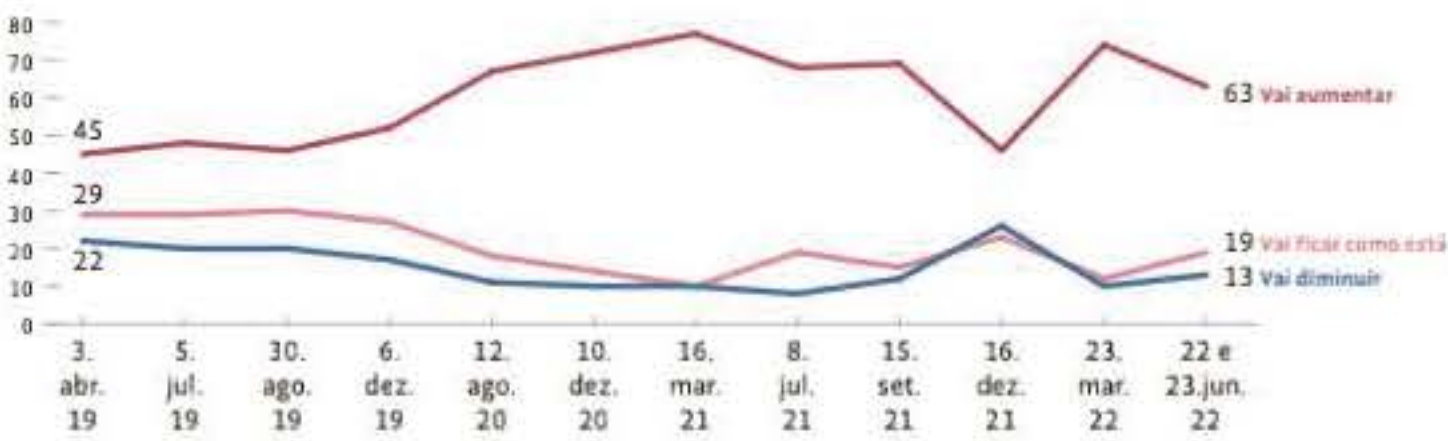
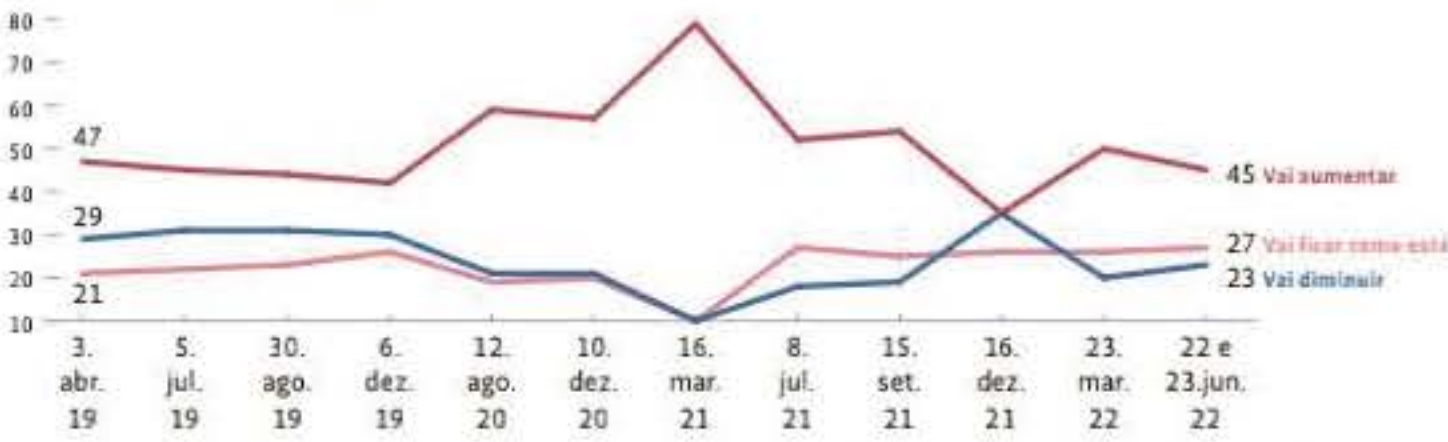
81% das famílias com renda de até dois salários mínimos afirmam que enfrentam limitações financeiras

63% esperam aumento da inflação do país

Orçamento familiar apertado numa economia que não reage

Para a maioria dos brasileiros, o rendimento da família já não é suficiente para cobrir todos os gastos e a expectativa é que a economia não vai reagir nos próximos meses

Resposta estimulada e única, em %

Você diria que o dinheiro que você e sua família ganham...

Daqui pra frente a inflação vai aumentar, vai diminuir ou vai ficar como está?

Daqui pra frente o desemprego vai aumentar, vai diminuir ou vai ficar como está?

Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 2.556 pessoas com 16 anos ou mais em 181 municípios nos dias 22 e 23 de junho. A margem de erro máxima é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Calendário

Enquanto as empresas de transporte ferroviário pedem à ANTT (Agência Nacional de Transportes Terrestres) um reajuste extraordinário para equilibrar os impactos da disparada do diesel sobre o setor, a agência reguladora tem outros dez aumentos ordinários para conceder neste ano. São os reajustes anuais, previstos nos acordos de concessão, com base no IPCA, para a manutenção do equilíbrio econômico-financeiro. A ANTT afirma que está analisando o pleito.

LOCOMOTIVA Quatro concessionárias terão suas tarifas reajustadas em julho: a Rumo Malha Oeste, a Vale Estrada de Ferro Carajás, a Vale Estrada de Ferro Vitória a Minas e a Ferrovia Norte Sul Tramo Central. Em agosto será a vez da Ferrovia Centro-Atlântica. Em setembro, a da Ferrovia de Integração Oeste-Leste. Para outubro está prevista a revisão da Estrada de Ferro Paraná Oeste.

PRÓXIMA ESTAÇÃO A MRS Logística tem o reajuste programado para novembro, conforme o cronograma da ANTT, antes da Ferrovia Norte Sul Tramo Norte e da Ferrovia Transnordestina Logística, em dezembro.

DESTINO FINAL Segundo a ANTF (Associação Nacional dos Transportadores Ferroviários), entidade que enviou ao regulador o pedido de ajuste extraordinário no frete, os efeitos do mega-aumento do combustível impactam tanto a operação quanto a construção de novas ferrovias.

MATEMÁTICA O Procon-SP vai colocar em funcionamento, a partir desta segunda-feira (27) o Procômetro. Vai ser um contador para divulgar a soma dos valores reclamados pelos consumidores e a quantidade de atendimentos registrados no órgão. Todas as queixas serão contabilizadas, desde pequenas contas até reclamações por aquisições maiores como automóveis.

NA PONTA DO LÁPIS Na véspera do lançamento do Procômetro, neste final de semana, os testes da ferramenta já apontavam mais de R$ 1,7 bilhão na soma dos produtos e serviços que foram alvo de queixas neste ano, desde janeiro, em aproximadamente 320 mil atendimentos. As informações serão atualizadas diariamente no site do órgão.

CALCULADORA Segundo Guilherme Farid, diretor-executivo do Procon-SP, a expectativa é que a exposição dos números incentive os fornecedores a darem solução mais ágil para as queixas. O novo sistema digital também vai mostrar a quantidade de reclamações por empresa, por ano, mês e assunto.

COFRE O BNDES aprovou apoio de até R$ 20 milhões não-reembolsáveis para incentivar projetos de transformação digital e indústria 4.0 em micro, pequenas e médias empresas com recursos do BNDES Funtec. A meta do programa, que será lançado nesta segunda (27), é atingir 1.200 negócios com ações como a instalação de sensores para controle e tomada de decisões automáticas em fábricas.

CAIXA O Senai vai lançar as chamadas públicas para selecionar as empresas. O recurso do BNDES representa metade da iniciativa. O restante vai ser custeado por ABDI (Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial) e ministério (R$ 5,5 milhões), Senai (R$ 2,5 milhões) e empresas privadas (R$ 12 milhões).

METRO QUADRADO O interesse de brasileiros pelo mercado imobiliário nos EUA vem se expandindo para além dos destinos tradicionais da Flórida e Nova York, segundo a consultoria BT7 Partners.

JANELA O número de transações imobiliárias de clientes brasileiros subiu de 98 entre janeiro e maio do ano passado para 126 no mesmo período deste ano, afirma Luis Guilherme Gonçalves, sócio da BT7. O mercado favorito é a Flórida, mas o Texas superou Nova York na comparação entre os dois períodos, segundo Gonçalves.

ESTETOSCÓPIO Começa a operar no segundo semestre, em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, o primeiro hospital planejado com consultoria do Einstein fora do Brasil. O projeto da Clínica de Las Americas, nome dado à instituição, começou há mais de três anos pelo Grupo Empresarial de Inversiones Nacional Vida, sociedade de investidores.

MACA Serão 60 leitos, inicialmente, e uma área de diagnósticos, segundo a empresa. Antes do início do projeto, foram feitos estudos sobre perfil populacional, necessidades locais e epidemiologia. Uma equipe do Einstein auxiliou em planejamento, contratação de pessoas, organização e implantação de UTI, centro cirúrgico e emergência.

com Paulo Ricardo Martins e Gilmara Santos

INDICADORES

JUROS

Jun., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

	Mínimo	Máximo
Cheque especial	7,73	8,00
Empréstimo pessoal	4,05	8,55

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA

Competência junho

Autônomo e facultativo

Valor mín.	R$ 1.212,00	20%	R$ 242,40
Valor máx.	R$ 7.087,22	20%	R$ 1.417,44

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 15.jul

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.212	5%	R$ 60,60

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.212,00	7,5%
De R$ 1.212,01 até R$ 2.427,35	9%
De R$ 2.427,36 até R$ 3.641,03	12%
De R$ 3.641,04 até R$ 7.087,22	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 20.jul. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	Isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.433,73	Valor, em R$
Empregado	110,85
Empregador	286,71

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico vence em 7.jul. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

63% dizem não ganhar o necessário e ter problemas financeiros, mostra Datafolha

Continuação da pág. A13

Na pesquisa atual, 63% esperam aumento na inflação contra 74% em março. A parcela que projeta redução foi de 10% para 13%, enquanto quem acredita que vai ficar como está passou de 12% para 19% no mesmo período.

O grupo que estima aumento no desemprego representa a maioria, mas também cedeu, de 50% em março para 45% agora.

Quanto à expectativa do poder de compra dos salários, há uma melhora, com empate técnico no Datafolha de junho. A pesquisa mostra que 34% acreditam que haverá perda, outros 33%, que vai ficar como está.

Em março, 40% esperavam perda e 29% acreditavam que iria ficar como estava.

A parcela que estima aumento no poder de compra ficou na margem de erro, indo de 27% em março para 29% agora.

A leitura sobre o desempenho econômico não se altera há alguns meses.

Nesta pesquisa de junho, a parcela de brasileiros que declara ver piora na economia é de 67%. O patamar é similar ao registrado nas pesquisas de dezembro do ano passado (65%), março (66%) e maio (66%) deste ano.

No entanto, chama a atenção a percepção mais negativa em alguns segmentos. Entre os quem têm renda familiar de até dois salários mínimos, 70% afirmam que a economia piorou. Essa leitura é majoritária entre mulheres e jovens de 16 a 24 anos, com 73% em ambos segmentos afirmando que houve piora na cena econômica.

No plano pessoal, a leitura é um pouco mais amena.

A maioria dos entrevistados declara que sua situação econômica piorou. No entanto, esse contingente caiu de 52% em maio para 47% agora.

Em contrapartida, subiu de 29% em maio para 32% nesta pesquisa em junho a parcela dos que declaram não ver mudanças na condição econômica.

45% consideram que o desemprego vai aumentar nos próximos meses

47% declaram que sua situação econômica piorou nos últimos meses

O número de entrevistados que identificam melhora está estável. Foi de 19% nas pesquisas de dezembro, março e maio, e 20% agora.

Olhando para frente, há uma expectativa de que dias melhores virão. A projeção de melhora da economia tem crescido e já empata com as previsões negativas.

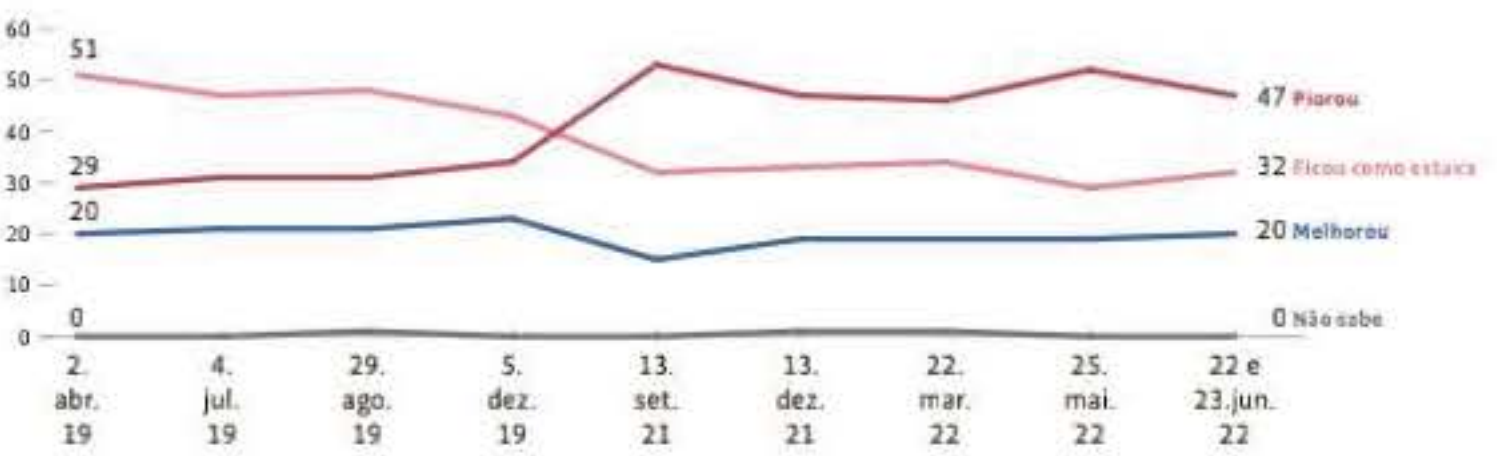
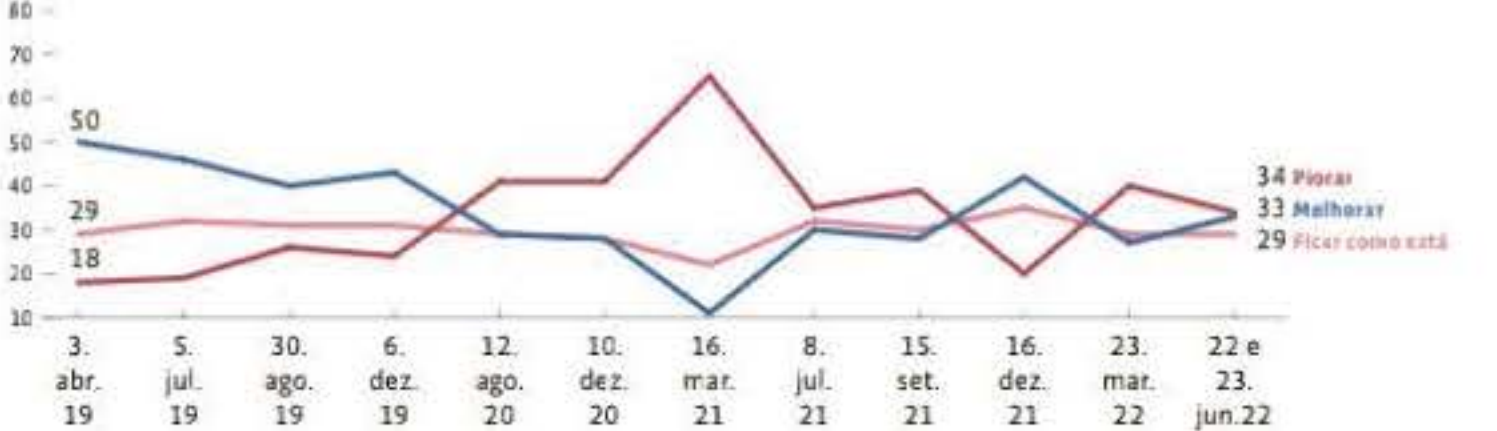
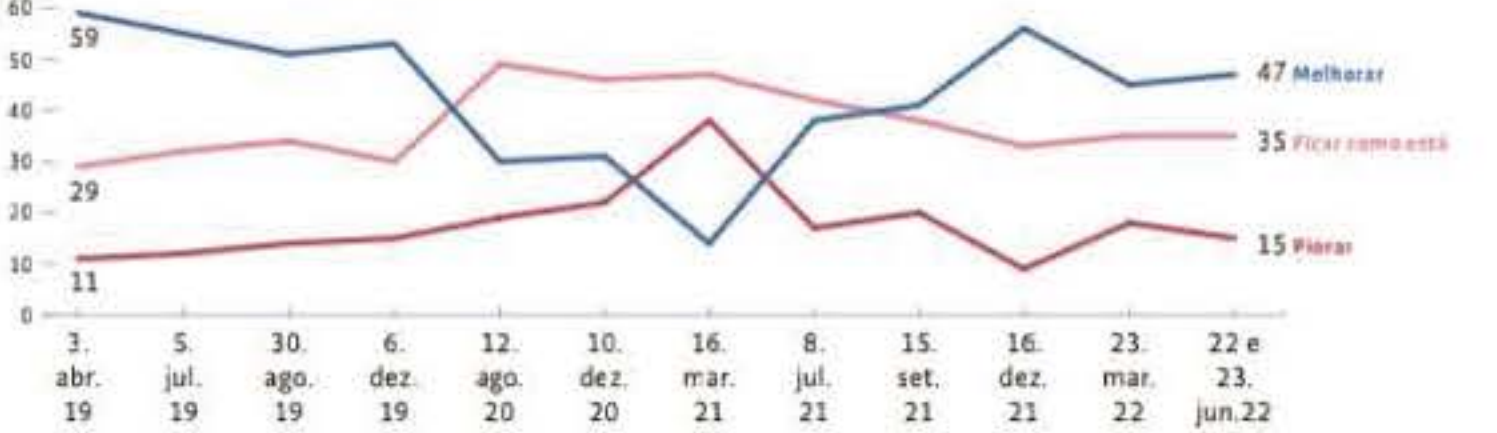
O número de pessoas que espera piora na economia caiu de 40% em março para 34% agora. Quem tem expectativa de uma melhora subiu de 27% para 33% no período.

A maioria espera melhorar sua situação, mas os dados permanecem praticamente estáveis.

No Datafolha de junho, 47% acreditam que sua situação vai melhorar. Em março eram 45%. Nas duas pesquisas 35% declararam que a situação tende a ficar igual. Houve leve queda na parcela que prevê piora na sua situação, 18% para 15% agora.

Situação econômica

Resposta estimulada e única, em %

E a situação econômica do **entrevistado**?

Nos próximos meses, a **situação econômica do país** vai melhorar, vai piorar ou vai ficar como está?

Nos próximos meses, a **sua situação econômica** vai melhorar, vai piorar ou vai ficar como está?

E o **poder de compra dos salários** vai aumentar, diminuir ou ficar como está?

Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 2.556 pessoas com 16 anos ou mais em 181 municípios nos dias 22 e 23 de junho. A margem de erro máxima é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%

Galinhas livres de gaiolas para a produção de ovos na Califórnia, nos EUA Mike Blake - 19.abr.22/Reuters

Frango vai dominar consumo de carnes no mundo até 2030

Religião, inflação e mudança de hábitos abrem caminho para ampliar consumo de aves, que chegará a 41%

Thiago Bethônico

SÃO PAULO O frango está se consolidando como a carne mais consumida no mundo. Durante anos, a posição foi confortavelmente ocupada pela proteína de porco, que é a predileta no continente mais populoso do planeta, a Ásia. No entanto, de uns anos para cá, essa liderança começou a ser contestada, o que envolve fatores tão diversos quanto preço, hábitos saudáveis e até religião.

Projeções feitas pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) indicam que, até o fim da década, a humanidade vai comer mais aves do que qualquer outro tipo de proteína animal.

Em 2030, elas devem representar 41% de todo consumo, abrindo ainda mais distância em relação aos suínos (34%), bovinos (20%) e ovinos (5%). Os peixes não entram na conta.

Segundo o estudo, o consumo de todas as carnes vai aumentar em 14% nos próximos oito anos, puxado pelo crescimento da população. Nesse cenário, porém, o frango se destaca pela maior expansão.

Ser a mais barata das proteínas animais ajuda a explicar essa projeção, especialmente nos países de baixa renda. A inflação dos alimentos costuma pesar sobre as carnes, favorecendo a escolha do frango.

Na China, por exemplo, a carne suína continua sendo a preferida, mas a alta dos preços provocou um aumento no consumo de aves. No Brasil não é diferente. Por aqui, a proteína já é a principal e deve representar 51% de todo o consumo em 2022.

Considerando a possibilidade de um ciclo inflacionário global que dure anos —como previsto por economistas em Davos— o frango deve permanecer nas listas de compras.

Mas o preço também pode ser favorável por outra perspectiva: a do aumento da renda global.

Segundo Ricardo Santin, presidente da ABPA (Associação Brasileira de Proteína Animal), mais famílias devem entrar na zona de consumo ao longo dos próximos anos. "Sabemos que dos primeiros US$ 10 que uma pessoa começa a ganhar a mais, saindo da linha da pobreza, US$ 6 vão para comida", afirma.

Quando olhamos o mundo como um todo, o frango tem essa vantagem de não possuir restrições de ordem religiosa, de saúde e ainda ter um preço bem acessível

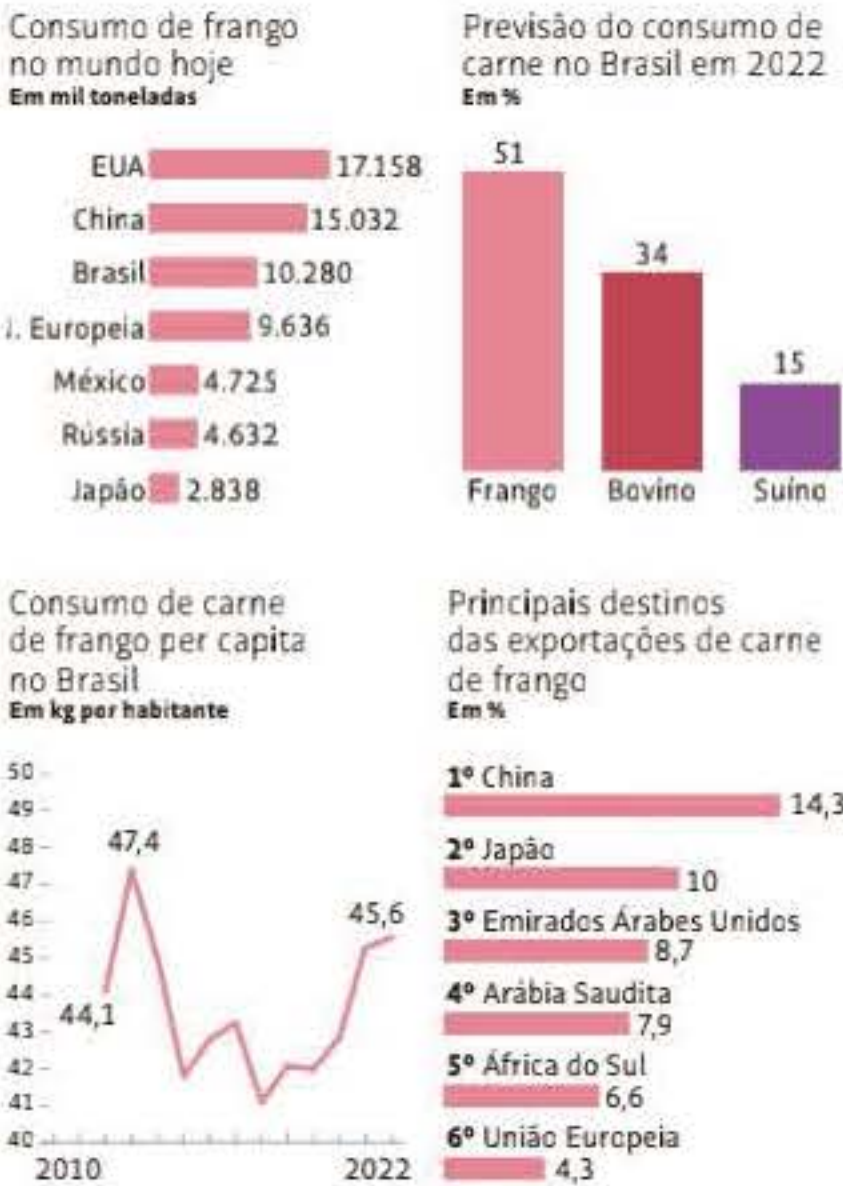
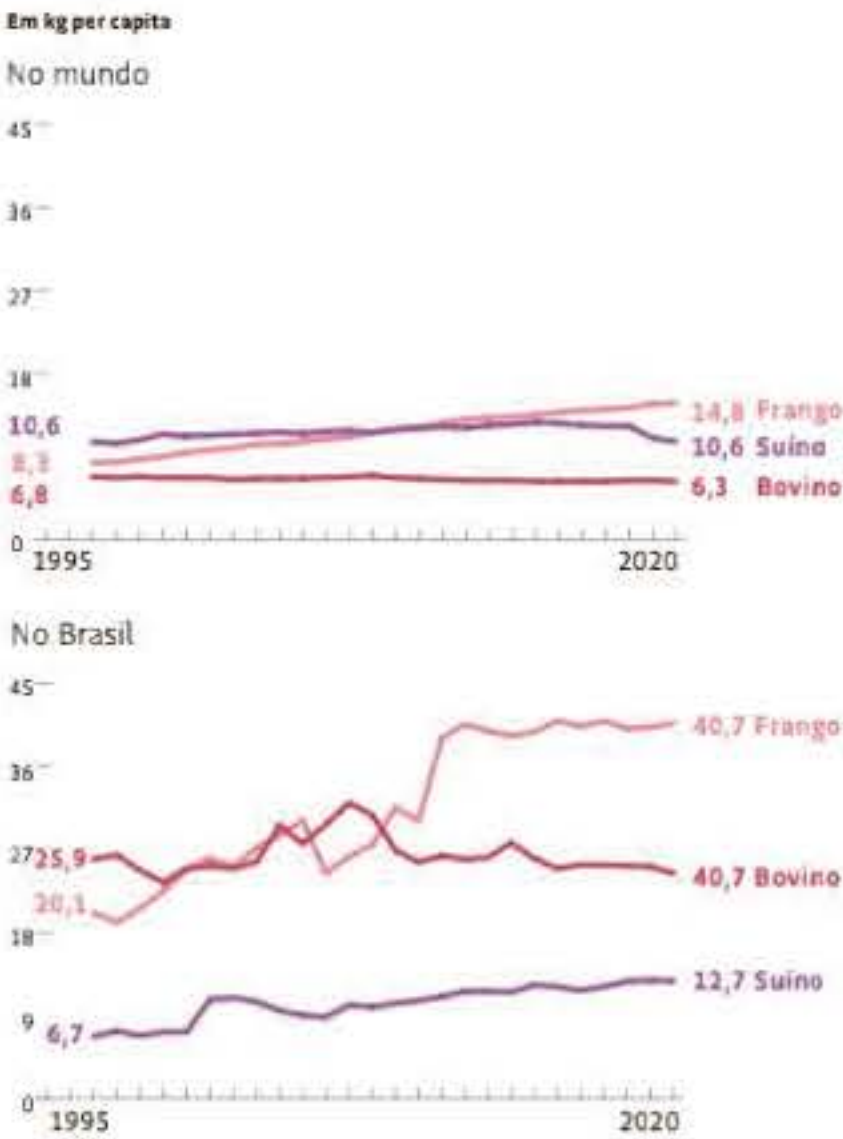
Dirceu Talamini
pesquisador da Embrapa

O fato de ser mais acessível, contudo, só explica uma parte dessa ascensão. Santin lembra que o consumo de aves não sofre nenhuma restrição religiosa ao redor do mundo, diferentemente do que acontece com bovinos e suínos. Por isso, há uma tendência de estabilização das outras proteínas, que vão continuar crescendo, mas não no mesmo ritmo da carne de frango.

Dirceu Talamini, pesquisador da Embrapa, também menciona esse aspecto ao explicar a projeção da OCDE. O islamismo, por exemplo, é a religião que mais cresce no mundo e seus seguidores não comem carne de porco, assim como os judeus. "É um contingente muito grande da população que acaba tendo restrições", diz.

Outro fator que deve ser levado em consideração, na visão do pesquisador, é a saúde. Em países de alta renda, os hábitos alimentares também estão mudando, indicando uma maior preferência por carnes brancas —que são percebidas como uma escolha mais adequada.

"Em alguns locais, o porco é visto como uma carne menos saudável. Claro que na Ásia, principalmente na China, ela ainda é a preferida, mas quando olhamos o mundo como um todo, o frango tem essa vantagem de não possuir restrições de ordem religiosa, de saúde e ainda ter um preço bem acessível", diz.

Nos últimos 50 anos, a produção global de aves aumentou rapidamente, crescendo mais de 12 vezes entre 1961 e 2014. Santin, presidente da ABPA, atribui isso a uma série de fatores, como a menor necessidade de terras e a alta conversão do quilo de ração em quilo de carne —o que diminui os custos.

"Para aumentar a produção de gado, por exemplo, não basta o produtor aumentar o peso, é preciso ter mais terra, mais pastagem ou maior confinamento. Com suínos é semelhante", diz. "Na criação de frango, há uma densidade natural e também uma melhor utilização de recursos: precisa de menos água, menos ração e menos energia", acrescenta.

Outro aspecto importante, ele diz, é o tempo de produção. Enquanto a bovinocultura e a suinocultura demandam ciclos de um ou dois anos, na avicultura esse período é de 45 dias, em média.

Atualmente, o Brasil é o primeiro exportador de frango e o segundo maior produtor global. Segundo Santin, isso se deve às boas condições climáticas, que favorecem a criação desses animais. "Em países frios, é preciso aquecer o frango para conseguir criar, enquanto no Oriente Médio tem que resfriar com ar-condicionado", afirma.

Talamini, da Embrapa, ainda acrescenta o fato de o Brasil ser um importante produtor de soja e milho, que são os insumos básicos.

O pesquisador, que fez um estudo sobre a evolução da avicultura no Brasil, também destaca que o modelo brasileiro foi importado dos EUA na década de 60, já de uma forma padronizada, com melhoramento genético, ração de qualidade e aviários de tamanho adequado.

A produção, ele diz, evoluiu num sistema de integração, em que os produtores entram com a propriedade e mão de obra, enquanto as empresas fazem a coordenação do modelo. "Somando a eficiência da organização e a tecnologia usada, a produção se firmou e cresceu muito", diz.

Os números corroboram essa percepção. De acordo com a ABPA, só nos primeiros quatro meses de 2022, o Brasil aumentou o volume de suas exportações de frango em 9% e a receita em 32% —indicando que o mundo não está só comprando mais aves brasileiras, mas pagando mais também.

A JBS é uma das companhias que se destacam nesse mercado. No ranking dos maiores produtores de frango do mundo, elaborado pela Watt Poultry, o frigorífico aparece em primeiro lugar, com 4,4 bilhões de cabeças de frango abatidas anualmente.

A empresa, que é dona da Seara, diz que sua estratégia é baseada na diversificação proteica, e que está pronta para atender à demanda de uma população que deve atingir os 10 bilhões em 2050.

"Por causa desse crescimento populacional e do aumento da presença de frango na dieta das famílias, estamos ampliando e modernizando 15 fábricas da Seara no Brasil", disse em nota. Segundo a companhia, os projetos ficam prontos até o começo de 2023.

A segunda colocada no ranking da Watt Poultry também é brasileira: a BRF (dona das marcas Sadia e Perdigão). Em 2021, a empresa diz ter abatido 1,7 bilhão de aves.

Segundo Leonardo Dall'Orto, vice-presidente de mercado internacional e planejamento da BRF, o equilíbrio entre produção e demanda de carne de frango tem oscilado.

Ele diz que, até 2021, havia um excesso de oferta de frango. "Neste ano, devido a alguns acontecimentos como a gripe aviária nos EUA e na Europa, isso se inverteu. Temos hoje uma cadeia com mais demanda do que oferta", afirma.

No entanto, ele destaca que o ciclo mais curto das aves permite que a indústria reaja rapidamente a essa mudança.

No caso da BRF, que tem presença forte no Oriente Médio, Japão e Coreia do Sul, ele diz que a companhia anunciou um plano de investimentos que prevê novas linhas produtivas.

"Estamos atentos a esse movimento e vamos investindo ano após ano, otimizando nosso parque fabril com tecnologia para crescer a capacidade", afirma.

Fontes: OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) e ABPA (Associação Brasileira de Proteína Animal)

O 'call center do inferno'

Com acesso fácil a dados de usuários, golpistas se especializam em tirar dinheiro

Ronaldo Lemos
Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

É preciso ser claro e sem rodeios: o sistema de identificação utilizado no Brasil colapsou. Em vez de servir para provar a identidade de uma pessoa, esse sistema é hoje uma chaga aberta que está sendo explorada por criminosos, por meio de golpes cada vez mais sofisticados.

RG, CPF, endereço, nome do pai e da mãe, número do celular e vários outros dados pessoais que o país utiliza como identificação são hoje ferramentas para extorsões, golpes, cadastros ilegítimos e assim por diante.

A razão para isso é uma só: todos os dados de identificação de praticamente todas as pessoas do país vazaram. Esses dados estão hoje livremente disponíveis online ao alcance de golpistas e organizações criminosas.

Uma verdadeira indústria surgiu para explorar essas informações. Além do famoso golpe do WhatsApp, que manda mensagem para o pai ou a mãe de uma pessoa alegando emergência e pedindo uma transferência de dinheiro imediata, a cada dia surge um golpe novo no país.

Por exemplo, o golpe do falso call center. O criminoso identifica facilmente o banco em que a pessoa tem conta. Liga então para ela a partir de um número forjado ("spoofed") que corresponde exatamente ao número do banco. A pessoa atende e ouve uma voz 100% profissional, idêntica a dos call centers.

O criminoso então repassa alguns dados da pessoa para ela confirmar. Na sequência, alega que houve um problema de segurança com a conta e que vai transferir para a área de segurança do banco.

A ligação é transferida para outra pessoa, também com voz e postura 100% profissional.

A segunda pessoa então começa a passar "orientações" para a vítima. Nesse processo, muitas vezes consegue extrair as senhas e até mesmo convencê-la a fazer transferências bancárias de "teste" para outras contas. Quem é vítima desse golpe fica atônito: como podem saber todos os meus dados? Como podem ter me ligado a partir do telefone do banco em que tenho conta? Ações infelizmente fáceis de serem feitas no contexto atual.

Em outras palavras, se você ainda não caiu em nenhum golpe da internet ou não conhece ninguém que caiu, pode ter certeza de que sua hora vai chegar. A indústria dos golpes baseada nos vazamentos de dados cada dia cria um mecanismo novo de extrair dinheiro e informações das vítimas. Essa indústria se profissionalizou, possui capital, funcionários e protocolos de treinamento. É altamente inovadora. É como se fosse um serviço de atendimento ao consumidor do mundo ao avesso, um call center do inferno.

O que fazer nesse contexto? Na minha opinião há duas coisas a serem feitas. A primeira é indenizar as vítimas dos golpes apurando responsabilidades. No âmbito da Comissão de Tecnologia da OAB-SP estamos apurando responsabilidades para ingressar com medidas cabíveis.

A segunda coisa é reinventar completamente o sistema de identificação do país. O que está aí faliu, ele virou problema e não solução. Idealmente, o caminho deveria ser criar uma identidade digital verdadeira no país, certificada e reconfirmada de forma relacional e permanente na medida que a pessoa vai vivendo sua vida. O sistema de identificação brasileiro precisa de um reboot. Até lá prepare-se para golpes sem fim.

READER

Já era *Achar que o mercado de cripto já era*

Já é *Esperança de que o mercado de cripto recupere as perdas*

Já vem *Achar que o mercado de cripto já era*

Manifestação em defesa da Ucrânia na Alemanha, onde líderes das maiores economias estão reunidos Wolfgang Rattay/Reuters

G7 começa com anúncio de sanção a ouro da Rússia

Medida foi proposta pelos EUA, mas União Europeia a vê com cautela

CASTELO DE ELMAU (ALEMANHA) | AFP E REUTERS A reunião da cúpula do G7, grupo formado pelas maiores economias do mundo, começou neste domingo (26) com anúncio de que os países pretendem banir a importação de ouro da Rússia e protestos em favor do clima. Foi anunciado um investimento de US$ 600 bilhões (cerca de R$ 3,1 trilhões) em infraestrutura em países em desenvolvimento.

A nova sanção foi comunicada durante a abertura da cúpula, evento realizado no Castelo de Elmau, na Alemanha, com edição dedicada à guerra da Ucrânia. A proposta contra o ouro russo partiu dos Estados Unidos, que tem coordenado formas de impor custos econômicos à Rússia para diminuir o financiamento da guerra. No entanto, nações da União Europeia dizem que precisam analisar com mais cautela a proposta.

"Juntos, o G7 anunciará que proibiremos o ouro russo, uma importante fonte de exportação, privando a Rússia de bilhões de dólares", tuitou o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden.

A Rússia é um grande produtor de ouro, cujas exportações representaram cerca de US$ 15,5 bilhões (R$ 81,1 bilhões) em 2021, segundo Downing Street. Proibir o produto pode ter um grande impacto na capacidade de Putin de arrecadar fundos.

"Essas medidas atingirão diretamente os oligarcas russos e o coração da máquina de guerra de Putin", disse o primeiro-ministro britânico Boris Johnson.

Próximo ao local do encontro, em Garmisch-Partenkirchen, centenas de ativistas protestaram. As manifestações foram pró-Ucrânia e pelo clima. Nesta segunda (27), o presidente ucraniano Volodimir Zelenski participará virtualmente do encontro.

A expectativa é que os líderes de EUA, Canadá, Japão, Alemanha, França, Itália e Reino Unido mantenham seus compromissos climáticos, com avanços concretos, como ter uma agenda para eliminar completamente o uso de combustíveis fósseis, já que são obrigados a não utilizar gás da Rússia.

Sob uma faixa que dizia "Justiça Global, Salvando o Clima em vez de Armar", vários oradores dirigiram-se a uma multidão de manifestantes, pedindo mais ações para combater as mudanças climáticas.

"Estou protestando aqui hoje pela justiça climática e pelas decisões certas a serem tomadas para que eu tenha um futuro", disse Theresa Stoeckl, uma das manifestantes.

O anúncio de investimento de US$ 600 bilhões para projetos de infraestrutura nas nações em desenvolvimento tem como objetivo responder às grandes obras financiadas pela China, segundo Biden.

A China financia obras dentro do programa "Novas Rotas da Seda", para garantir acesso a algumas matérias-primas. As ações do G7 vão ocorrer em locais prioritários de países da África Subsaariana, América Central, Sudeste Asiático e Ásia Central, regiões consideradas estratégicas.

No início da guerra, os países ocidentais puniram a Rússia com sanções econômicas excepcionalmente rígidas, sem aparentemente incomodar o presidente Vladimir Putin, que está constantemente aumentando a aposta em uma guerra sem fim à vista.

O governo ucraniano considera que as sanções não são suficientes e pede para punir ainda mais a nação, que novamente bombardeou a capital ucraniana neste domingo (26), ato que Biden descreveu como "bárbaro".

O líder dos EUA pediu a unidade do G7 e da Otan diante da ofensiva de Moscou. Vladimir Putin esperava "que, de uma forma ou de outra, a Otan e o G7 se separassem", disse Biden. "Mas não o fizemos e não vamos", acrescentou.

O primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, no entanto, alertou para o risco de "cansaço" nos países ocidentais. Diante do avanço das tropas russas na região do Donbass, no leste da Ucrânia, Johnson concordou com o presidente francês Emmanuel Macron que "foi um momento crítico para a evolução do conflito e que era possível mudar o rumo da guerra", de acordo com um porta-voz do governo britânico. No entanto, Johnson alertou o líder francês que uma solução negociada agora poderia prolongar a "instabilidade mundial".

O conflito e suas consequências serão amplamente discutidos na cúpula que vai até terça-feira, mas outros desafios também serão abordados, como a ameaça de recessão e as crises ambientais causadas pelas mudanças climáticas.

Além da atual situação de tensões com a Rússia, os países ocidentais olham com preocupação para a China, que emerge como um rival sistêmico. O G7 quer contrariar o gigante asiático que vem investindo maciçamente na infraestrutura dos países da África, Ásia e América Latina.

De fato, para nutrir alianças fora de sua área, o G7 convidou os líderes da Argentina, Índia, Indonésia, Senegal e África do Sul para sua cúpula. Argentina e Indonésia apoiaram os votos contra a Rússia na ONU, mas os demais convidados se abstiveram.

Todos estão preocupados com a ameaça de uma crise de fome causada pelo bloqueio das exportações de grãos da Ucrânia. Diante desse risco, a Índia já restringiu suas próprias exportações.

Leia mais na pág. A11

Em novo jantar, Lula agradece doações que somam R$ 3 milhões

Catia Seabra

SÃO PAULO O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva participou na noite deste domingo (26) de jantar em agradecimento a doações feitas ao PT. Segundo organizadores, o total arrecadado é de cerca de R$ 3 milhões (as contribuições foram obtidas ao longo de um mês).

A lista de convidados reuniu 208 nomes, entre juristas e empresários. Nem todos os doadores participaram do evento.

A previsão é que aconteçam ao menos mais três como esse: um no Rio de Janeiro, um em Minas e um no Nordeste.

Em seu discurso, segundo relatos, o ex-presidente agradeceu as contribuições, afirmando que elas ajudarão a reorganizar a base partidária e disse que depois de 580 dias de prisão, acreditavam que ele sairia rancoroso. Mas, embora tenha motivos, não está rancoroso. Lula afirmou que está apaixonado e um homem apaixonado não tem tempo para ficar mal-humorado.

Líder nas pesquisas para o Palácio do Planalto, o ex-presidente tem, na terça-feira (28), mais um jantar com empresários.

Oferecido pelos advogados Sérgio Renault, Marco Aurélio Carvalho e Pierpaolo Cruz Bottini, estão o evento tem na lista de convidados os empresários João Camargo, fundador do grupo Esfera, e Carlos Sanchez (EMS). Há previsão de presença de representantes de empresa do setor aéreo.

Além de Lula, o ex-governador Geraldo Alckmin (PSB) e dirigentes do PT participaram do evento em agradecimento a doações ao PT.

Lula afirmou que Alckmin será um vice participativo e que essa aliança simboliza a necessidade de união pelo Brasil. Ainda segundo relatos, o ex-presidente disse ser necessário restabelecer a normalidade no país.

O jantar serviu de teste para campanha de arrecadação que o partido pretende lançar em julho.

Coordenador do Prerrogativas, o advogado Marco Aurélio Carvalho afirmou que, com a formalização da candidatura, o grupo organizará outros jantares como esse. Segundo ele, a lista de presentes incluiu advogados e outros profissionais, inclusive empresários.

Ao falar sobre a reorganização da base, Lula buscou deixar claro o esforço para que o jantar não seja caracterizado com um evento para arrecadação de campanha.

Tesoureira do PT, Gleide Andrade afirma que essa é uma nova etapa de uma campanha de arrecadação, desta vez com o uso do Pix. Andrade afirmou que o partido pretende fazer jantares como esse em todas as capitais e que será lançada uma campanha em rede chamada "Faça um Pix para o PT".

Será divulgado um vídeo com pedido de colaboração para a campanha de Lula. O teto de gastos deverá ser fixado em R$ 131 milhões.

Já os deputados federais, dirigentes do PT e puxadores de voto reivindicam uma cota individual de R$ 2,5 milhões do fundo eleitoral.

A direção partidária tenta negociar a redução desse valor, que deve chegar a R$ 2 milhões.

A intenção do PT é realizar jantar em Minas, Rio e no Nordeste para atingir o teto fixado para a campanha de Lula, sem comprometer o orçamento dos candidatos a deputado federal.

Desde a apresentação das diretrizes programáticas de sua campanha, Lula tem participado de uma série de jantares com representantes do empresariado e do setor financeiro. Na noite de sexta-feira (24), o anfitrião foi o dono da operadora Qsaúde, José Seripieri Junior.

Na terça-feira (21), no lançamento das diretrizes programáticas, Lula contou ter participado na véspera de um jantar oferecido pelo fundador do Insper (Instituto de Ensino e Pesquisa), o engenheiro e economista Cláudio Haddad.

Entre os convidados, o presidente do conselho da administração do Itaú Unibanco, Pedro Moreira Salles, o presidente da Natura, Fábio Barbosa, e o presidente da rede Magazine Luiza, Frederico Trajano.

E eu, com muita falta de humildade, eu dizia [em encontro com empresários]: quem nesse país tem mais autoridade de recuperar esse país do que o Alckmin e eu?

Lula
ex-presidente

folhainvest

Renda fixa, Bolsa e INSS entram em plano para a aposentadoria

Veja estratégias e simulações para preparar as finanças; trabalhador deve manter pagamentos de contribuições

Clayton Castelani

SÃO PAULO O caminho a percorrer até a aposentadoria ficou mais longo para a maior parte dos brasileiros a partir da reforma previdenciária em 2019, que instituiu como regra as idades mínimas para concessão do benefício aos 62 anos, para mulheres, e aos 65 anos, para homens.

Aposentadorias ditas precoces — antes dos 60 anos — ficaram restritas a regras de transição para grupos como os que estavam perto de completar os critérios para requerer o direito.

Considerando a inviabilidade da antecipação do benefício previdenciário, que também funcionava como renda extra para aposentados que permaneciam trabalhando, especialistas em finanças pessoais consultados pela **Folha** alertam para o fato de que a mudança só aumentou a importância da preparação de longo prazo para evitar o rebaixamento do padrão de vida no futuro.

O plano sugerido pelos especialistas é iniciar o quanto antes uma carteira de investimentos diversificada e resistente aos ciclos econômicos por meio da combinação entre previdência complementar e alguns tipos de aplicação de renda fixa.

A Bolsa de Valores pode entrar na composição de quem tem estômago para suportar o sobe e desce das ações.

Distribuir os ovos em quantidades semelhantes em várias cestas costuma ser a estratégia mais segura, mas é aconselhável que pessoas de perfil conservador destinem a menor parte para a renda variável.

Mesmo que o capital disponível para começar seja baixo, a consistência nas aplicações e o rendimento acumulado ao longo dos anos — décadas, de preferência — poderão garantir a renda complementar.

De quanto deve ser esse complemento? A meta mais comum é projetar o suficiente para que, quando somado ao benefício previdenciário, o valor iguale a renda mensal do trabalhador na ativa.

O montante acumulado pode ser projetado para permitir uma quantidade de saques mensais a serem realizados durante o tempo de sobrevida estimado para o investidor, conforme as tábuas de mortalidade do IBGE.

Esse planejamento não deve descartar, portanto, a aposentadoria pelo Regime Geral de Previdência Social. Na verdade, o ponto de partida é justamente entender as regras de acesso e o cálculo do benefício da seguridade pública. Contribuir para o INSS é a base do plano não somente por que isso é obrigatório.

A Previdência gera retornos previsíveis e competitivos com aplicações financeiras no mercado. Além disso, o caráter solidário do sistema (ativos contribuem para inativos receberem) garante renda mínima, estável e vitalícia até mesmo para quem é obrigado a interromper os recolhimentos devido a um acidente ou doença incapacitante.

"Uma previdência pública faz sentido não só do ponto de vista individual, mas também porque é um sistema fraterno", afirma o consultor financeiro Fabiano Calil, da Planejar (Associação Brasileira do Planejamento Financeiro).

ENTENDA O CÁLCULO DA RENDA DO INSS

A regra geral de acesso à aposentadoria do INSS requer uma carência de 15 anos de contribuição e idade mínima de 62 anos, para mulheres, e de 65 anos, para homens.

Segurados que ingressaram no sistema antes da reforma da Previdência, em novembro de 2019, têm chance de antecipar um pouco a aposentadoria por meio das regras de transição.

A renda mensal de um aposentado pelo instituto varia entre um salário mínimo (R$ 1.212) e o teto previdenciário (R$ 7.087,22), considerando os valores de 2022.

Para quem se aposenta apenas com a carência de 15 anos, o benefício é de 60% do valor médio dos salários sobre os quais o segurado contribuiu. É a chamada média salarial.

Cada ano contribuído além da carência acrescenta dois pontos percentuais da média salarial à composição da renda, considerando o cálculo geral aplicado na reforma. As regras de transição do pedágio têm cálculos distintos.

Mesmo trabalhadores que contribuem com as cotas máximas permitidas, portanto, não receberão um benefício igual ou perto do teto do INSS caso permaneçam no sistema apenas até cumprir a carência.

Há uma diferença entre mulheres e homens nessa contagem. Enquanto elas têm esse acréscimo a partir do 16º ano de recolhimentos, eles somente passam a ampliar o benefício ao completarem o 21º ano de contribuição. Uma aposentadoria próxima do teto de R$ 7.087,22, portanto, demoraria entre 35 e 40 anos.

"Ressaltando que, mesmo alguém que tenha contribuído a vida inteira sobre o teto não irá receber o valor máximo hoje", explica o advogado Wagner Souza, consultor do Ieprev (Instituto de Estudos Previdenciários).

O empecilho mencionado por Souza é resultado de aumentos superiores à inflação aplicados ao teto do INSS por ocasião de mudanças legislativas. Os aumentos reais do teto criaram um descompasso em relação às contribuições, que sempre receberam apenas a correção monetária.

Veja tabela 1

RESERVA DE EMERGÊNCIA

Formar uma reserva financeira para emergências é o passo essencial para quem pretende começar a investir, segundo o planejador financeiro Daniel Bellangero, da Planejar. Sem isso, imprevistos tendem a levar ao endividamento.

Para funcionar, a reserva de curto prazo tem algumas regras. A primeira é ser constituída por "aplicações de alta liquidez", diz o especialista.

O objetivo é ter a possibilidade de resgate imediato. Rendimento, apesar de desejável, não é o mais importante nesse caso.

A espessura do colchão depende do tamanho do tombo financeiro que cada um pode levar. Como orientação geral, Bellangero recomenda o acúmulo de seis meses da renda mensal.

Para Calil, porém, a estratégia pode ser ajustada ao nível de segurança que cada categoria profissional permite. Um autônomo, portanto, deve formar uma reserva de curto prazo maior do que a de um funcionário público.

Não há receita que indique exatamente quanto cada um deve acumular, mas o modelo abaixo pode atender a diferentes tipos de trabalhador. O período da renda mensal acumulada varia conforme o tipo de atividade:

- **3 meses, para servidores públicos**
  A reserva é pequena devido ao baixo risco de exoneração e às verbas rescisórias
- **6 meses, para contratados via CLT**
  Verbas rescisórias e o seguro-desemprego permitem uma reserva moderada
- **12 meses, para autônomos**
  Esse público depende exclusivamente da reserva para não se endividar

Liquidez diária é a característica mais importante ao escolher o tipo de investimento para essa reserva. Isso garantirá a conversão em dinheiro no mesmo dia em que o resgate for solicitado, sem prejuízo quanto ao rendimento.

Previsibilidade deve ser outro dos pilares da reserva. Por isso, a opção deve ser pela renda fixa. CDBs (Certificados de Depósitos Bancários) e Tesouro Selic costumam ser os mais recomendados.

Para a formação de reserva de emergência com base no Tesouro Selic, títulos pós-fixados (a remuneração será com base na taxa de juros vigente no momento do resgate) são os preferidos.

Nessa opção não ocorre a marcação ao mercado, como é chamada a prática de atribuir a um ativo o preço de mercado na data do resgate.

SOPA DE LETRAS DA PREVIDÊNCIA PRIVADA

Jamais se deve pensar na previdência privada como uma forma de substituir a Previdência Social. Ela sempre será um complemento.

Arquitetado pelo sistema de capitalização, o benefício do plano complementar é calculado com base na capacidade de investimento do indivíduo ao longo do tempo. Dificilmente resultará em uma renda mensal tão longeva quanto a do INSS.

Mas a previdência complementar obriga o investidor a assumir um compromisso mensal de aplicar com vistas à aposentadoria. "Ela traz disciplina ao investidor", diz Bellangero.

Constância é um predicado importante para que o planejamento de uma aposentadoria funcione.

Outro ganho igualmente intangível, mas relevante, é a garantia de acesso rápido dos dependentes ao valor aplicado em caso de morte do titular. O resgate não depende da realização do inventário, diferentemente do que ocorre com outras aplicações e bens.

PGBL, VGBL, IRPF e ITCMB. Falar sobre previdência privada é quase tomar uma sopa de letras. Mas vale entender o básico sobre como essas siglas interferem na escolha do plano.

Continua na pág. A19

1 Aposentadoria pelo INSS

Cálculos com base em simulações de salários médios de contribuição previdenciária

Valores estimados para aposentadorias com idade mínima de 62 anos (mulher) e de 65 anos (homem) conforme o tempo de contribuição e média salarial, em R$*

Mulheres

Média salarial	15 anos	20 anos	25 anos	30 anos	35 anos
1.500,00	1.212,00	1.212,00	1.212,00	1.350,00	1.500,00
2.000,00	1.212,00	1.400,00	1.600,00	1.800,00	2.000,00
2.500,00	1.500,00	1.750,00	2.000,00	2.250,00	2.500,00
3.000,00	1.800,00	2.100,00	2.400,00	2.700,00	3.000,00
3.500,00	2.100,00	2.450,00	2.800,00	3.150,00	3.500,00
4.000,00	2.400,00	2.800,00	3.200,00	3.600,00	4.000,00
4.500,00	2.700,00	3.150,00	3.600,00	4.050,00	4.500,00
5.000,00	3.000,00	3.500,00	4.000,00	4.500,00	5.000,00
5.500,00	3.300,00	3.850,00	4.400,00	4.950,00	5.500,00
6.000,00	3.600,00	4.200,00	4.800,00	5.400,00	6.000,00
6.500,00	3.900,00	4.550,00	5.200,00	5.850,00	6.500,00
7.000,00	4.200,00	4.900,00	5.600,00	6.300,00	7.000,00
7.087,22	4.252,33	4.961,05	5.669,78	6.378,50	7.087,22

Homens

Média salarial	15 a 20 anos	25 anos	30 anos	35 anos	40 anos
1.500,00	1.212,00	1.212,00	1.212,00	1.350,00	1.500,00
2.000,00	1.212,00	1.400,00	1.600,00	1.800,00	2.000,00
2.500,00	1.500,00	1.750,00	2.000,00	2.250,00	2.500,00
3.000,00	1.800,00	2.100,00	2.400,00	2.700,00	3.000,00
3.500,00	2.100,00	2.450,00	2.800,00	3.150,00	3.500,00
4.000,00	2.400,00	2.800,00	3.200,00	3.600,00	4.000,00
4.500,00	2.700,00	3.150,00	3.600,00	4.050,00	4.500,00
5.000,00	3.000,00	3.500,00	4.000,00	4.500,00	5.000,00
5.500,00	3.300,00	3.850,00	4.400,00	4.950,00	5.500,00
6.000,00	3.600,00	4.200,00	4.800,00	5.400,00	6.000,00
6.500,00	3.900,00	4.550,00	5.200,00	5.850,00	6.500,00
7.000,00	4.200,00	4.900,00	5.600,00	6.300,00	7.000,00
7.087,22	4.252,33	4.961,05	5.669,78	6.378,50	7.087,22

*Limitado ao teto dos benefícios previdenciários vigente em 2022 Fonte: EC-103/2019

Ilustração Catarina Pignato

Continuação da pág. A18

No plano de previdência privada na modalidade PGBL (Plano Gerador de Benefício Livre) o valor contribuído pode ser deduzido da base tributável do IR (Imposto de Renda de Pessoa Física) até o limite de 12% da renda bruta.

Essa vantagem não se aplica, portanto, a quem faz a declaração simplificada ou já superou o limite de 12% de abatimentos. Para esse contribuinte, o VGBL (Vida Gerador de Benefício Livre) é interessante porque o IR é aplicado apenas sobre o rendimento.

No PGBL há tributação sobre o montante aplicado. Por isso é mais indicado para quem faz a declaração completa. O desconto obtido com o tempo compensa a tributação sobre o resgate.

Se o plano de previdência também está sendo pensado como estratégia de sucessão, cabe ficar atento sobre a relação dos tipos de plano com o ITCMD (Imposto sobre Transmissão Causa Mortis).

Benefícios previdenciários não são legalmente classificados como herança e, por isso, estariam livres do ITCMD. O problema é que apenas o PGBL é claramente classificado como um plano de previdência complementar. O VGBL é um seguro pessoal.

Essa diferença criou brechas para que alguns Estados passassem a aplicar ITCMD sobre planos VGBL. Contribuintes têm recorrido à Justiça para não pagar o imposto.

Estevão Scripilliti, diretor da Bradesco Vida e Previdência, ressalta que o mercado de previdência complementar possui alternativas ajustáveis ao perfil do investidor, oferecendo até opções relativamente agressivas, que mesclam rendimentos da renda fixa e aplicações em fundos de ações.

RENDA FIXA E O PESSIMISMO NECESSÁRIO

Planejar um investimento de longo prazo destinando mais da metade da carteira para a renda fixa é imaginar que o país continuará a elevar juros em um ambiente de inflação persistente. Apesar de pessimista, é uma perspectiva que faz sentido no Brasil.

Proteger-se da inflação é a regra básica no planejamento.

Títulos do Tesouro Nacional atrelados à variação do IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) garantem a variação da inflação até o vencimento, além de pagarem os juros contratados no período.

O Tesouro IPCA gera rendimento real (acima da inflação) com a segurança de um título soberano. Por isso costuma ser a base para um planejamento financeiro conservador de longo prazo.

Títulos privados também entram na composição. LCIs e LCAs (Letras de Crédito Imobiliário e do Agronegócio) são alternativas mais indicadas.

Investimentos em renda fixa tradicionais ainda contam com a proteção do FGC (Fundo Garantidor de Crédito), que garante cobertura de até R$ 250 mil ao investidor em caso de falência do emissor.

Sofisticar parte da renda fixa para buscar mais rentabilidade pode valer a pena.

Títulos de crédito privado, emitidos por empresas e organizações semelhantes, são opções. Estão nessa categoria as debêntures incentivadas, que possuem entre suas principais vantagens a isenção do IR. Mas há alguns cuidados.

Esses títulos não contam com a proteção do FGC e a recomendação é que a escolha seja feita sob orientação de um analista de investimentos.

Evitar concentrações superiores a 20% em uma categoria de ativos e não destinar mais de 5% para ativos de um emissor são regras básicas para ter mais segurança.

Veja tabela 2

BOLSA PARA QUEM SABE ESPERAR

O mercado de ações oscila no presente e costuma amedrontar investidores conservadores. Mas há características interessantes para o planejamento da aposentadoria.

Apesar da ideia da volatilidade provocada pela especulação de curto prazo, com o passar dos anos investimentos na Bolsa tendem a apresentar ganhos mais consistentes.

Segundo Ivens Gasparotto, chefe de consultoria da Suno, ações de empresas sólidas e de setores essenciais, como energia e infraestrutura, aumentam a segurança desse tipo de investimento. "É improvável que um investimento de longo prazo, de dez a 20 anos, resulte em prejuízo."

Já no setor de commodities, há a possibilidade de se proteger também contra oscilações do câmbio. Materiais básicos comercializados nos mercados globais são cotados em dólar, o que permite ganhos mesmo em períodos de desvalorização do real.

Bellangero cita empresas boas pagadoras de dividendos, como do setor elétrico.

Diversificação geográfica é outra vantagem da renda variável. Empresas com operações industriais ou que exportam para diversas regiões do planeta suportam mais facilmente ao longo do tempo crises pontuais em determinadas localidades, como guerras e epidemias.

Destinar ao menos parte da carteira para ações de empresas estrangeiras, sobretudo as listadas na Bolsa de Nova York, amplia a diversificação geográfica e cambial.

Os ETFs (Exchange Traded Funds), fundos que acompanham a variação de índices de ações no exterior, são o jeito mais simples de fazer isso.

Negociados na B3, a Bolsa de Valores do Brasil, esses fundos de índices são acessíveis a pessoas físicas por meio de corretoras.

2 Renda fixa

Simulações para aplicações iniciais de R$ 1.000 e taxa de juros de 11% ao ano, em R$

	1.000,00	1.000,00	1.000,00	1.000,00
Depósitos mensais até se aposentar	200,00	200,00	1.000,00	1.000,00
Quanto tempo até a aposentadoria	15 anos	30 anos	15 anos	30 anos
Valor que vai acumular (corrigido)	91.442,07	524.170,25	438.071,99	2.529.282,06
Expectativa de vida ao se aposentar	30 anos	30 anos	30 anos	30 anos
Quanto poderá sacar por mês na aposentadoria	**835,19**	**4.787,55**	**4.001,16**	**23.101,39**

Fonte: Suno

> Mesmo alguém que tenha contribuído a vida inteira sobre o teto não irá receber o valor máximo hoje
>
> **Wagner Souza**
> consultor do Ieprev (Instituto de Estudos Previdenciários)

> A previdência privada traz disciplina ao investidor
>
> **Daniel Belangero**
> planejador financeiro

Investimento verde é coisa de rico

Não sei se ficaria melhor arrematar com um 'infelizmente' ou com um 'ainda'

Marcos de Vasconcellos
Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

Antes de mais nada, caro leitor, gostaria de complementar o título do texto. Mas não sei se ficaria melhor arrematar com um pessimista "infelizmente" ou com um otimista "ainda". Deixo a cargo de cada um.

Os investimentos verdes, sustentáveis ou atrelados às letrinhas ESG (que pressupõem boa governança corporativa, ambiental e social), tiveram um belíssimo aumento, em todo o mundo, desde o início da pandemia de coronavírus. Mas, convenhamos, para algo que era praticamente inexistente, qualquer aumento é percentualmente relevante.

Um relatório do Banco Mundial publicado neste mês mostra que, em 2020, o número de títulos soberanos verdes —emitidos pelos países, para arrecadar fundos a fim de incentivar o uso de energia renovável ou cumprir metas de redução de emissão de carbono— mais do que dobrou. E sua arrecadação passou dos US$ 41 bilhões (quase R$ 215 bilhões).

O valor equivale ao PIB (Produto Interno Bruto) do Paraguai, mas a pouco mais de dois anos dos gastos com o programa Auxílio Brasil. E isso significa menos de 0,5% do mercado mundial de títulos de dívida soberanos.

O Banco Mundial divide os países em quatro classes: alta renda (como Estados Unidos, Japão e Itália); renda média alta (Brasil, China, Peru...); renda média baixa (Índia, Senegal, Filipinas...); e renda baixa (como Etiópia e Nigéria).

E a conclusão é que cerca de 60% dos países de alta renda possuem instrumentos financeiros públicos atrelados à sustentabilidade, enquanto o mecanismo é aplicado em aproximadamente 25% dos países com renda média alta e em pouco mais de 10% dos países com renda média baixa. A quarta categoria de nações nem sequer aparece.

Ao olharmos também para os títulos de dívida (ou bonds) do setor privado, temos números mais "frescos" e significativamente mais altos. Em 2021, o número de títulos verdes emitidos praticamente dobrou, atingindo US$ 621 bilhões (R$ 3,25 trilhões). Onde foi emitida a maior parte? Na Europa, claro.

Uma boa surpresa vem de um péssimo motivo: na busca por saídas para os mais impactados economicamente pela pandemia, houve um tremendo aumento dos "títulos sociais" (social bonds), cujo objetivo é financiar iniciativas que atuem na solução de problemas de moradia, segurança alimentar e acesso a serviços essenciais.

Em 2021, houve um boom de "títulos sociais", que financiaram projetos como empréstimos para compra de casas, financiamento de agricultores, expansão do acesso à saúde e à água potável. Foram levantados US$ 206 bilhões (R$ 1 trilhão) por esse meio em 2021, e a previsão é chegar a US$ 300 bilhões (R$ 1,5 trilhão) neste ano, de acordo com John Gandolfo, vice-presidente da International Finance Corporation (IFC).

Veja bem: não se trata de caridade. São títulos de renda fixa, emitidos por governos ou por players do setor privado, com diferentes retornos e fatores de risco.

Por mais que haja clara necessidade de captação e ótimos projetos no Brasil, a questão aqui ainda engatinha.

Para quem busca investir em projetos com papel social e ambiental, um caminho interessante é aplicar em ETFs (fundos com cotas negociados em Bolsa) que compram esse tipo de papel. A variedade na Bolsa brasileira é pequena, tornando mais interessante, para os entusiastas, ter essa parte de seus investimentos no exterior. Afinal, investimento sustentável (ainda) é coisa de (país) rico (infelizmente).

marcos@monitordomercado.com.br

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos | **TER. Michael França**, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Protesto em SP contra juíza que tentou impedir menina de 11 anos de realizar aborto Bruno Santos - 23.jun.2022/Folhapress

Em meninas, abortos legais são só 8% das internações do tipo

Maioria das hospitalizações ocorrem por situações provocadas ou espontâneas

DELTAFOLHA

Cristiano Martins e Isabela Palhares

SÃO PAULO A cada aborto legal feito em meninas de 14 anos ou menos no Brasil, outras 11 precisaram ser hospitalizadas em decorrência de interrupções de gravidez provocadas ou espontâneas em 2021.

O levantamento foi realizado pela **Folha** com dados de registros hospitalares do SUS (Sistema Único de Saúde).

No ano passado, foram registradas 1.556 internações relacionadas a abortos na faixa etária dos 10 aos 14 anos. Apenas 131 delas (8%) foram computadas como decorrentes de causas autorizadas no Brasil: estupro, risco à vida da gestante e anencefalia do feto, esta última por decisão do STF (Supremo Tribunal Federal).

As outras 1.425 internações (92%) ocorreram em razão de abortos espontâneos ou induzidos fora dos hospitais. A frequência foi comparável à dos atendimentos por asma (1.565) ou anemia (1.397).

As intervenções autorizadas são a minoria, apesar de a gravidez nessa idade apresentar alto risco à saúde da gestante e de o aborto legal ser previsto em lei nos casos de estupro, o que automaticamente inclui meninas engravidadas antes de completar 14 anos.

Também em 2021, foram feitos 1.502 procedimentos de curetagem ou aspiração intrauterina, apenas em caráter de urgência, em pacientes dos 10 aos 14 anos. Usadas para retirada de restos de abortamentos incompletos, essas técnicas estão associadas mais frequentemente às tentativas malsucedidas de interrupção da gravidez do que aos casos naturais.

A comparação com o número de internações sugere uma alta ocorrência de complicações nos abortos realizados fora do ambiente hospitalar.

De acordo com o Código Penal, todo ato sexual com menores de 14 anos configura estupro de vulnerável. O mesmo código prevê a possibilidade do aborto legal quando a gestação resulta de estupro.

Apesar de serem a minoria, os abortos legais têm aumentado proporcionalmente no país. As interrupções por todas as causas entre as gestantes de 10 a 14 anos diminuíram desde a década passada —paralelamente a uma redução observada também na ocorrência de partos—, enquanto as intervenções autorizadas se tornaram mais frequentes.

Em 2010, o sistema público registrava taxa de 352 abortos por milhão de meninas nesta faixa etária. No ano passado, o índice caiu para 217. Os procedimentos legais, por sua vez, aumentaram de 4 para 18 por milhão, respectivamente.

Para especialistas, as estatísticas indicam que o direito das vítimas de violência sexual ainda está longe de ser contemplado. "O número de abortos legais é ainda mais discrepante com o de meninas que se tornam mães. Também é muito alarmante quando olhamos o número de vítimas de violência sexual nesse grupo", diz Nicole Campos, socióloga e gerente de estratégias da ONG Plan International.

O Sistema de Informações Sobre Nascidos Vivos (Sinasc) mostra que 17,5 mil meninas de 10 a 14 anos tiveram filhos em 2020, último dado oficial consolidado. Na média desde 2010, foram 24 mil por ano.

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública mais recente, também com dados de 2020, indica que ao menos 37,6 mil meninas menores de 14 anos sofreram estupro no período. Crianças e adolescentes dessa faixa etária são 60,6% das vítimas do crime —86,9% do gênero feminino.

O ginecologista e obstetra Jefferson Drezett, professor da Faculdade de Saúde Pública da USP, avalia que o número de abortos legais é proporcionalmente baixo no país por preconceito e pela falta de serviços públicos suficientes.

"Dificultar o acesso não vai impedir o aborto, só tornar a situação ainda mais cruel. E quanto mais pobre for a mulher, maior a chance de um aborto clandestino realizado de forma insegura", afirma Drezett, ex-coordenador do Núcleo de Violência Sexual e Aborto Legal do Hospital Pérola Byington, em São Paulo.

O médico Marun Cury, da Associação Paulista de Pediatria, destaca a falta de informação às famílias e até mesmo entre os profissionais da saúde.

"Quando a gravidez acontece nessa idade, as famílias deveriam ser informadas sobre o risco que as meninas correm ao mantê-la e também sobre o direito à interrupção. Meninas com menos de 14 anos ainda não têm o corpo preparado para a gravidez", diz.

Ele explica que a gestante dessa idade tem maior probabilidade de complicações como anemia, hipertensão, pré-eclâmpsia e parto prematuro. Para o bebê, há maiores chances de problemas respiratórios e más-formações.

"A menina ainda não tem, por exemplo, a estrutura óssea da bacia pronta, porque ela leva de dois a três anos após a primeira menstruação para se consolidar. Por isso, os partos são de alto risco para a mãe e o feto. Não é à toa que a maioria dos recém-nascidos precisam ser internados em UTIs", observa Cury.

Os especialistas veem chance de retrocesso após a publicação pelo Ministério da Saúde de uma norma técnica que, sem ter alterado a legislação, confunde e pode prejudicar a conduta médica.

O texto diz que o aborto não é recomendado após 22 semanas de gestação. Esse foi o argumento apresentado por uma equipe para recusar o procedimento em uma menina de 11 anos vítima de estupro em Santa Catarina.

"Sem ter uma justificativa científica, o governo vai impondo seu viés ideológico e moralizante nessa questão. A norma cria um ambiente de insegurança jurídica nos hospitais", opina Campos.

O documento ainda orienta as equipes a avaliarem "rigorosamente" os casos com entre 20 e 22 semanas, devido à "possibilidade de erro de estimativa da idade gestacional". "Recomenda-se limitar o ingresso para atendimento ao aborto previsto em lei com 20 semanas de idade gestacional", diz o texto.

"O aborto é permitido quando há risco de morte ou por estupro há 82 anos. Durante todas essas décadas, o Estado virou as costas para esse direto. Agora, o ministério produz um documento que dificulta ainda mais o acesso. Vai na contramão do que o Brasil precisa", critica Drezett.

Em 2020, para cada bebê dado à luz por uma menina no Sul ou no Sudeste, nasceram 3 no Norte e 2 no Nordeste. A cada 2 internadas por aborto nas regiões mais ricas no ano passado, foram socorridas 6 e 5, respectivamente, nas mais pobres.

Sob a ótica racial, a cada aborto de uma menina branca (25%), ocorrem 3 entre as negras (72%), bem acima da proporção de pardas e pretas na composição da população feminina de 10 a 14 anos (56%).

"A gravidez precoce é sempre mais recorrente nos grupos com menos acesso a direitos, onde houve falha no acesso à saúde, educação, proteção social. É o resultado de desigualdades sistêmicas que se aprofundam ainda mais após a gravidez", analisa Campos.

A socióloga argumenta que a educação sexual nas escolas, que vive sob ataque de grupos políticos no país, ajudaria na prevenção da gravidez precoce e, consequentemente, no número de abortos.

"Toda gravidez até os 14 anos é uma violência presumida. A educação não age só para evitar uma gravidez intencional, mas é um instrumento de prevenção contra a violência. Ela ensina a essas meninas os limites do seu corpo, o que é o consentimento, a quem recorrer em caso de abuso", defende.

Segundo ela, muitas meninas dessa idade nem sequer sabem como acontece uma gravidez. "Além de serem vítimas de violência, se tornam mães e perdem mais uma série de outros direitos. Param de estudar, perdem a oportunidade de entrar em uma universidade, ter uma carreira, ser inseridas socialmente. Precisamos compreender a gravidade que é a maternidade para essas crianças."

A OMS (Organização Mundial da Saúde) calcula que 47 mil mulheres morrem a cada ano em razão de abortos clandestinos. Também estima que 5 milhões de mulheres por ano sofram com sequelas de procedimentos inseguros.

Dificultar o acesso não vai impedir o aborto, só tornar a situação mais cruel. E quanto mais pobre for a mulher, maior a chance de aborto clandestino realizado de forma insegura

Jefferson Drezett
obstetra, professor da Faculdade de Saúde Pública da USP

Por dia, 4 meninas são internadas no SUS por aborto

6 hospitalizações diárias é a média desde a última década, mas números estão em queda. De 2020 para cá, frequência é de 4 abortos diários

No ano passado, internações por **abortos ainda foram tão recorrentes quanto por asma** (1.565) **ou anemia** (1.397) no SUS

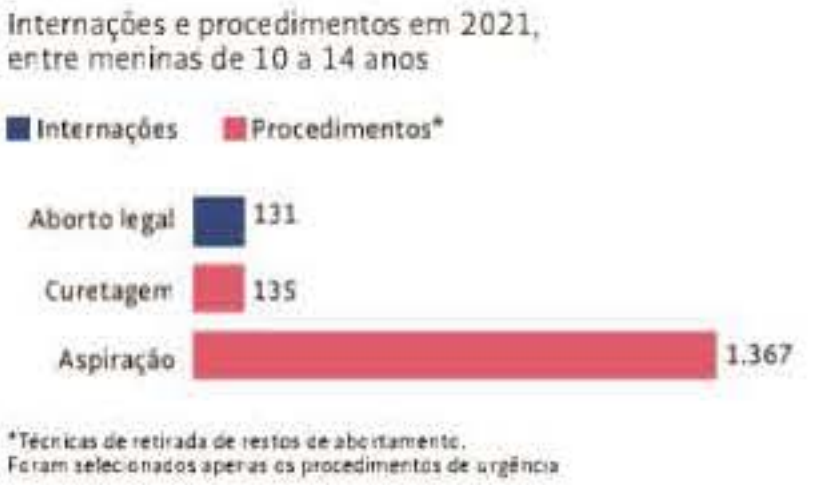
Internações de meninas com 10 a 14 anos
Aborto espontâneo, por razões médicas/legais ou indeterminado, por milhão

Abortos por razão médica/legal aumentaram nos últimos anos
Abortos por milhão

Para cada aborto legal, SUS realiza 11 procedimentos médicos de urgência

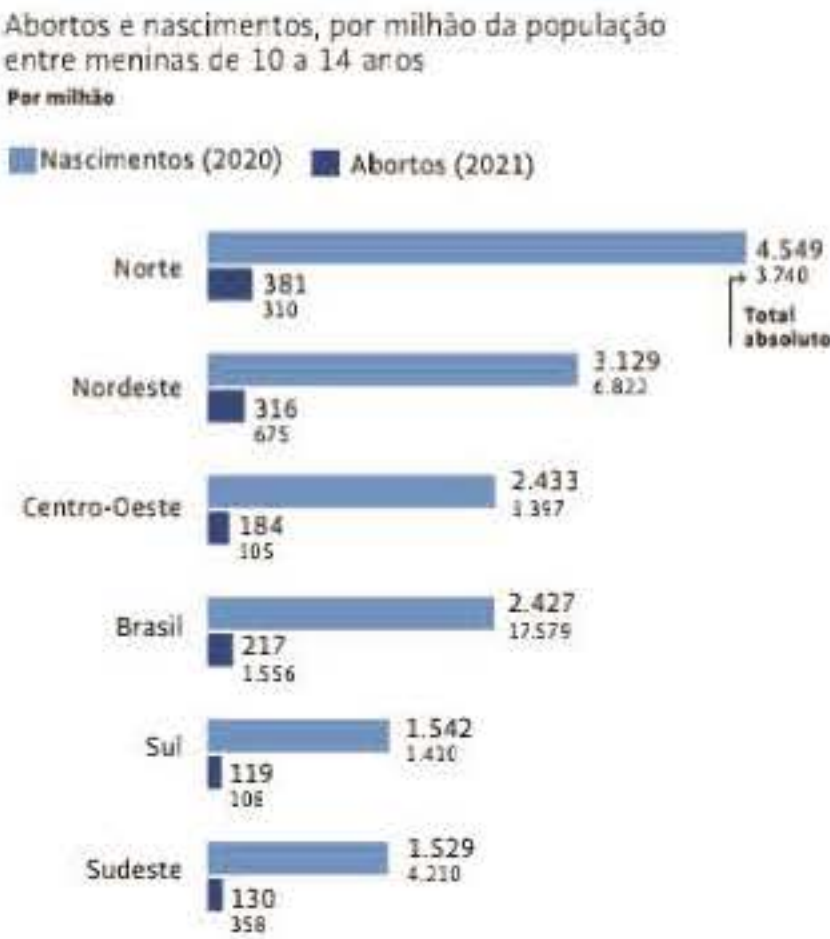
Aborto legal
Urgências

Internações e procedimentos em 2021, entre meninas de 10 a 14 anos

*Técnicas de retirada de restos de abortamento. Foram selecionados apenas os procedimentos de urgência

Em média, 24 mil meninas por ano se tornaram mães, desde 2010

Partos realizados entre meninas de 10 a 14 anos

Partos e abortos são mais frequentes entre as meninas do Norte e do Nordeste

Abortos e nascimentos, por milhão da população entre meninas de 10 a 14 anos
Por milhão

A cada 1 menina branca internada por aborto, são registrados quase 3 atendimentos de negras

Fonte: DataSUS/Ministério da Saúde e IBGE

Vazamento de gravidez de atriz em hospital é investigado

Instituição e conselho de enfermagem apuram relato de Klara Castanho

Cláudia Collucci

SÃO PAULO O relato da atriz Klara Castanho, 21, sobre o vazamento de informações do seu prontuário médico expõe falhas graves do hospital e de profissionais que têm a obrigação legal de proteger o sigilo da paciente, segundo gestores hospitalares e advogados.

Klara revelou no sábado (25) que foi vítima de um estupro e manteve a gestação, entregando a criança para adoção após o nascimento.

A atriz relatou que, ainda sob o efeito da anestesia do parto, uma enfermeira entrou na sala cirúrgica e a ameaçou com o vazamento de informações sobre a situação.

"Ela fez perguntas e ameaçou: 'Imagina se tal colunista descobre essa história'. Eu estava dentro de um hospital, um lugar que era para supostamente para me acolher e proteger. Quando cheguei no quarto já havia mensagens do colunista, com todas as informações", escreveu Klara em rede social.

Neste domingo (26), o Hospital Brasil, da Rede D'Or em Santo André (SP), informou que abriu sindicância interna para apurar o fato. Em nota, a instituição diz que tem como princípio preservar a privacidade de seus pacientes bem como o sigilo das informações do prontuário médico.

O Coren (Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo) também anunciou que vai apurar a denúncia envolvendo a profissional. Em última instância, ela pode perder o registro profissional.

Na opinião do advogado Josenir Teixeira, consultor jurídico na área da saúde, o vazamento do prontuário do paciente é criminoso. "Expõe as mais íntimas entranhas físicas e psíquicas do ser humano."

O médico e doutor em administração de empresas Walter Cintra Ferreira Júnior, professor de administração hospitalar da FGV (Fundação Getulio Vargas), tem a mesma opinião.

"É uma ação criminosa. Mesmo antes da LGPD [Lei Geral de Proteção de Dados], isso já estava caracterizado. Precisa averiguar, todo mundo tem direito à ampla defesa, mas que sejam feitas as punições devidas porque isso tudo é um verdadeiro horror."

Segundo Teixeira, os fatos relatados pela atriz, se confirmados, demonstram a violação de artigos da Constituição Federal, do Código Civil e do Código de Defesa do Consumidor, além de resoluções dos conselhos profissionais.

A atriz Karla Castanho, que teve informações vazadas Facebook

O advogado explica que ações indenizatórias podem ser movidas contra o hospital (pessoa jurídica) e a enfermeira (pessoa física). "A enfermeira deve ser empregada do hospital, o que o coloca em posição de solidariedade com ela no pagamento de indenização."

Além de poder ser demitida por justa causa, a enfermeira também deverá poderá ser investigada em inquérito policial e se tornar ré em ação criminal. Nesse caso, poderá ser aplicado o artigo 154 do Código Penal, que prevê detenção de até um ano ou multa.

Também pode ser julgada pelo descumprimento do código de ética. Para Ferreira Júnior, é preciso que o caso sirva de alerta para que os hospitais e profissionais revisem seus códigos de conduta.

"O hospital tem profissional de vigilância, da limpeza, os funcionários administrativos, e todos precisam ser instruídos em relação ao código de conduta e as consequências se quebrado."

Francisco Balestrin, presidente do Sindhosp (sindicato paulista dos hospitais, clínicas e laboratórios), diz que essas questões relacionadas ao sigilo do paciente estão bem estabelecidas nas instituições e são ainda mais reforçadas quando os doentes são de "interesse social", como políticos e artistas.

"Mas infelizmente há profissionais que usam os seus critérios individuais para fazer isso ou aquilo. Eles se posicionam com seres ideológicos, fazem julgamentos, causam dolo ao paciente."

Ele afirma que os hospitais são locais onde as pessoas deveriam se sentir protegidas. "Mas hoje, mesmo nessas instituições, você está sujeito a essa exacerbação ideológica que temos visto na sociedade."

Balestrin cita o episódio que envolveu o vazamento de dados sigilosos do prontuário médico da ex-primeira-dama Marisa Letícia Lula da Silva, em 2017. Em um grupo de WhatsApp, uma médica do Hospital Sírio-Libanês compartilhou dados sobre o estado de saúde, que logo viralizaram. O hospital demitiu a profissional por justa causa.

Para Balestrin, o caso envolvendo a atriz Klara Castanho mostra que algumas instituições e profissionais de saúde não aprenderam nada.

Ele diz que os hospitais definem regras, protocolos e condutas, mas que, nos últimos anos, ele observa que os profissionais estando perdendo muito a sua formação ética.

Na opinião da psicóloga Daniela Pedroso, o caso de Klara reforça ainda o despreparo dos serviços em atender mulheres vítimas de estupro que engravidam.

Ela lembra que as pacientes precisam ser informadas tanto sobre o direito legal ao aborto, em qualquer estágio gestacional, quanto sobre a opção de colocar a criança para a adoção. "Ela precisa ser acolhida e respeitada na opção que desejar."

Leia mais em Ilustrada e na Folha Corrida

Após operações na cracolândia, centro sofre com falta de clientes

Isabella Menon

SÃO PAULO "Enquanto a gente conversa, o restaurante já abriu, mas ainda não apareceu ninguém", diz Fábio Schaberle, dono do restaurante Jaguar, no centro de São Paulo, durante entrevista à reportagem por volta das 12h.

Desde o início da pandemia, o estabelecimento na avenida Duque de Caxias ficou fechado, no total, por seis meses. No início de 2022, com o aumento dos casos de Covid, a frequência caiu novamente. O ritmo só voltou a esquentar em março, mas não durou muito.

Após o início da operação policial em 10 de maio, que desmantelou a cracolândia da praça Princesa Isabel, a poucas quadras do restaurante, Schaberle voltou a ver o salão vazio.

Com a dispersão de usuários de drogas, muitos deles passaram a ocupar a calçada do restaurante, e o uso do crack se tornou ainda mais visível. Assim, os clientes se sentem inseguros, avalia Schaberle.

Durante a semana, o restaurante tem atendido de quatro a oito pessoas por dia —antes, recebia cerca de 40. No fim de semana, o número também variava entre 40 e 50 ao dia, mas era um público que gastava mais em drinques e entradas.

"Agora vendo R$ 600 por dia. No fim de semana, cerca de R$ 1.500. Antes costumava vender em um sábado cerca R$ 5.000 a R$ 6.000, sendo que esse valor já era mais baixo que na época pré-pandêmica", calcula Schaberle, que ainda mantém dívidas contraídas no auge da pandemia, como o aluguel, que está há mais de dois anos sem pagar.

"A sensação é de desespero e desamparo. O desamparo também é pelas pessoas que estão na calçada e precisam de atenção e cuidado. Não quero que a polícia chegue batendo em todo mundo. A gente convive com pessoas em situação de rua desde que abrimos, não adianta tirar as pessoas daqui e colocar em duas ruas da frente", diz.

Ele afirma que não fechou o estabelecimento porque não teria como pagar a rescisão dos funcionários. Além disso, não pode mudar de endereço, porque, além das dívidas com os aluguéis, quando abriu, em 2018, o proprietário do prédio que o restaurante ocupa investiu no local. Ou seja, se tivesse que se mudar, teria que começar do zero.

Diante desse cenário, moradores e comerciantes da região dos Campos Elíseos e da Santa Ifigênia se organizaram para entregar ao Ministério Público, na sexta (24), um abaixo-assinado com mais de 1.800 assinaturas e um documento que detalha os problemas de segurança da região.

Fábio Schaberle, dono do restaurante Jaguar Danilo Verpa/Folhapress

> A sensação é de desespero e desamparo. O desamparo também é pelas pessoas que estão na calçada e precisam de atenção e cuidado. Não quero que a polícia chegue batendo
>
> **Fábio Schaberle**
> comerciante

Eder Perez, gerente de uma empresa que tem cerca de 350 funcionários na Santa Ifigênia, também nota que o atual cenário tem inibido clientes de irem à loja.

"Muitos relatam que tiveram vidro do carro estourado quando vieram na loja, outros foram furtados", diz ele, que calcula queda de 40% no público nas últimas semanas.

Para melhorar o entorno, uma das demandas dos comerciantes é a instalação de um posto policial na avenida Duque de Caxias. Procurada, a prefeitura diz que não há previsão de instalação de um posto fixo no local.

A gestão municipal diz que a GCM (Guarda Civil Metropolitana) atua no policiamento da região da Nova Luz e nas adjacências da praça Princesa Isabel, assim como na avenida Duque de Caxias. A guarda na região tem 80 agentes, 40 no período diurno e 40 no noturno, afirma a prefeitura.

A gestão diz ainda que, de janeiro até a primeira quinzena de junho, a GCM atendeu 180 ocorrências na região, sendo 80 relacionadas a entorpecentes. Além disso, 220 pessoas foram conduzidas ao Distrito Policial e 175 ficaram detidas.

Outro endereço da Duque de Caxias que viu o seu público minguar é a academia Fitness++. Ela contava com até 1.200 alunos antes da pandemia e, pouco antes das operações na cracolândia, estava com 600. Agora, são 370.

O administrador do local, Elizeu Martins, calcula que em um dia chega a realizar o cancelamento de 15 alunos. "É desesperador", diz ele, que prevê que consegue aguentar até o começo de julho. Se a situação não melhorar, terá que demitir funcionários, admite.

"Com as operações policiais, a academia tem que baixar a porta. Os professores cancelam as aulas. Imagina avisar para um aluno que a aula está cancelada devido uma operação policial? As pessoas pensam 'se o professor está com medo, o que eu vou fazer lá?'"

Maria Soares, dona do restaurante Feijão da Duque, afirma que, desde o início das operações policiais, recebe de 15 a 18 pessoas no seu estabelecimento, uma queda de 80% no movimento. "Está muito difícil trabalhar desse jeito", diz ela, que mantém o restaurante há 26 anos.

Na residência estudantil chamada Uliving, outro endereço da avenida Duque de Caxias, também foi notado um aumento na quebra de contratos. O prédio, que tinha 90 contratos ativos no início do ano, agora registra 58.

"Tivemos algumas situações de residentes serem assaltados", relata Bruno Duarte, gerente geral do local. "Todo dia pessoas me perguntam sobre o valor da multa. Estamos desesperados."

Marcia Castro
Excepcionalmente a coluna não é publicada

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Aluno na universidade e professor na vida, foi afeto e resistência

GERMÂNIO EUSTÁQUIO DA SILVA (1952-2022)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO Germânio Eustáquio da Silva tinha 69 anos. Com o trabalho de conclusão de curso aprovado, ultimamente finalizava disciplinas da graduação de publicidade e propaganda da Unipac (Universidade Presidente Antonio Carlos), em Barbacena (MG). No dia 19 de junho, ele entrou para as estatísticas de mortos por Covid-19.

Paciente psiquiátrico internado na década de 1980, ao sair do hospital foi para uma RT (residência terapêutica), destinada a pessoas com transtornos mentais internadas em hospitais psiquiátricos, que não puderam retornar às famílias. Lá manifestou vontade de estudar.

Fez o EJA (Educação de Jovens e Adultos), prestou o Enem e com a nota da prova ingressou na universidade. Pelo menos na região de Barbacena, ele foi o primeiro morador de RT a chegar ao ensino superior, segundo alguns professores.

Germânio nasceu na cidade mineira de Barroso. Bicampeão do Prêmio Expocom Sudeste nos anos de 2021 e 2022, é ainda coautor de dois trabalhos que serão apresentados no 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), que será em setembro, em João Pessoa.

"Tinha sede pelo conhecimento e amor pelo ensino superior. Era ávido por estudar, participar e colocar sua opinião. Ele encontrou na faculdade o espaço para ser ouvido e para ser alguém. Aprendi muito mais com o Germânio do que ele comigo. Ele foi a minha maior alegria e o melhor desafio que eu poderia ter como educador", afirma Ricardo Rios, professor do curso de Publicidade e Propaganda da Unipac.

Motivos não faltaram a Germânio para se revoltar contra a vida, mas ele optou por usar sua doçura para ensinar as pessoas a sua volta a ser alguém melhor.

"Ele me ensinou a escutar mais e ter mais doçura. Sempre foi um ser humano amigo, calmo e paciente. É muito bonito uma pessoa de quase 70 anos buscar a formação numa faculdade", diz Ricardo.

"Germânio era muito generoso, um ser de luz que deixou um legado de afeto, força, resistência. Era a prova viva de que o diagnóstico não pode fechar portas. A trajetória dele foi um resgate de cidadania e superação", afirma a psicopedagoga e psicóloga Maria da Conceição Fajardo Monteiro, a Sãozinha. Ela o acompanhou durante sua trajetória acadêmica quando era responsável pelo NAP (Núcleo de Apoio Psicopedagógico) da Unipac.

"Os versos 'A arte de sorrir / Cada vez que o mundo diz não' da canção 'Brincar de Viver', cantada por Maria Bethânia, o representava. Germânio transmitia alegria, apesar das dificuldades. Ele adorava essa música e brincava que era nossa", conta Maria Fajardo.

Germânio deixa muitos amigos. Não há informações sobre a sua família.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo:
tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (15h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Barco Abaré, usado no projeto de atendimento de saúde, atracado na Ufopa (Universidade Federal do Oeste do Pará), em Santarém (PA) Solange Macedo/SM2

Barco leva ação de saúde mental a ribeirinhos na Amazônia

Profissionais se deparam com casos de gravidez na infância e feminicídio

VIDA PÚBLICA

Tatiana Cavalcanti

SÃO PAULO A primeira imagem que a psicóloga Ana Lúcia Castello teve ao desembarcar em comunidade ribeirinha no rio Tapajós (PA), em fevereiro, foi a de uma menina de 11 anos grávida de cinco meses. Ela esteve na área como voluntária em ação de saúde mental nas regiões da Amazônia Legal.

A profissional faz parte do projeto inédito que leva psicólogos e psiquiatras para essa área amazônica, uma parceria com a Prefeitura de Belterra (PA), a Universidade Federal do Oeste do Pará, e desenvolvida pela ONG Zoé.

Em suas visitas, os voluntários se depararam com situações de violência, como abusos físico, mental e sexual. Também encontraram um cenário de alcoolismo, crises de ansiedade e surtos.

A criança grávida do rio Tapajós tinha contrações quando chegou carregada pelo pai ao Abaré, barco da universidade que atraca em comunidades carentes para oferecer assistência médica.

Ela estava assustada, segundo Ana Lúcia. A jovem disse à psicóloga não fazer ideia que transar engravidava. Em seguida, a menina começou a ter contrações mais fortes e foi encaminhada para a sala de ultrassom. O parto prematuro teve início.

O bebê morreu nove minutos depois de nascer. A garota ficou chocada, segundo a psicóloga. "A parte orgânica dela não estabilizava. Aí apliquei uma técnica de psicologia usada para grandes traumas e ela finalmente conseguiu dormir."

A gravidez na infância chamou a atenção do país recentemente quando uma criança da mesma idade foi proibida de fazer um aborto legal após sofrer um estupro em Santa Catarina. Após a repercussão do caso, a garota conseguiu fazer o procedimento, somente na 29ª semana.

Ana Lúcia, que se emocionou ao contar essa história, afirma que, após ficar estável, a criança foi levada para hospital em Santarém, em viagem de três horas numa lancha-Samu. "Ela teve sorte de estarmos lá naquele dia. Ela poderia até ter morrido, isso me angustiou demais."

A médica psiquiatra Raquel Chilvarquer, também do grupo de voluntários, afirma que, geralmente, existe preconceito em tratar a saúde mental, não apenas em populações remotas. Mas a falta de assistência nessa região mais isolada, ela diz, pode agravar ainda mais o quadro dos pacientes.

O auxílio médico é raridade nas comunidades acessíveis muitas vezes apenas de barco. Raquel esteve no rio Tapajós na expedição mais recente, em junho, e conta que viu um cenário emocional complexo.

"Ali existe um temor da violência. Isso causa estresse, medo e traumas. Alguns pacientes surtam, quando poderiam estar medicados. Muitos sofrem com insônia, angústias e ansiedade. Geralmente, não passam por tratamento e a amargura se prolonga."

Para Ana Lúcia, doutora em ciências da saúde pela Unifesp, a desinformação é uma das situações mais complicadas. "Preocupa o desenvolvimento emocional das crianças, que enfrentam problemas graves. Elas são muito maltratadas. Vimos tudo em excesso. É preciso um trabalho psicológico urgente lá."

A especialista também se deparou com uma família destroçada após o assassinato de uma jovem por seu noivo. "A comunidade inteira era parente. Fiz atendimento coletivo e individual com as pessoas mais abaladas."

Raquel e Ana Lúcia pretendem continuar o mapeamento de saúde mental e acompanhar pacientes dali. Elas estão treinando profissionais de cidades próximas às comunidades ribeirinhas para atendimento básico, que poderá acontecer mensalmente.

A psiquiatra Raquel Chilvarquer, voluntária da ONG Zoé, em atendimento em comunidade ribeirinha do Pará Arquivo pessoal

> Ali existe um temor da violência. Isso causa estresse, medo e traumas. Alguns pacientes surtam, quando poderiam estar medicados. Muitos sofrem com insônia, angústias e ansiedade. Geralmente, não passam por tratamento e a amargura se prolonga
>
> **Raquel Chilvarquer**
> psiquiatra

Agente de saúde há dez anos em Belterra, Rafael Siqueira da Silva, 37, tem uma avaliação positiva do trabalho realizado pelos voluntários da Zoé. Ele diz que as pessoas dessa comunidade são carentes e têm dificuldade em acessar o SUS (Sistema Único de Saúde) pela escassez de médicos. "Eles tiraram de uma fila de anos muitos pacientes que aguardavam cirurgia pelo SUS."

A ONG Zoé atua no rio Tapajós desde 2019 com atendimento clínico e cirurgias. Nesse tempo, ajudou a equipar o Hospital Municipal de Belterra para tratamentos mais complexos. Os mais simples, além de exames, são realizados no barco Abaré. A ajuda médica é gratuita.

Cada viagem mais completa ao Pará pode custar R$ 80 mil, sem considerar os insumos, que chegam via doação de empresas, afirma o colonoscopista e médico-cirurgião Marcelo Averbach, do Hospital Sírio-Libanês. Ele é um dos fundadores da Zoé e diretor de expedições.

O acesso à saúde mental é importante em qualquer lugar, de acordo com relatório divulgado este mês pela OMS (Organização Mundial da Saúde). Segundo o documento, transtornos mentais afetam uma em cada oito pessoas ao redor do mundo e cobram um alto preço na saúde pública.

A falta de mão de obra qualificada nas áreas menos desenvolvidas é uma barreira à melhoria da saúde da população. Formar profissionais de medicina em regiões desprovidas de atendimento médico reduziria as disparidades no Brasil. Essa é a conclusão de estudo do Insper lançado por três pesquisadores que analisaram o comportamento de generalistas.

Uma das responsáveis pela mostra, a professora do Insper Letícia Nunes relata que a decisão do médico sobre onde irá trabalhar está atrelada ao local de nascimento ou da formatura. Apenas depois ele pensa em salários e estrutura no ambiente de trabalho.

"Uma solução seria levar escolas de medicina até regiões afastadas. Atrairia alunos locais, professores e profissionais de saúde. Haveria mais estrutura para essas comunidades", diz Letícia.

Averbach concorda. "Para atrair os profissionais, é necessário ter escolas para os filhos, por exemplo. São várias questões a considerar. Não é apenas salário, que geralmente é bem atraente."

Brasil soma 17 casos de varíola dos macacos

OMS descarta classificar doença como emergência global de saúde, mas diz que rápida disseminação é preocupante

BRASÍLIA O total de casos confirmados da varíola dos macacos no Brasil chegou a 17, segundo informações do Ministério da Saúde. A pasta confirmou na sexta-feira (24) três novos casos, sendo dois no Rio de Janeiro e um em São Paulo.

A maioria das ocorrências é de São Paulo, com 11 registros. Há outros dois casos no Rio Grande do Sul e quatro no Rio de Janeiro. Outros dez seguem em investigação.

Em São Paulo, o caso novo confirmado na sexta-feira é importado, de uma pessoa com registro de viagem. Mas o estado já tem três casos autóctones, o que significa que houve transmissão local da doença. O Rio de Janeiro também registrou dois casos de contágio local.

Já foram descartados 46 casos suspeitos no Brasil.

A varíola dos macacos é transmitida por meio de contato próximo. A infecção pode ser por vias respiratórias, mas é preciso contato face a face perto por tempo prolongado.

No sábado (25), o diretor-geral da OMS (Organização Mundial da Saúde), Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou o surto de da doença é uma ameaça à saúde muito preocupante, mas no momento não é uma emergência global de saúde pública.

"No momento, a situação não constitui uma emergência de saúde pública de interesse internacional, que é o nível mais alto de alerta que a OMS pode emitir", afirmou Ghebreyesus em comunicado após uma reunião de especialistas para discutir o assunto.

"O comitê de emergência compartilhou suas sérias preocupações sobre a escala e a velocidade do atual surto", acrescentou Ghebreyesus.

Até agora, 3.200 casos e uma morte foram detectados em cerca de 50 países diferentes, segundo a OMS.

A varíola dos macacos já era uma doença conhecida, sendo considerada endêmica na África Ocidental e Central. O que vem deixando a comunidade científica em alerta desde maio é a disseminação rápida do vírus para outros países, especialmente na Europa Ocidental.

A OMS considera provável que haja muito mais casos do que os declarados e avalia que o vírus já devia circular antes do surto atual —talvez desde 2017— sem que sua transmissão tenha sido detectada.

A doença é causada pelo monkeypox, um vírus do gênero *Orthopoxvirus* —mesma categoria do patógeno causador da varíola, erradicada em 1980.

Embora tenham suas semelhanças, existem diferenças entre as duas doenças. Uma delas é a letalidade: a varíola matava cerca de 30% dos infectados. Já a varíola dos macacos conta com uma taxa de mortalidade entre 3% a 6%, segundo a OMS.

Os sintomas mais comuns aparecem dentro de 6 a 13 dias após a exposição, mas podem levar até três semanas.

As pessoas que adoecem geralmente apresentam febre, dor de cabeça, dor nas costas e nos músculos, inchaço dos gânglios linfáticos e exaustão geral.

Cerca de um a três dias após a febre, a maioria das pessoas também desenvolve uma erupção cutânea dolorosa característica desse gênero de vírus. A erupção pode começar no rosto, nas mãos, nos pés, no interior da boca ou nos órgãos genitais do paciente e progredir para o resto do corpo.

Especialistas dizem que as chances de a varíola dos macacos se tornar uma pandemia são pequenas pela baixa capacidade de transmissão do vírus. No entanto, afirmam ser importante manter a vigilância, com métodos de rastreamento e diagnóstico eficazes.

No começo do mês, o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, afirmou à **Folha** que o governo estuda a compra da vacina da varíola para grupos específicos, como profissionais de saúde que vivem em regiões de fronteira ou lidam diretamente com os casos.

Com a erradicação da doença, o imunizante parou de ser aplicado no Brasil em 1979 e não está disponível nem no SUS (Sistema Único de Saúde) nem em clínicas de vacinação privadas.

Em um levantamento feito pela Abcvac (Associação Brasileira de Clínicas de Vacinas) a pedido da **Folha**, 73% dos associados responderam que aumentou a procura pela vacina.

Com AFP

> No momento, a situação não constitui uma emergência de saúde pública de interesse internacional, que é o nível mais alto de alerta que a OMS pode emitir
>
> **Tedros Adhanom Ghebreyesus**
> diretor-geral da OMS, em comunicado no sábado (25)

Amigas assistem a exposição imersiva sobre Van Gogh em Dublin, na última quinta (23) Clodagh Kilcoyne/Reuters

> **Além de trazer um entendimento mais profundo do comportamento humano, é algo que pode sugerir abordagens baseadas no olfato para enfrentar problemas de interação social**
>
> pesquisadores do Instituto Weizmann de Ciência, de Israel, em artigo

Amizade pode ser influenciada por cheiro parecido

CIÊNCIA

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) As amizades que se formam "à primeira vista", quando dois desconhecidos se dão bem de forma quase imediata, podem ter como base um elemento insuspeito: a semelhança de odor entre os novos amigos. Experimentos realizados por cientistas israelenses indicam que os cheiros de duas pessoas cuja amizade começou dessa maneira são mais parecidos entre si do que os odores corporais de desconhecidos.

O novo estudo sobre o tema, que acaba de sair na revista especializada Science Advances, se encaixa numa série de descobertas recentes sobre o papel dos odores nas interações sociais humanas.

Embora a nossa espécie pertença a um ramo dos primatas que privilegia o uso da visão, já existem indícios de que os odores corporais humanos influenciam coisas como a escolha de parceiros e a capacidade de reconhecer parentes. As pessoas também conseguem ter indicações sobre o estado emocional dos outros —como depressão e agressividade— a partir do cheiro.

É claro que, na nossa espécie, a maior parte disso parece acontecer de forma subconsciente, ao contrário do que se vê em outros mamíferos, que ativamente "farejam" seus companheiros. Mas a aposta do trio de pesquisadores do novo estudo, formado por Inbal Ravreby, Kobi Snitz e Noam Sobel, do Instituto Weizmann de Ciência, era que as amizades também poderiam ser influenciadas significativamente pelo faro.

Para investigar a hipótese, eles buscaram diferentes pistas, combinando medições com aparelhos e por meio de voluntários. De início, eles decidiram investigar amizades entre pessoas do mesmo sexo e recrutaram voluntários em redes sociais —pares de amigos que confirmassem ter iniciado sua amizade do jeito rápido e espontâneo que era o tema da pesquisa.

Do grupo recrutado, eles convocaram 20 pessoas com idades entre 22 e 39 anos (dez homens e dez mulheres) para a fase presencial do estudo. Os voluntários tinham de dormir duas noites com camisetas 100% algodão, tomando banho com sabonetes sem perfume e também sem usar desodorantes ou perfumes na hora de dormir. Depois da primeira noite, a camiseta era colocada numa sacola plástica bem fechada e, após a segunda noite, a roupa ia de novo para outra sacola e era entregue ao laboratório, que fica na cidade israelense de Rehovot.

O passo seguinte foi usar um nariz eletrônico —sim, esse tipo de aparelho existe e é empregado, por exemplo, pela indústria alimentícia e de cosméticos para analisar novos produtos.

Nos experimentos, os pesquisadores de Israel usaram o nariz eletrônico tanto para comparar os cheiros dos dois "amigos à primeira vista" quanto para comparar todos os odores entre si, aleatoriamente. Depois, analisaram os dados e verificaram que, em média, os cheiros do par de amigos são significativamente mais parecidos do que o de uma dupla de pessoas cujo odor foi comparado de maneira aleatória.

Esse resultado foi confirmado em experimentos nos quais 24 "humanos farejadores" voluntários compararam os dois cheiros dos amigos com um terceiro cheiro humano aleatório (obviamente, sem saber quem era quem). Para os procedimentos, os farejadores colocavam uma das narinas numa cânula inserida na embalagem das camisetas.

Faltava, porém, um último teste. Considerando que a convivência entre os amigos, incluindo ambientes e alimentação semelhantes, poderia influenciar a composição de seus odores corporais, os pesquisadores tentaram criar em laboratório algo parecido com as "amizades à primeira vista", de um jeito inusitado.

Mais uma vez, convocaram algumas dezenas de voluntários que não se conheciam para participar de um experimento no qual eram divididos em pares (mais uma vez, do mesmo sexo) e tinham de participar do "jogo do espelho", no qual, um de frente com o outro, imitavam por dois minutos os movimentos de seu colega —sem conversar. Depois, preenchiam questionários dizendo se haviam simpatizado logo de cara com o colega de brincadeira ou não. Resultado: quem disse que sim de fato tinha cheiro corporal mais parecido com o da outra pessoa.

"Uma implicação de nossos resultados é que podemos ser mais semelhantes a outros mamíferos terrestres do que normalmente achamos", escrevem os pesquisadores. "Além de trazer um entendimento mais profundo do comportamento humano, é algo que pode sugerir abordagens baseadas no olfato para enfrentar problemas de interação social", propõem eles.

Restos da tartaruga (acima) e seu ovo (ao lado) Pompeii Archaeological Park/Divulgação/AFP

RESTOS DE TARTARUGA GRÁVIDA SÃO ACHADOS EM RUÍNA DE POMPEIA

Arqueólogos descobriram nas ruínas de Pompeia, Itália, os restos de uma tartaruga que carregava um ovo e que morreu antes da erupção do Vesúvio que destruiu a cidade antiga no ano 79 d.C. O réptil de 14 centímetros de comprimento trouxe novas pistas sobre os últimos anos da cidade, que se recuperava de um terremoto. "Alguns espaços eram tão pouco utilizados que os animais selvagens podiam se deslocar neles, entrar e buscar um lugar para pôr ovos", disse o diretor-geral das instalações, Gabriel Zuchtriegel, em comunicado na sexta (24). As informações são da AFP.

Palestrantes durante seminário realizado no auditório da Folha; a partir da esq., estão Juliana Mello (Fortesec), Patrícia Audi (Santander), Marcella Franco (mediadora), Vinícius Lummertz (secretário de Turismo e Viagens do Estado de SP) e Eduardo Sanovicz (Abear) Fotos Jardiel Carvalho/Folhapress

Prefeito e empresários miram parcerias público-privadas para estimular o setor

Ações conjuntas podem atrair com melhorias na infraestrutura, novos eventos e atrações, afirmam

Marina Costa e Paola Ferreira Rosa

SÃO PAULO A criação de parcerias público-privadas pode ser uma alternativa para melhorar a infraestrutura de destinos, oferecer mais atrações a visitantes e explorar o potencial do turismo no estado de São Paulo —junto de seus efeitos positivos para a economia.

É o que avaliam os palestrantes da primeira mesa do seminário Perspectivas do Turismo no Estado de São Paulo, realizado pela **Folha** na quinta-feira (23) com patrocínio da Abear (Associação Brasileira das Empresas Aéreas) e da Visite São Paulo. O evento foi mediado pela jornalista Marcella Franco, editora de Turismo, Comida e Folhinha.

Para Vinicius Lummertz, secretário estadual de Turismo e Viagens de São Paulo, ações como a despoluição dos rios e a revitalização do centro aproximam a capital paulista de referências internacionais em turismo, já que esses são pontos prezados pelos visitantes de outros destinos pelo mundo.

Um dos caminhos para que o setor se amplie no estado, diz Lummertz, é discuti-lo como uma das prioridades na agenda econômica, vendo-o como ferramenta capaz de gerar empregos e trazer avanços em aspectos como urbanismo e qualidade de vida.

"À medida que conseguirmos internacionalizar mais essa cadeia —como no caso dos distritos de Olímpia e Serra Azul, que têm seus planos diretores de turismo—, alinhar as diretrizes e fazer planejamento, atrairemos mais investimentos."

Patrícia Audi, vice-presidente de relações institucionais do Santander, exemplifica a atuação do setor privado com a participação do banco emprestando US$ 25 milhões (aproximadamente R$ 129,6 milhões) para despoluição do rio Pinheiros, em São Paulo.

Audi também lembra que o Teatro Santander, na zona oeste da cidade, e o Farol Santander, que tem atividades culturais no antigo edifício Banespa no centro, já receberam aproximadamente 1,1 milhão de visitantes cada um desde as respectivas inaugurações, em 2016 e 2018.

Presente na abertura do seminário, o prefeito da capital paulista, Ricardo Nunes (MDB), diz que aposta na combinação de eventos, infraestrutura e licitação de grandes espaços para aumentar o número de visitantes na cidade e torná-la mais atraente.

O prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (esq.), e Marcella Franco, editora de Turismo da Folha

Nunes acrescenta que pretende inaugurar sete áreas de lazer até o fim do ano, que vão se somar a mais de cem museus e 111 parques.

Antes da pandemia, a capital paulista recebia mais de 2.000 eventos por ano. A expectativa, segundo o prefeito, é retomar esse número com ações como a renovação do acordo com o festival de música Lollapalooza até 2028 e a realização do The Town —criado pelos organizadores do Rock in Rio, o evento estreia em 2023.

Também vão nesse sentido a concessão do Pacaembu e do Anhembi, que tem investimento previsto de R$ 1 bilhão.

"Estamos fazendo uma revitalização muito grande, em parceria com o governo do estado, no centro", disse Nunes. De acordo com ele, a Prefeitura vai reformar 30 ruas e ampliar a iluminação na região central. Locais como o parque Dom Pedro 2º e a praça da Sé serão reformulados, e novos programas de incentivo fiscal para a atração de empresas estão sendo estudados.

Desde a ação que resultou na expulsão de moradores de rua e usuários de drogas da praça Princesa Isabel, em maio deste ano, dependentes químicos passaram a ocupar diferentes trechos de ruas no centro. O fluxo —como é chamada a concentração de usuários— se instalou na rua Helvétia dias depois da ação.

A segurança pública é outro ponto de atenção. Segundo Nunes, a prefeitura e o governo estão dobrando o número de policiais na Operação Delegada, que passa a contar com 2.400 agentes na cooperação.

Outra melhoria de infraestrutura que pode fortalecer o turismo em São Paulo, sobretudo fora da capital e da região metropolitana, é a ampliação da malha aérea, afirma Eduardo Sanovicz, presidente da Abear (Associação Brasileira das Empresas Aéreas).

Para ele, a concessão dos 22 aeroportos administrados pelo Daesp (Departamento Aeroviário do Estado de São Paulo) ajuda a ampliar a operação desses terminais e, consequentemente, o número de turistas no interior —primeiro, o fluxo dos próprios paulistas, depois de visitantes de outros estados brasileiros e, por fim, de turistas estrangeiros.

"Quando chega um avião num destino, há impacto positivo para entretenimento, produção cultural, comércio, gastronomia e hospitalidade, porque muda o perfil do consumidor que vem de fora a partir do tíquete médio."

Para Sanovicz, outro tópico importante é a discussão e a revisão das políticas de preços da Petrobras. A retomada de viagens e o aumento do combustível usado na aviação vêm contribuindo para uma disparada nos preços das passagens aéreas no país.

"Se 90% do querosene de aviação consumido no Brasil são produzidos aqui e 10% vêm de fora, por que pagamos como se 100% viessem do exterior? O querosene consumido em Guarulhos, por exemplo, sai da refinaria em Caçapava, mas pagamos adicional de frota da marinha mercante como se viesse do Golfo do México", afirma Sanovicz.

"Esse tipo de distorção não deve permanecer na fórmula de precificação, ainda que se mantenha a política de paridade internacional", completa.

A expansão do turismo também impõe desafios aos empreendedores de setores que recebem os visitantes.

Juliana Mello, sócia e diretora da Fortesec (Forte Securitizadora), empresa que conecta investidores e captadores de recursos, afirma que é necessário planejar ações para atender as demandas dos turistas e atraí-los por mais tempo, para além dos fins de semana, seja com a oferta de atrações ou medidas como a ampliação de quartos de hotéis.

VEJA O DEBATE folha.com/fw2r35t9

Há perspectivas muito interessantes para o desenvolvimento do turismo no estado de São Paulo, principalmente nas regiões fora da capital e das áreas metropolitanas, por causa da ampliação da conectividade aérea

Eduardo Sanovicz
presidente da Abear

A demanda pelo turismo local está enorme e precisamos aproveitar isso. O hotel fica cheio no fim de semana, mas precisa ser assim a semana toda. Precisamos olhar para esses locais e ver como atrair turistas por mais dias

Juliana Mello
sócia e diretora da Fortsec

Os grandes problemas e soluções brasileiros passam por uma atuação conjunta. Não podemos pensar só em estado e sociedade, mas também temos de contar com a iniciativa privada

Patrícia Audi
vice-presidente de relações institucionais do Santander

É preciso colocar o turismo no centro da agenda econômica. Se pensarmos apenas no emprego, já vale a pena, mas urbanismo, qualidade de vida e todas as suas potencialidades vêm junto

Vinicius Lummertz
secretário estadual de Turismo e Viagens

Comentários dos leitores

Fico feliz em saber que importantes temas são debatidos para o fomento do turismo em São Paulo, mas, infelizmente, as causas dos problemas não são trabalhadas. O paulistano tem de ter orgulho de pertencer à sua cidade. Via de regra, ele não conhece o centro e tem medo de circular nas suas ruas, apesar de sermos a capital mais segura do país. Também tem sempre aquele sentimento de que aqui não é o lugar para se morar durante toda a sua vida. Como estes anfitriões falarão bem da cidade a milhões de turistas?-

Marcelo Bastos
empresário, São Paulo (SP)

Gostei de ver no seminário que novas perspectivas se abrem para os campistas e caravanistas, como bem percebido pelo CEO do Boat Show, Ernani Paciornik.

De fato, a infraestrutura requerida pela maioria dos campistas é mínima, e o empreendedor que se habilitar a explorar esse nicho de mercado pode colaborar com o poder público, ajudar a preservar o meio ambiente e obter retorno para seu investimento.

Lamento apenas que o secretário de Infraestrutura do estado não tenha abordado a questão dos pontos de apoio nas rodovias, coisa fácil de se implantar junto aos postos de atendimento aos usuários.

Gilberto Gomes
aposentado, Brasília (DF)

O parque Taquaral, em Campinas, poderia seguir o exemplo do Ibirapuera, onde é permitido passear com animais de estimação, colocar mais mobiliário urbano e privatizar a sua administração para oferecer qualidade aos usuários.

Gostei da fala do representante das empresas de aviação, por ser transparente quanto à composição dos custos do transporte aéreo. Ele inclusive explicou por que é mais barato viajar para o exterior do que para Fortaleza.

Karla Montenegro Menezes
empresária do ramo hoteleiro, Campinas (SP)

A participação e a vontade do Ernani Paciornik me lembraram que seria muito importante ter uma eclusa na Usina Elevatória de Traição [às margens do rio Pinheiros]. Poderia ser feito, assim, um transfer, retomando o barco no rio de baixo, num trajeto que poderia chegar até Guarulhos, perto do aeroporto. Seria o meio de transporte mais rápido.

Virgílio Nelson Carvalho
diretor de planejamento, gestão e capacitação, São Paulo (SP)

Mais baratas, visitas a parques no estado devem crescer na crise

Pedro Lovisi

SÃO PAULO O turismo ambiental cresce desde antes da pandemia, e, com a recente queda de renda do brasileiro, a tendência é que o setor se expanda ainda mais, dizem especialistas. O tema foi discutido no seminário Perspectivas do Turismo no Estado de São Paulo, organizado pela **Folha** na quinta (23).

Para Raul Sulzbacher, presidente do conselho do São Paulo Convention & Visitors Bureau —entidade promotora do turismo—, no município a classe média buscará nos próximos cinco anos cidades que tenham parques conservados. "É uma atividade natural e barata."

Em 2021, as 145 unidades de conservação em todo o país administradas pelo ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) tiveram o maior número de visitas em cinco anos —16,7 milhões.

Para Sulzbacher, São Paulo precisa reformar ciclovias e trilhas conectadas a parques. O governo afirma que 20% da área do estado é protegida por leis ambientais. A média brasileira é de 30%, segundo o Banco Mundial.

O Palácio dos Bandeirantes lançou no dia 15 a campanha Parques de São Paulo.

A iniciativa quer promover o estado como destino de lazer natural, integrando mais de 50 parques, que têm trilhas, montanhismo, praias e cavernas. Cerca de 17 milhões de visitantes passam por esses locais anualmente.

No seminário, o secretário estadual de Infraestrutura e Meio Ambiente, Fernando Chucre, defendeu acordos entre os setores público e privado para a administração de áreas de lazer. "Conceder esses locais dá ao estado a chance de investir em parques onde não é possível fazer essas parcerias", diz.

O estado tem 151 áreas protegidas, sendo que 34 são parques abertos ao público. A Grande São Paulo tem 16 parques urbanos estaduais. Ao todo, três áreas protegidas e seis parques estão sob administração privada.

As concessões eram uma das promessas do ex-governador João Doria (PSDB). O movimento recebeu críticas de setores da sociedade, que viram fragilidades nos contratos.

Para Rogério Dezembro, sócio do Consórcio Reserva Paulista e CEO do Live Park, concessionária de parques de São Paulo, a população ganha quando se coordenam os papéis dos dois setores. "Não adianta um espaço gerido pelo estado oferecer serviço precário e não cumprir sua vocação pública."

O zoológico de São Paulo é um dos parques em mãos do Reserva Paulista. O espaço, leiloado em fevereiro de 2021, é o maior em biodiversidade da América Latina, conforme o governo paulista.

Segundo Dezembro, a estrutura do local será integrada ao Zoo Safari e ao Jardim Botânico, também concedidos à empresa. Os três foram leiloados por R$ 111 milhões, e a concessão é de 30 anos.

Em outra frente, os debatedores elogiaram a despoluição do rio Pinheiros. Em março, o governo informou que foram investidos R$ 4 bilhões no projeto e feitas 555 mil ligações de água e esgoto.

Dos 13 pontos de monitoramento do rio, 11 já têm DBO (demanda bioquímica de oxigênio), indicador de qualidade da água, abaixo de 30 mg/L —suficiente para melhorar coloração e cheiro. A meta é que todo o rio atinja o número até o fim do ano.

As margens do Pinheiros recebem cerca de 160 mil visitantes por mês, em ciclovias e outros equipamentos de lazer. "Já andei nesse rio de barco e ele era uma nojeira, o que fizeram com ele é incrível", elogia Ernani Paciornik, idealizador e CEO da feira náutica Boat Show. "O governo tem que limpar rios ou o empresário não vai querer explorá-los", completa.

O evento foi patrocinado pela Abear (Associação Brasileira das Empresas Aéreas) e pela Visite São Paulo. A mediação foi da jornalista Marcella Franco, editora de Turismo da **Folha**.

VEJA O DEBATE folha.com/49gcf2rq

O próximo ciclo da cidade será de interligação de seus parques públicos com ciclovias que atravessariam, em um parque linear, toda a capital

Fernando Chucre
secretário estadual de Infraestrutura e Meio Ambiente

São Paulo tem grande oferta de espaços verdes, mas quem vive na cidade geralmente não se lembra deles. Esses lugares não dialogam com o paulistano

Rogério Dezembro
sócio do Consórcio Reserva paulista e CEO do Live Park

Com o turismo náutico, é possível fazer novos parques em terrenos que hoje estão abandonados. Isso geraria entretenimento para toda a região

Ernani Paciornik
idealizador e CEO do Boat Show, maior evento náutico da América Latina

São Paulo é uma cidade completa, com cultura, parques e gastronomia. Ela pode participar do circuito Helena Rubinstein [em referência a locais como Roma e Paris]

Raul Sulzbacher
presidente do conselho do São Paulo Convention & Visitors Bureau

Ponte Irmãos Rebouças, atual ponte do Mirante, em Piracicaba, interior de São Paulo Jardiel Carvalho/Folhapress

Afroturismo resgata história negra em cidades do interior

Passeio visita pontos em Campinas e Piracicaba, que têm herança escravagista

Catarina Ferreira e Paola Ferreira Rosa

SÃO PAULO E CAMPINAS Unir lazer e resgate da memória afro-brasileira é a proposta do afroturismo, que visa reconstruir a herança negra a partir de lugares cotidianos.

O projeto Rotas Afro faz isso durante caminhadas nas regiões centrais de Campinas e Piracicaba, no interior de São Paulo. "As duas cidades têm forte herança escravagista, que é apagada", afirma a guia de turismo Julia Madeira, 24, fundadora da iniciativa.

Em Campinas, o tour visita, por exemplo, o prédio de uma creche desativada, construído sobre um cemitério de cativos do século 19. A cidade foi a última do país a abolir a escravidão. Já Piracicaba concentrava grande número de escravizados para produção de açúcar e álcool.

O historiador Guilherme Oliveira, 25, também integra o Rotas Afro. Pesquisador de história africana pela Unicamp, ele conta que essas iniciativas têm se espalhado, ajudando a "pensar uma formação antirracista da sociedade".

A lista inclui a Caminhada São Paulo Negra, na capital paulista, que passa por bairros centrais como Liberdade e Bixiga contando a história de personalidades, coletivos e manifestações culturais.

Já a startup de turismo Diáspora Black reúne roteiros para quem quer conhecer o país a partir de referências negras.

"O Brasil foi construído por mãos pretas, mas a história do país foi escrita por mãos brancas", diz Guilherme.

As caminhadas do Rotas Afro duram cerca de três horas e custam entre R$ 40 e R$45 por pessoa. Crianças de até 11 anos não pagam. Para escolas e empresas o valor é negociado pelo tamanho dos grupos. Os ingressos estão disponíveis no site diaspora.black, ou nas redes do Rotas Afro (@rotasafro).

1 - Clube Treze de Maio
2 - Igreja São Benedito
3 - Centro de Documentação, Cultura e Política Negra
4 - Ponte Irmãos Rebouças
5 - Engenho Central (e busto do dr. Preto)

6 - Largo São Benedito
7 - Largo do Rosário
8 - Largo Santa Cruz
9 - Casa de Cultura Fazenda da Roseira
10 - Instituto Ibaô

Fonte: Rotas Afro

PIRACICABA

1 Clube Treze de Maio
Fundado em 1901 para arrecadar fundos para comemorações do 13 de maio, assinatura da Lei Áurea, tornou-se uma organização para prestar serviços médicos, jurídicos e financeiros a famílias negras. Hoje, promove eventos culturais e faz interlocução com o governo.

2 Igreja São Benedito
A capela foi construída no início do século 19 pela Irmandade dos Homens Pretos, para atender escravizados. Inicialmente, homenageava Nossa Senhora do Rosário, ligada aos negros. Em 1889, passou a ser devota de São Benedito. O prédio foi tombado em 2002.

3 Centro de Documentação, Cultura e Política Negra
Vinculado à Sematur (Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo), foi criado em 1991 para articular as ações da comunidade negra.

4 Ponte Irmãos Rebouças
Os irmãos Antônio e André Rebouças foram os primeiros engenheiros negros do país. A ponte, construída por eles em 1875, tem 183 metros de comprimento e era usada para escoar produtos agrícolas. Conhecida hoje como ponte do Mirante, foi a primeira do país feita em concreto armado.

5 Engenho Central
O prédio, de 1881, foi um engenho de açúcar e álcool. Lá está instalado o único busto da cidade em homenagem a uma pessoa negra, Dr. Preto, o médico André Ferreira dos Santos, morador de Piracicaba no início do século 20.

O Parque do Engenho Central tem festas, manifestações culturais e é sede da Sematur.

CAMPINAS

6 Largo São Benedito
O espaço foi construído no século 19 pela Irmandade Católica de São Benedito, formada por pessoas negras. A entidade oferecia assistência aos escravizados e forros. A paróquia, anexada ao largo, foi projetada por mestre Tito, considerado o primeiro arquiteto negro de Campinas.

O local também já abrigou o Cemitério dos Cativos, para o enterro de escravizados. É o único espaço público da cidade com um monumento a uma mulher negra, a estátua da Mãe Preta, de 1984, que representa uma ama de leite.

7 Largo do Rosário
O largo e sua igreja, no centro, foram construídos pela Irmandade do Rosário, uma das comunidades religiosas negras mais antigas da cidade, que arrecadava dinheiro para comprar alimentos e a alforria de escravizados. Uma reforma, em 1956, demoliu a igreja. Hoje, em seu lugar, passa o cruzamento das avenidas Campos Sales e Francisco Glicério. A igreja foi reconstruída a cerca de 3 km do local original.

8 Largo Santa Cruz
O local recebeu a primeira forca de Campinas, instalada na década de 1830, para a execução de escravizados. O caso mais famoso é o de Elesbão. Acusado de matar seu senhor em 1831, ele foi enforcado em 1835 e teve seu corpo esquartejado e exposto em diversos pontos do centro da cidade.

9 Casa de Cultura Fazenda da Roseira
Foi uma das principais fazendas de café da região. Atualmente, é uma casa de cultura, mantida pelo pelo grupo de jongo Dito Ribeiro.

10 Instituto Ibaô
Fundado em 2007, é resultado do esforço de mestres de capoeira e escolas de samba que, na década de 1970, ofereciam assistência social e acesso à cultura para a população marginalizada. O instituto atua na preservação de práticas de matriz africana.

Parque do Engenho Central, em Piracicaba (SP) Jardiel Carvalho/Folhapress

ambiente

Foz do canal da Penha na baía de Guanabara ao lado do Carioca Iate Clube, próximo ao piscinão de Ramos Mario Moscatelli - 16.jun.2022 / Projeto Olho Vivo

Água da baía de Guanabara piorou nos últimos dois anos, diz relatório

Pela primeira vez, todos os pontos de coleta apresentaram média de qualidade ruim ou péssima

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO Monitoramento feito pelo Inea, órgão ambiental do governo do Rio de Janeiro, indica que a qualidade da água da baía de Guanabara piorou nos últimos dois anos.

Todos os pontos de coleta no espelho d'água apresentaram médias consideradas ruins ou péssimas durante o monitoramento feito nos anos de 2020 e 2021. É a primeira vez que isso ocorre desde 2014, início da série histórica do levantamento.

Nem o Inea nem especialistas sabem explicar com exatidão a razão do resultado. Foram apontadas como hipóteses a piora na manutenção do sistema de esgoto pelo estado na iminência da concessão do serviço de saneamento básico, realizado no ano passado, e um eventual efeito das condições climáticas no momento da coleta.

O pior resultado da série histórica foi registrado justamente quando a promessa de despoluição da baía de Guanabara foi renovada com o plano de investimento exigido da nova concessionária, Águas do Rio, que atuará no entorno dela.

A empresa assumiu o saneamento básico da região no fim do ano passado e prevê melhora nos resultados em cinco anos.

De acordo com os dados do Inea, 13 dos 20 pontos monitorados dentro da baía tiveram uma média considerada péssima no último biênio. Os demais sete locais de coleta foram considerados ruins.

O relatório se refere à média das sete coletas feitas entre 2020 e 2021. O levantamento costuma ser anual, mas sofreu interrupções há dois anos em razão das medidas de prevenção durante a pandemia. Por esse motivo, o boletim se refere ao biênio.

Nas análises, o instituto verifica 15 parâmetros físico-químicos e biológicos das águas, como a presença de coliformes fecais e de fitoplânctons, microrganismos indicadores da presença de poluição.

Fonte: Inea, Atlas do Comitê da Bacia Hidrográfica da Baía de Guanabara e livro "Baía de Guanabara: descaso e resistência" (Mórula Editorial)

O resultado é o pior já apresentado na série histórica. Antes, o ano com médias inferiores era o de 2014, o primeiro, quando 13 pontos foram considerados péssimos, cinco ruins e dois regulares.

O melhor resultado foi atingido no biênio 2016/2017, posterior à realização da Olimpíada, quando apenas cinco pontos foram considerados péssimos, três ruins, nove regulares e três bons. Este foi o único período com algum ponto com índice positivo.

Desde então, as águas da baía voltaram a apresentar progressiva piora.

Apesar de associada, por completo, ao despejo de esgoto das 16 cidades que compõem sua bacia hidrográfica, o espelho d'água da baía é diverso.

As áreas próximas à área de proteção ambiental de Guapimirim costumam ter águas melhores, em razão da preservação ambiental do entorno dos rios. Além disso, a baía tem um canal central profundo que favorece à troca de água com mar de forma mais intensa, diluindo a sujeira.

Contudo, mesmo esses pontos apresentaram resultados ruins no último biênio.

O ponto de coleta próximo à praia de Icaraí, em Niterói, registrou pela primeira vez uma média considerada péssima. Nos cinco levantamentos anteriores, o local foi considerado regular por três vezes, uma vez boa e outra, ruim.

Até mesmo o ponto de monitoramento externo próximo à boca da baía, já em área oceânica, teve seu resultado considerado ruim pela primeira vez na série histórica.

Procurado, o Inea afirmou que "não foi evidenciada alteração significativa na qualidade de água dos pontos monitorados na baía da Guanabara".

Especialistas ouvidos pela Folha não identificam uma razão específica para os resultados. Todos afirmam, contudo, que a tendência de piora permanecia no período analisado.

O deputado estadual Carlos Minc (PSB-RJ) aponta como uma das hipóteses a redução de investimento da Cedae, estatal até o ano passado responsável pelo sistema de esgoto de quase toda a região metropolitana, em razão da expectativa da concessão do serviço de saneamento básico do estado.

"De fato, ouvi relatos de que houve uma orientação para reduzir o gasto em manutenção e contratação de equipes, já que a iniciativa privada iria assumir", disse o deputado.

O biólogo Mário Moscatelli afirma não ver uma redução na atuação da Cedae no período. Para ele, a empresa sempre privilegiou a produção de água em detrimento à coleta de esgoto.

"Não me parece ter ocorrido mudança, mas sim uma cultura da empresa."

Em nota, a Cedae afirmou que não procede a informação de que reduziu investimentos antes da concessão. "Em 2020, a Cedae investiu 11 vezes mais do que o investido no ano anterior. Já no ano de 2021, os investimentos aumentaram três vezes em relação a 2020."

Minc também aponta o afrouxamento na fiscalização de órgãos ambientais do estado e da União como outra possível razão para a piora no resultado.

"A fiscalização está mais fraca. O Inea está com menos gente. E, nos órgãos federais, há uma orientação política para não atuar. O Ibama está completamente amordaçado, com as mãos atadas", afirmou Minc.

O professor Paulo César Rosman, da Coppe/UFRJ, afirma que o monitoramento feito pelo Inea tem limitações que dificultam a comparação dos resultados na série histórica.

"Elas [coletas] são feitas quando dá tempo. É quase que um sorteio. Num sistema de águas controlado por eventos regulares, como as marés, e irregulares, que são as condições climáticas, um padrão é essencial", afirmou ele.

Todos afirmam ter expectativa de melhora nos resultados nos próximos cinco anos, após o início da operação da Águas do Rio. Um investimento emergencial de R$ 2,7 bilhões neste período está previsto para acelerar o fim do despejo de dejetos na baía.

A concessionária já decidiu desviar o curso do rio Carioca, que deságua na praia do Flamengo. As águas poluídas serão direcionadas para um interceptador que as encaminhará para o emissário submarino de Ipanema. A intervenção durará até que o curso d'água seja limpo.

esporte

ESPORTE AO VIVO | 7h Torneio de Wimbledon — Tênis, SPORTV 3/ESPN2/STAR+ | 20h Operário x Chapecoense — Série B, SPORTV/PREMIERE | 20h Sampaio Corrêa x CSA — Série B, PREMIERE

Wimbledon, sem pontos no ranking, atrai com tradição

Torneio não terá pontuação por causa de exclusão de russos e belarussos

Bárbara Blum

SÃO PAULO Começa nesta segunda-feira (27) mais uma edição do velho Torneio de Wimbledon, apegado às suas tradições. Disputado desde 1887, o campeonato continua prestigiado no circuito mundial de tênis, mas terá uma disputa atípica, sem pontuação no ranking, sem alguns jogadores importantes e, após muito tempo, com atleta do Brasil entre nomes importantes da chave de simples.

A competição deste ano foi precedida de incertezas. No contexto da invasão do território da Ucrânia por parte da Rússia, com apoio de Belarus, o All England Club vetou a participação de russos e belarussos. Para evitar que isso tivesse peso em suas classificações a ATP e a WTA (associações masculina e feminina, respectivamente) decidiram que a disputa não valerá pontos.

A escolha da entidade que organiza o certame foi criticada. O sérvio Novak Djokovic, 35, que ocupa a terceira colocação na lista masculina e teve sua participação possível com o fim da obrigatoriedade de vacinação contra a Covid-19 antes imposta pelo governo inglês, pronunciou-se a favor dos excluídos.

Novak Djokovic e Rafael Nadal duelam na final de 2018; eles estão novamente entre os favoritos ao título Glyn Kirk - 14.jul.18/AFP

Um deles é o russo Daniil Medvedev, 26, número um do mundo. Ele chegou à final de dois dos torneios da temporada de grama, considerados preparatórios para Wimbledon, mas não poderá repetir o feito em Londres. Já sua compatriota Natela Dzalamidze, 29, trocou de nacionalidade e entrará em quadra, na chave de duplas, sob a bandeira da Geórgia.

O anúncio de que não haveria pontuação desestimulou a participação de alguns dos atletas do circuito. Mas o prestígio do tradicionalíssimo campeonato fez o espanhol Rafael Nadal, 36, e a norte-americana Serena Williams, 40, lutarem contra problemas físicos para entrar em quadra. Já a japonesa Naomi Osaka desistiu e deu lugar à brasileira Laura Pigossi, 27.

O grande nome do Brasil, no entanto, é Bia Haddad Maia, 26, que chega embalada por ótimo desempenho na temporada de grama. A paulista venceu em sequência seus dois primeiros torneios da série WTA, em Nottingham e em Birmingham. Na semana seguinte, chegou às semifinais em Eastbourne.

Os resultados a alçaram à 28ª colocação do ranking, a melhor posição de uma brasileira na WTA –Maria Esther Bueno liderou a lista da Federação Internacional, nos anos 1950 e 1960, antes da criação da atual associação. Ela será a cabeça de chave número 23 e estreará nesta segunda, contra a eslovena Kaja Juvan.

A partida será a segunda da quadra 12, cuja programação terá início às 7h (de Brasília). A competição terá ainda um representante do Brasil na disputa de simples masculina. Thiago Monteiro espera avançar além da segunda rodada pela primeira vez, objetivo buscado também por Bia.

A ideia é evocar os grandes momentos de Maria Esther, tricampeã de simples em Wimbledon. Entre os homens, o máximo foram as quartas de final. Gustavo Kuerten, tri em Roland Garros, alcançou essa fase em 1999. Armando Vieira, em 1951, Thomas Koch, em 1967 e André Sá, em 2002, atingiram a mesma etapa.

EMPATE COM AVAÍ MANTÉM VANTAGEM ALVIVERDE NA PONTA

O Palmeiras empatou por 2 a 2 com o Avaí, em Florianópolis, e manteve vantagem de três pontos sobre o vice-líder do Campeonato Brasileiro, o Corinthians. Bissoli abriu o placar no primeiro tempo para os donos da casa. Scarpa e Rony chegaram a virar o jogo, mas Jean Pyerre definiu a igualdade. No Morumbi, São Paulo e Juventude empataram sem gols.

Cesar Greco/Palmeiras/Divulgação

O resultado do resultadismo

Quem vê placar poucas vezes olha para o desempenho, e tudo fica simplificado

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Vencer no futebol brasileiro é o que importa, diria o Conselheiro Acácio, não tivesse o personagem sido criado por Eça de Queiroz em 1878, para o livro Primo Basílio, 16 anos antes de Charles Miller desembarcar no Brasil com duas bolas e o livro de regras, além de um par de chuteiras, uniformes usados e uma bomba para encher as bolas.

Como o São Paulo ganhou do Palmeiras pela Copa do Brasil, já há quem diga não ser o alviverde tudo isso, embora diga com muito medo do que acontecerá no jogo de volta.

E o Corinthians, que, diferentemente do Palmeiras contra o São Paulo, goleou na Copa do Brasil e também só empatou no Campeonato Brasileiro diante do Santos?

Como tudo depende do resultado, a vitória palmeirense por 2 a 1 nos acréscimos já está minimizada, como se os descontos não fizessem parte do jogo, e a derrota por 1 a 0 na primeira partida do mata-mata provasse que não há por que temê-lo.

Já o Corinthians é tratado, depois do 0 a 0 contra quem havia feito 4 a 0 três dias antes, embora no segundo jogo tenha usado sete meninos, como quem tenha jogado dois pontos no lixo.

Ora, em primeiro lugar, o Santos é o Santos, não o amontoado goleado, e, entre poupar para buscar bom resultado contra o Boca Juniors nesta terça-feira (28) para seguir adiante na Libertadores e investir no Brasileiro que não poderá vencer, parece corretíssima a escolha feita.

Tivesse vencido, e esteve a ponto de vencer, seria bestial.

Aí até o menino Du Queiroz sentiu problema muscular e passa a ser dúvida para enfrentar os xeneizes.

É curioso como todos são convencidos de que o calendário é desumano, mas, na hora de um resultado negativo, o massacre de músculos, ossos e mentes é esquecido e a cobrança se dá como se vivêssemos o melhor dos mundos, com jogos apenas uma vez por semana, quem sabe dois, jamais três.

Mais curioso ainda é ver o torcedor entender melhor que os críticos as entrevistas dos treinadores.

O que lembra uma época nem tão longínqua em que a altitude era considerada frescura porque, dizia-se sem ser verdade que o Santos de Pelé jogava em La Paz e goleava, o que nunca aconteceu, porque ganhava apertado na Bolívia e, aí sim, massacrava na Vila Belmiro.

Em 1962, por exemplo, única vez em que o Santos jogou na capital boliviana pela Libertadores, a vitória contra o Deportivo Municipal aconteceu por 4 a 3. Três dias depois, na então Vila mais famosa do mundo, o resultado foi de 6 a 1.

O negacionismo nacional não se limita às vacinas e à Covid, aos ataques ao meio ambiente, à fome ou à corrupção federal, mas, também, ao que dizem as Ciências do Esporte.

Não pensem a rara leitora e o raro leitor que toda essa catilinária é para justificar os maus resultados dos dois últimos jogos do Bayern brasileiro, o Palmeiras, aí incluído o empate por 2 a 2 com o Avaí, na Ressacada, ao poupar mais de meio time em bom jogo pelo Brasileiro.

Porque o Bayern ganhou o decacampeonato alemão com cinco derrotas e cinco empates em 34 jogos em 2021/2022.

Abel Ferreira errou ao poupar titulares na partida em Santa Catarina?

Nada disso. Limitou-se a pensar que a vida continua e que há muito a enfrentar até o fim da temporada.

É preciso, no mínimo, um pouco de empatia, de se botar no lugar do próximo, no caso, dos treinadores, suas possibilidades e frustrações.

Os dois treinadores portugueses acertaram.

|DOM. Juca Kfouri, Tostão |SEG. Juca Kfouri, Paulo Vinicius Coelho |**TER. Renata Mendonça**
|QUA. Tostão |QUI. Juca Kfouri |SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo |SÁB. Marina Izidro

PRANCHETA DO PVC

Paulo Vinicius Coelho
pranchetadopvc@gmail.com

Palmeiras mostra que maratona será bem longa

O Palmeiras saiu atrás do marcador pela quarta partida seguida e chegou a conquistar sua terceira virada em quatro jogos. Não sustentou. O Avaí mostrou força no meio e empatou com o talento do meia Jean Pyerre, em cobrança de falta.

No ano passado, havia a observação de que o time de Abel Ferreira não demonstrava poder de reação. Ora, nunca saía perdendo, como poderia virar o placar?

Agora é diferente. Abel certamente prefere que sua equipe abra o marcador e tenha as rédeas dos jogos. A virada sobre o Avaí, num compromisso extremamente difícil, permitiria abrir cinco pontos de vantagem.

Para o campeonato, os três pontos atuais criam drama.

Até novembro, a grande dificuldade será manter o padrão tático se o vigor físico diminuir. Lembre-se de que o Palmeiras teve de chegar ao ápice antes dos concorrentes diretos, por causa da disputa do Mundial de Clubes.

Daí ser absolutamente impossível haver a certeza que se espalhou de que o Palmeiras será o campeão. É o melhor time do momento. Se as pernas não suportarem, a situação poderá mudar em julho ou agosto.

Duas frases servirão para entender o Palmeiras daqui até o final da temporada. Uma delas foi dita por Abel Ferreira na conquista do estadual: "Vamos até o limite, não sei como vamos aguentar". Referia-se ao número e jogos e viagens.

A outra foi revelada pelo assistente, João Martins, na segunda (20). "Perguntamos aos jogadores o que é preciso para ganhar o Brasileiro. Eles disseram: vencer em casa."

Líder do campeonato, o Palmeiras é apenas o terceiro na classificação dos mandantes. À parte o diagnóstico do elenco, a pergunta de Abel Ferreira evidencia seu desejo de vencer o Brasileiro.

As duas preocupações de Abel, ser campeão e preservar jogadores que ajudem a chegar à conquista, produziram uma escalação com sete mudanças em comparação com a equipe titular.

Por mais que se elogie o elenco, a saída de talentos como Dudu, Rony, Scarpa, Raphael Veiga, Marcos Rocha, Piquerez e Danilo diminuem a qualidade. O que faz parecer diferente é o trabalho de longo prazo. O Palmeiras tem um ano e meio com Abel Ferreira. Time bom consagra jogador ruim, e time ruim enterra jogador bom.

Não que o Palmeiras tenha os ruins. Mas os médios ficam melhores quando jogam com os craques.

A disputa pelo título continua com o Palmeiras na frente, com o Corinthians três pontos atrás, o Athletico de por perto e o Atlético-MG dando sinais de que pode se aproximar. Especialmente o Corinthians sai da condição de azarão, com a capacidade de já demonstrada de Vítor Pereira ampliar seu elenco, com seus miúdos. E provavelmente com Yuri Alberto.

Como a maratona será mais forte a partir das viagens da Libertadores, seria fundamental para o Palmeiras abrir cinco pontos de vantagem, vencendo em Florianópolis. Talvez por esse motivo Abel Ferreira se esgoelava nos acréscimos, perguntando ao árbitro: "Vai dar só mais cinco minutos?".

O Brasileiro não é um triangular e não está decidido. O Avaí nos lembrou disso contra o líder.

O Palmeiras com rodízio em Florianópolis: sete mudanças

O Palmeiras titular, para a Libertadores

NOVO PATAMAR

Yuri Alberto pode mudar o patamar do Corinthians. Vítor Pereira resistiu muito à ideia de liberar Mantuan. Mas o negócio deve ser fechado. Yuri Alberto não aumentará a folha de pagamento. Seu salário será aproximadamente a soma de Mantuan e Jô, que saiu.

DIFÍCIL SANTOS

O Santos tem uma vitória nos últimos dez jogos, apenas duas derrotas e a vergonha -dita por Fabián Bustos- de ter perdido por 4 a 0 para o rival Corinthians. A pergunta não é se Bustos deve sair. É se poderá ser o arquiteto da reconstrução que o Santos precisa ter.

TELEPADI | *Cristina Padiglione*
folha.com/telepadi

Klara Castanho agiu com a dignidade que jamais é cobrada de homens

Poucos dias após uma criança de 11 anos estuprada ter seu direito ao aborto negado por um hospital e uma juíza em Santa Catarina, sob o argumento de que o bebê poderia ser entregue à adoção, uma atriz de 21 anos é cobrada em esfera pública a se manifestar sobre uma maternidade indesejada que resultou em um processo legal de adoção.

Relaciono uma situação à outra porque, juntas, parecem apenas indicar que é obrigação da mulher criar e amar qualquer ser gerado a partir de uma ação que ela não praticou sozinha e que, nesses dois casos, aconteceu à revelia de quem agora é julgado pelo tribunal do mal das redes sociais — quando não por juízes de fato.

Klara Castanho justificou em carta aberta que foi vítima de um estupro e só soube da gravidez pouco antes do parto. E ainda não o seu caso não fosse esse, é constrangedor saber que em pleno século 21 uma mulher tenha de prestar contas sobre uma gravidez indesejada, seja pelo motivo que for.

Enquanto isso, milhões de pais abandonam as crias que plantaram nos úteros das mães, antes mesmo do parto ou ainda pequenas, sem que colunistas, ex-atriz/influenciadora, enfermeiras e afins se animem em noticiar seus nomes.

Faz tempo que se fala, e não à toa, que o aborto já teria sido legalizado caso o corpo fosse o do homem, a quem de tudo se absolve nesse contexto.

Fruto de um ato de violência, um bebê foi legalmente doado para adoção, tendo sua vida poupada, como defendem os opositores ao direito ao aborto, e seu futuro preservado do trauma deixado na vítima desse estupro. Não estamos diante de um crime ou de qualquer ato ilícito ou imoral.

Klara vem recebendo apoio de toda a classe artística, de cidadãos comuns e de figuras públicas, como Felipe Neto, youtuber que já colocou advogados à disposição dela para as devidas providências legais contra quem a ameaçou.

De toda forma, faz-se urgente frear o impulso pelo clique que abastece a audiência de inquisidores digitais. O fato de Klara ter ascendido à fama ainda pequena e de termos visto ela crescer diante dos holofotes só aumenta o apetite da esgotosfera sobre sua tragédia pessoal.

Leia mais em Cotidiano e Ilustrada

Funcionários retiram sangue de elefante em reserva na Índia para verificar a presença do vírus da Covid AFP

VOCÊ VIU?

Depois da morte de uma leoa por causa da Covid-19, uma reserva florestal no sul da Índia realizou testes em 28 elefantes. A leoa asiática, de nove anos e pertencente a uma espécie ameaçada, morreu no início de junho no parque zoológico Arignar Anna, em Chennai (antigamente conhecida como Madrás), no estado meridional de Tamil Nadu. Essa foi a primeira morte de um animal na Índia atribuída ao vírus. Por meio de uma triagem, as autoridades descobriram que a leoa e mais oito felinos, dois deles em estado preocupante, eram portadores do vírus, informou o jornal The New Indian Express, de Chennai. "Depois que os leões do zoológico de Vandalur tiveram resultado positivo para Covid, pedimos para testar os elefantes por precaução", declarou à AFP um guarda florestal do parque nacional de Mudumalai, no sul de Tamil Nadu. "Os animais não têm nenhum sintoma, é só por precaução", reiterou o guarda florestal.

PERNAS PRO AR
Ao pôr do sol, garotos dão saltos mortais de costas no parque Toyosu Gururi, no distrito de Koto, em Tóquio Philip Fong/AFP

ACERVO FOLHA

Há 100 anos
27.jun.1922

Companhia telefônica pretende mudar contrato e aumentar tarifa

A companhia São Paulo and Rio de Janeiro Telephone intentou a reforma dos seus contratos, encarecendo as tarifas atuais e prorrogando o prazo de concessão, mediante alguns melhoramentos dos serviços.

Nas duas cidades, essa pretensão provocou os mais vivos protestos.

Em São Paulo, o prefeito Firmiano Pinto indeferiu o requerimento da telefônica. Esta insistiu, e o caso foi entregue a uma comissão que está estudando o assunto.

O prefeito do Distrito Federal (o Rio de Janeiro, na época), Carlos Sampaio, solicitou sugestões das classes interessadas e dos competentes.

Folha da Noite

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

MENSAGEIRO SIDERAL | *Salvador Nogueira*
folha.com/mensageirosideral

China quer trazer rochas de Marte dois anos antes da Nasa

A China pretende trazer amostras de Marte dois anos antes do esforço que está sendo planejado de forma conjunta por americanos e europeus. Se isso não é um sinal claro de que temos uma nova corrida espacial em andamento, não sei o que seria.

A revelação veio como uma surpresa durante apresentação feita na última segunda-feira (20) por Sun Zezhou, projetista-chefe da missão chinesa Tianwen-1, que no ano passado levou um orbitador, um módulo de pouso e um rover ao planeta vermelho. Que os chineses estavam planejando um retorno de amostras marcianas para o futuro do seu programa, já se sabia. Mas a arquitetura e o cronograma eram desconhecidos, até agora.

O esforço será mais simples que a iniciativa combinada da Nasa e da ESA, agências espaciais americana e europeia. A rigor, para esses dois, a missão de retorno de amostras já começou com o rover americano Perseverance, que está colhendo material marciano escolhido cuidadosamente e colocando em tubos. Uma missão futura levaria um novo rover a Marte para colher esses tubos e colocá-los em um foguete, a ser instalado na superfície marciana por um módulo de pouso. O veículo então levaria uma cápsula à órbita de Marte, que se encontraria com uma nave-mãe a ser lançada pelos europeus em 2027, com capacidade para se propelir de volta à Terra, retornando com as preciosas amostras em 2033.

Já o plano chinês é mais simples e explora sucessos recentes do programa, como o retorno bem-sucedido de amostras lunares com a Chang'e-5 (2020) e o sistema de pouso marciano da própria Tianwen-1. Serão dois lançamentos apenas: um levará uma nave-mãe à órbita marciana para a volta, e o outro, um módulo de pouso e ascensão capaz de coletar amostras com alguma mobilidade, potencialmente envolvendo um robô com quatro patas.

O módulo de ascensão, para a decolagem em Marte, teria dois estágios, suficientes para atingir a velocidade orbital de 16,2 mil km/h e realizar o encontro com a nave-mãe (o planeta vermelho tem menos massa que a Terra, de modo que a velocidade necessária para atingir a órbita é menor que os cerca de 27 mil km/h requeridos por aqui).

O pouso em Marte se daria em setembro de 2029, a partida da órbita marciana ocorreria em outubro de 2030 e o retorno das amostras à Terra, em julho de 2031 — dois anos antes do que se espera para as rochas atualmente sendo colhidas pelo Perseverance.

[...]
Que os chineses estavam planejando um retorno de amostras marcianas para o futuro do seu programa, já se sabia. Mas a arquitetura e o cronograma eram desconhecidos, até agora

O retorno de amostras de Marte é tido como um dos objetivos mais ambiciosos da exploração espacial atualmente — o meio mais confiável de tentarmos saber se houve ou não vida no passado do planeta vermelho —, e a China sozinha conseguir fazer isso na frente de americanos e europeus vai certamente acender um bocado de luzinhas vermelhas. Mas, claro, por ora é apenas um plano. E, como os chineses costumam jogar com as cartas bem perto do peito, só vamos saber se esse cronograma se mantém quando estivermos mais perto dos lançamentos.

ilu

Retratos da escritora Thalita Rebouças montada de drag queen Lucas Seixas/Folhapress

Toda forma de amor

'Rainha da Bienal do Livro', com 2,3 milhões de livros vendidos, Thalita Rebouças se volta a romances com protagonismo LGBTQIA+

Pedro Martins

SÃO PAULO Não foi à toa que Thalita Rebouças ganhou o apelido de "Rainha da Bienal do Livro". Hoje com 47 anos, 22 dedicados à literatura, a escritora esculpiu sua carreira no evento a partir do instante em que decidiu subir numa cadeira e distribuir pirulitos para chamar a atenção dos adolescentes e vender uma dúzia de livros. Não tinha vergonha. Faria o que fosse preciso para conquistar espaço entre sucessos como "Harry Potter", que chegava ao Brasil naquele mesmo 2000 em que ela lançou o primeiro de seus quase 30 romances.

A estratégia funcionou. Com 2,3 milhões de livros vendidos no país e outros tantos milhares no exterior, Thalita também trabalha com televisão, onde apresenta o The Voice Kids, da Globo, e com cinema e streaming, para os quais prepara dez adaptações de histórias suas, que devem se juntar às outras cinco já lançadas.

Dinheiro à parte —o cinema, afinal, paga mais contas do que a literatura—, são os livros, diz ela, sua verdadeira paixão. Após escrever tantas tramas com conflitos costumeiramente associados às meninas, que compõem 80% de seu leitorado, Thalita está preocupada com diversidade e representatividade.

Os oito volumes de sua série de maior sucesso, "Fala Sério", da Rocco, tiveram trechos alterados para serem relançados a partir de agosto. Eventos que os personagens diziam ser "programa de índio", por exemplo, viraram "uma furada", e diálogos em que uma mãe recebia elogios por ser especialista em futebol, "um feito e tanto para uma mulher", foram cortados.

Meu papel é fazer adolescente gostar de ler. Num país que não tem o hábito da leitura, se eu conseguir fazer um adolescente trocar a internet por um livro, já me sinto realizada

Thalita Rebouças
escritora

Alguns elementos, porém, Thalita preferiu manter como o original, motivo pelo qual escreveu uma carta para os leitores para explicar, entre outros aspectos da obra, por que a protagonista de "Fala Sério, Mãe", papel de Ingrid Guimarães nas telas, é gordofóbica.

"Quando comecei, não existiam leitores sensíveis", diz a autora, apresentando os profissionais que a editora contratou para avaliar se suas histórias reforçam algum preconceito. "Não posso limar tudo que é politicamente incorreto ou que pode ser mal visto. Quero que o leitor entenda o que mudou em 22 anos. Arte não é para fazer pensar?"

Seu próximo passo é em direção à comunidade LGBTQIA+. "A alma do jovem, tão intenso e ansioso, não mudou. O que mudou é que hoje falamos de assuntos sobre os quais não se falava antes, como feminismo e racismo. Ao mesmo tempo, os adolescentes estão cada vez mais reprimidos, principalmente em relação à sexualidade", diz.

Continua na pág. C2

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

OLHO VIVO

A Secretaria da Justiça e Cidadania de SP vai investigar a violência sofrida pela procuradora-geral Gabriela Samadello Monteiro, em Registro, no interior paulista, na semana passada. A conclusão do expediente pode levar o autor das agressões, o procurador Demétrius Oliveira de Macedo, a pagar uma multa no valor de R$ 15.985.

FILMANDO Flagrado em vídeo agredindo a procuradora-geral, Macedo foi preso na quinta-feira (23). O Ministério Público de São Paulo ofereceu denúncia contra ele por tentativa de homicídio e feminicídio.

REPETIÇÃO A agressão ocorreu na sede da Prefeitura de Registro, onde ambos trabalham — após o caso, a gestão afastou o procurador por 30 dias. O episódio teria sido motivado pela abertura de um procedimento disciplinar contra Macedo para apurar comportamentos inadequados no trabalho.

EXEMPLO No ano passado, um expediente aberto pela Secretaria da Justiça e Cidadania de São Paulo resultou em uma multa superior a R$ 27 mil contra uma mulher que tomou a terceira dose da vacina contra a Covid-19 fora do calendário. A infratora chegou a recorrer, mas foi derrotada.

ESTREIA No caso do promotor de Registro, a investigação será a primeira conduzida pela Coordenação de Políticas para Mulheres da secretaria. Criado em março deste ano, o órgão busca apurar infrações administrativas decorrentes de qualquer forma de discriminação e ofensa contra a honra ou a integridade física de mulheres. A conclusão será enviada ao Ministério Público.

PÁGINAS A ex-assessora especial do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) Clara Ant lançará, no final de julho deste ano, o livro "Quatro Décadas com Lula: O Poder de Andar Junto" (Autêntica Editora). Ela ocupou o posto no Palácio do Planalto durante os dois mandatos do petista.

TRAJETÓRIA O volume aborda temas como democracia e justiça social e narra episódios vividos por Ant desde o sindicalismo no final da ditadura até a fundação do PT e da CUT, passando pela chegada de Lula à Presidência e por sua prisão.

CARO AMIGO Os dois se conheceram na década de 1970, por meio do movimento sindical, e estreitaram relações a partir de 1990, quando Ant participou da organização das "Caravanas da Cidadania" do PT.

TELHADO O Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil vai lançar um edital para apoiar projetos de melhorias de habitação social em áreas atingidas por desastres ambientais nos últimos cincos anos. A ação foi motivada pelas chuvas que atingiram Petrópolis (RJ), Recife (PE) e Franco da Rocha (SP).

TELHADO 2 Organizações sociais poderão se inscrever para receber financiamento para reformas de moradias e regularização fundiária. Com investimento total de R$ 1,5 milhão, o edital prevê 60 cotas de R$ 25 mil.

BRILHANTINA

Fotos Ronny Santos/Folhapress

O ex-secretário de Educação e escritor Gabriel Chalita **1** compareceu à estreia para convidados de "Grease – O Musical", no Teatro Claro SP, na capital, realizada na semana passada. A apresentadora Anne Lottermann **2** e a atriz Lívia Inhudes **3** também estiveram lá

CARA NOVA O afresco "Dragão e Dois Golfinhos", que pertencia ao acervo do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, passou por um processo de restauro em parceria com um instituto da Itália. A obra, datada de 62 a 79 d. C., foi atingida pelo incêndio que destruiu o edifício da instituição em 2018.

RETALHOS Um grupo de trabalho do Museu Nacional localizou 156 fragmentos da pintura, que foram enviados para um centro de restauro italiano. Devido às altas temperaturas e o contato com a água, a coloração negra do afresco ficou branca, e os pedaços remanescentes ficaram curvados.

RETALHOS 2 O resultado final é um mosaico com os fragmentos que foram encontrados até o momento. A base foi feita de forma que, caso novas partes sejam encontradas, elas poderão ser reintegradas. A peça está exposta em uma galeria em Nápoles e, em seguida, deverá ser exibida na Embaixada do Brasil em Roma.

BOLA O designer Kiko Farkas vai assinar a comunicação visual de "22 em Campo", a próxima exposição temporária do Museu do Futebol. Com curadoria de Guilherme Wisnik, a mostra vai relacionar o esporte com a Semana de Arte Moderna e será aberta em 2 de julho. Farkas também irá expor trabalhos que reinterpretam algumas das principais obras do modernismo como o "Abaporu", de Tarsila do Amaral.

PIPOCA Um cine concerto do segundo filme da saga "O Senhor dos Anéis" vai reunir 250 músicos no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, nos dias 16 e 17 de julho. A orquestra, que vai executar a trilha sonora do longa durante a sua exibição, será regida pelo maestro Ben Phelps, de Los Angeles.

com Bianka Vieira, Karina Matias e Manoella Smith

Toda forma de amor

Continuação da pág. C1

Na Bienal do Livro de São Paulo, que abre no sábado (2), no Expo Center Norte, a autora lança uma história protagonizada por um jovem de 19 anos que acaba de se matricular na universidade, mas descobre a real vocação profissional num curso de maquiagem e decide criar um programa de entrevistas que acaba viralizando —uma mistura de Pedro Bial com Fernando Torquatto, diz Thalita.

O livro, batizado de "Confissões de um Garoto Talentoso, Purpurinado e (Intimamente) Discriminado", chega às livrarias pela Arqueiro na próxima semana, arrematando a série de quatro volumes com 150 mil exemplares vendidos.

Atravessado pela homofobia desde criança, sobretudo a de seu pai, que o abandonou, Zeca já sofreu muito e tem até ideações suicidas. Já nas primeiras páginas, contudo, o personagem embarca na trajetória de superação na qual o romance é centrado, uma escolha que Thalita diz ter feito para que a história seja um refúgio para os seus leitores.

É a mesma proposta de "Natali e Sua Vontade Idiota de Agradar Todo Mundo", previsto para agosto pela Rocco. O romance é protagonizado por uma garota de 15 anos que aproveita o Natal, que também é seu aniversário, para revelar à família que é lésbica.

É uma estratégia que Lulu Santos, que conheceu a autora nos bastidores do "The Voice", defende no prefácio que escreveu para o primeiro livro, ao relembrar como discos de David Bowie e filmes como "Apenas uma Mulher" foram essenciais para que ele aceitasse sua homossexualidade, revelada ao público em 2018, já com 65 anos.

"Diferentemente do Zeca, que teme a reação a seu talk-show, eu temia a vida, o mundo e suas consequências, e quase sucumbi no processo", escreveu. "Se eu mesmo tivesse tido a oportunidade de ler este livro, muito sofrimento poderia ter sido poupado."

Os livros são ainda, diz Thalita, uma chance de conversar com os pais dos leitores.

Continua na pág. C3

Ilustrações das capas da série de HQs 'Heartstopper', que inspirou produção da Netflix

'Precisamos de histórias LGBTs mais felizes', diz autora de 'Heartstopper'

Alice Oseman, a escritora juvenil mais vendida do ano, quer ainda mais personagens lésbicas, bissexuais e trans

Pedro Martins

SÃO PAULO Com uma rápida olhada na lista dos livros mais vendidos do país, é possível constatar que obras com protagonismo LGBTQIA+ viraram líderes de venda depois que Marcelo Crivella, ex-prefeito do Rio, tentou cobrir com sacos pretos, na Bienal do Livro de 2019, uma revista da Marvel que trazia uma ilustração de dois rapazes se beijando.

Embora a tentativa de censura tenha tido efeito rebote, o cenário ainda é desfavorável.

É o que diz Alice Oseman, inglesa de 27 anos que se tornou a autora infantojuvenil mais vendida do ano no Brasil depois que seus quadrinhos, "Heartstopper", viraram série pela Netflix. Oseman, que vai participar de um encontro virtual na Bienal do Livro de São Paulo, afirma que, embora a literatura juvenil tenha se tornado um bastião da representatividade LGBTQIA+, abastecendo cinema e streaming, falta diversidade.

Continua na pág. C3

Continuação da pág. C2

Para isso, ela ainda fez a coletânea "Ouvindo Conversa Alheia e Outras Crônicas de uma Vida Atolada" e "Crônicas Rimadas", em que escreveu, por rimas, "sobre temas como menopausa ou ser solteira aos 40 anos e se apaixonar por um vibrador".

Os dois livros, ainda sem previsão de lançamento, virão na esteira de "Falando Sério sobre a Adolescência", da Companhia das Letras, composto por conversas que ela teve na quarentena com seu marido, o psicólogo Renato Caminha, especializado em crianças e adolescentes, sobre temas que vão de amor à automutilação e de sexo ao suicídio, em ordem alfabética.

"Em anos escrevendo sobre adolescência, parece que estudei psicologia. Agora, é hora de retribuir aos pais", diz.

"Recebo depoimentos não só de adolescentes, mas de pais e mães que dizem que mudaram comportamentos depois de lerem meus livros. São pais que eram homofóbicos e não sabiam, mães que, preocupadas com a balança, estavam sendo gordofóbicas."

Pioneira na publicação de livros juvenis protagonizados por LGBTs, Ana Lima, editora com 20 anos de experiência, afirma que, embora essas histórias estejam dominando as listas de livros mais vendidos, elas ainda são lidas majoritariamente por quem já faz parte da comunidade, uma bolha que Thalita, que já tem a confiança dos pais, pode furar.

"Hoje é mais fácil publicar histórias LGBTs, mas também mais difícil, porque antes não existia a patrulha que tacha esses livros como 'esquerdistas'. A gente tem um presidente que diz que preferia ter um filho morto a um filho gay, então os livros saem da editora já com uma 'tarja' e não alcançam quem deveria. É diferente quando a Thalita lança", diz.

A autora já sofreu retaliações quando "Ela Disse, Ele Disse", adaptação de um romance seu protagonizada por Maisa Silva, chegou aos cinemas. O filme tinha um beijo entre dois rapazes, o que gerou reclamações em grupos de mães dos quais suas amigas faziam parte. Elas diziam que iam boicotar o filme. Thalita diz que não se importa.

"Se eu fizer um leitor, um só que seja, se sentir confortável na própria pele, pode vir uma enxurrada de críticas que não ligo. Com 22 anos de carreira, isso não me afeta mais", afirma. "Meu papel na terra deve ser fazer adolescente gostar de ler. É a frase que mais escutei na vida. Num país que não tem o hábito da leitura, se eu conseguir fazer um adolescente trocar a internet por um livro, já me sinto realizada."

Confissões de um Garoto Talentoso, Purpurinado e (Intimamente) Discriminado
Autora: Thalita Rebouças. Ed.: Arqueiro. R$ 49,90 (272 págs.); R$ 29,99 (ebook)

Destaques da Bienal Internacional do Livro de São Paulo

Babi Dewet, Bruna Vieira, Luiza Trigo, Paula Pimenta e Thalita Rebouças discutem o boom de filmes e seriados vindos dos livros
Sáb. (2), às 11h30

Mauricio de Sousa apresenta os lançamentos da 'Turma da Mônica'
Sáb. (2), às 13h

Xiran Jay Zhao apresenta 'Viúva de Ferro', sua releitura da trajetória da única mulher que ocupou o trono imperial da China
Sáb. (2), às 14h30

Lázaro Ramos discute o papel da literatura
Seg. (4), às 15h

Ilan Brenman e Pedro Bandeira debatem a literatura infantil
Qui. (7), às 11h30

Beth O'Leary discute 'A Troca', 'Teto para Dois' e 'Na Estrada com o Ex'
Sex. (8), às 11h30

Ana Paula Maia e Raphael Montes falam da alta do terror e dos true-crimes
Sex. (8), às 19h

Autora de 'O Legado de Orïsha', sobre magos vindos dos orixás, Tomi Adeyemi discute afrofuturismo
Sáb. (9), às 17h30

Nathan Harris apresenta 'A Doçura da Água', livro sobre irmãos recém-libertos da escravidão recomendado por Barack Obama e Oprah
Dom. (10), às 11h30

Jenna Evans Welch discute 'Amor & Gelato'
Dom. (10), às 13h

Xuxa Meneghel apresenta seus livros para crianças
Dom. (10), às 14h30

Alice Oseman/Divulgação

Klara Castanho diz que sofreu estupro e deu bebê à adoção

Atriz afirmou que foi forçada a tornar a história pública após ter sido alvo de ataques nas redes

FS

SÃO PAULO A atriz Klara Castanho, 21, divulgou na noite de sábado (25), em seu perfil no Instagram, uma carta aberta em que relata ter sofrido um estupro e fala sobre a decisão de dar o bebê, fruto da violência, para a adoção.

O que motivou a publicação, segundo a atriz, foi a repercussão de "pessoas conspirando e criando versões sobre uma violência repulsiva e de um trauma" que ela vivenciou. No texto, Castanho relata que inicialmente não percebeu que o abuso tinha resultado em uma gravidez. Adiante, ela fala sobre o processo de manter a gestação e destinar a criança para a adoção legal, conforme prevê a lei.

Castanho também afirma que, enquanto ainda estava no hospital, foi abordada por um colunista que sabia da gravidez, mas não do estupro. Poucos dias após o parto, ela disse ter sido procurada por outro colunista.

O caso foi parar nas redes após Antonia Fontenelle, 49, expor uma situação semelhante à da atriz, mas sem revelar seu nome, durante uma live. Na ocasião, ela comentava o caso da criança de 11 anos que realizou um aborto na última semana em decorrência de um estupro. Também atriz, Fontenelle é pré-candidata a deputada federal no Rio pelo Republicanos.

A artista criticou a quem chamou de "atriz da Globo, ela tem 21 anos de idade" e disse que as informações que tinha sobre o caso eram do colunista Leo Dias, do jornal Metrópoles. Disse ainda: "Parir uma criança, não querer ver e mandar desovar por acaso é crime, sim. Só acha bonitinho essa história de adoção quem nunca foi em um abrigo [sic], ademais quando se trata de uma criança negra".

Fontenelle apagou a publicação e, na tarde de domingo (26), divulgou um vídeo no qual afirmava que não sabia do estupro sofrido por Castanho e que se dispunha a ajudar a atriz a colocar o abusador na cadeia. Após a divulgação da carta de Castanho, Leo Dias chegou a publicar informações sobre o caso em sua coluna. O texto também foi apagado e, posteriormente, o colunista publicou um pedido de desculpas público à atriz.

A repercussão do caso levou a uma série de manifestações nas redes sociais. Muitas famosas usaram seus perfis para apoiar Castanho.

"Filhota, você é muito especial e eu estarei sempre ao seu lado", declarou Paolla Oliveira, em seu perfil no Twitter. "Você é maior do que qualquer um ou uma que queira se promover ou promover o ódio com seu nome. Sinta-se acolhida."

"A violência que sofreu e sua dor tornaram-se públicas sem que fosse desejo seu, sem que fosse garantido o seu direito à privacidade", escreveu Taís Araújo.

O Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo informou em nota que irá apurar a possível infração ética praticada por uma profissional de enfermagem que teria vazado as informações.

No fim da tarde de domingo (26), o Metrópoles pediu desculpas e disse que não deveria ter permitido que o colunista Leo Dias publicasse informações sobre a criança. "Não há justificativa que sustente o interesse público em expor detalhes sobre história em que os únicos interessados são a vítima e parentes. Em relação a Klara Castanho, praticamos mau jornalismo."

Leia mais em Cotidiano e na Folha Corrida

Continuação da pág. C2

"Quase não temos romances LGBTs interseccionais, com personagens negros ou com deficiência, por exemplo. Também temos muito menos personagens lésbicas, bissexuais e transgênero do que gays. Assexuais, então, quase nunca vi", diz a escritora, ela própria arromântica e assexual, isto é, com pouca ou nenhuma atração, romântica ou sexual, por qualquer pessoa.

"É uma falha tão grande que eu mesma tenho uma personagem —Tori, irmã do meu protagonista— que só descobri que era assexual quando reli meus livros. Eu não sabia que ela era assexual porque não sabia nem o que significava ser assexual quando a escrevi, embora esteja claro na história", acrescenta Oseman, prometendo visibilidade à assexualidade da personagem nas próximas duas temporadas de "Heartstopper", ainda sem previsão de estreia, cujos roteiros são escritos por ela própria.

A autora diz ainda que, mesmo nas histórias protagonizadas por homens gays, não só as mais comuns como também as únicas que ganharam adaptações audiovisuais até agora, alguns conflitos comuns entre a comunidade não são retratados, caso dos distúrbios alimentares.

"Há muitas histórias de meninas com anorexia, mas de meninos quase nunca vejo. As pessoas acreditam que esses distúrbios só afetam as mulheres, mas eles também são um problema grave entre homens gays", diz Oseman.

Sua visão é amparada por uma pesquisa da Attitude, revista gay britânica, cuja maior parte dos leitores —84%— dizem sentir pressão exagerada para ter um corpo perfeito.

Esse conflito já atravessa a primeira temporada de "Heartstopper". Não está nos diálogos, mas é visível nas muitas cenas em que o protagonista recusa comida. Isso ficará mais claro, contudo, nas próximas temporadas, diz Oseman, assim como ocorre na série literária, cujo quarto volume, "Heartstopper: De Mãos Dadas", chega às livrarias agora.

A abordagem da anorexia, no entanto, será feita por meio "de uma lente otimista e esperançosa", diz Oseman, como já ocorreu na primeira temporada com assuntos tão densos quanto, como homofobia.

É este, afinal, o maior trunfo de "Heartstopper", que consegue encontrar originalidade mesmo amontoando clichês de romances simplesmente por abordar a paixão entre dois estudantes que acabam de ingressar no ensino médio e estão descobrindo sua sexualidade por uma paleta ultracolorida, sem tragédias gregas, como de costume na ficção, que por muitas décadas associou a homossexualidade à catástrofe.

"Precisamos de histórias LGBTQIA+ mais felizes. 'Heartstopper' sempre será sobre a luz no fim do túnel. Neste caso, o foco é a superação da anorexia do protagonista", diz Oseman. "É difícil abordar estes temas, porque tenho que encontrar um equilíbrio entre o realismo sem deixar de lado o otimismo e a esperança que são meus fios condutores. O que me ajuda é pensar, como faço na minha própria vida, em como as coisas podem melhorar. É isso, afinal, que fez o público se apaixonar tanto pela história."

Heartstopper: De Mãos Dadas (Volume 4)
Autora: Alice Oseman. Trad. Guilherme Miranda. Ed.: Seguinte (Companhia das Letras). R$ 64,90 (384 págs.); R$ 39,9 (ebook)

Encontro com Alice Oseman na Bienal do Livro de São Paulo
Expo Center Norte - r. José Bernardo Pinto, 333, Vila Guilherme. Sáb. (9/7), às 19h. De R$ 15 a R$ 30, em bienaldolivrosp.com.br

Anitta fecha o Rock in Rio português com sertanejo e sob forte tensão política

Laura Lewer

LISBOA O céu ainda estava claro quando Anitta, de carona em uma moto, repetiu a entrada que conquistou a plateia norte-americana no festival Coachella, em abril. Neste domingo, 26, o público também era de outro país, mas dessa vez falava o mesmo idioma da cantora.

A apresentação feita no último dia do Rock in Rio Lisboa só veio antes da do rapper Post Malone, responsável por fechar o evento, o primeiro desde que a pandemia começou, mas foi a única a arrancar coros da plateia europeia.

Os hits e colaborações que a cantora fez em sua empreitada por outros territórios nos últimos anos caíram bem na apresentação, mas o que decolou mesmo foram as canções que a fizeram crescer no Brasil. Sertanejo, brega e batidas de funk regeram o show que fez do Rock in Rio um cantinho brasileiro na Europa.

Mas a presença do país no festival extrapolou as músicas de Anitta —e também as de outros brasileiros presentes, como Ney Matogrosso, Rebecca, Johnny Hooker e Francisco, el Hombre.

Temas como as eleições, o presidente Jair Bolsonaro (PL), o desmatamento da Amazônia e os assassinatos de Bruno Pereira e Dom Phillips também pipocaram com frequência no último final de semana, embora Roberta Medina, responsável pela edição portuguesa do evento, diga não acreditar que a política seja feita desta forma.

"Eu acho que política se faz com conversa e não em cima do palco", disse. Ela, no entanto, afirmou que a única orientação do festival foi a de que elas fizessem um bom espetáculo.

O grupo Francisco, el Hombre foi mais explícito ao cantar suas músicas "Bolso Nada" e "Arranca a Cabeça do Rei", que pede a cabeça de Bolsonaro a partir do voto.

‘Peter von Kant’, de Ozon, celebra Fassbinder

Cineasta francês escolhe mostrar romance homossexual para tratar das nuances do amor, mas tropeça no espetáculo

CINEMA
Peter von Kant
★★★★
França, 2022. Dir: François Ozon. Com: Denis Ménochet, Isabelle Adjani e Khalil Ben Gharbia. Sessões até 5/7, no Festival Varilux de Cinema Francês

Inácio Araujo

Desde o título, “Peter von Kant” é uma homenagem a “As Lágrimas Amargas de Petra von Kant”, no momento em que o filme de Rainer Werner Fassbinder chega aos 50 anos.

Mas há coisas que mudam. O diretor agora é François Ozon e, de certa forma, é preciso ver os dois filmes em conjunto. Ou seja —ao de Fassbinder, um autor, sucede agora o de um artesão. Mas não um mau artesão, apesar dos altos e baixos quase escandalosos ao longo de sua carreira.

Em todo caso, Ozon não é bobo. E a ideia de transformar o amor de duas mulheres do original pelo de dois homens é oportuna. E não são dois homens quaisquer. Denis Ménochet é Peter, um cineasta de sucesso, gordo, inchado de bebida, desleixado na aparência e caótico na existência pessoal para quem tudo parece se transformar quando encontra Amir, vivido por Khalil Ben Gharbia, sensual jovem de origem árabe por quem Peter se deixa fascinar de imediato.

À parte essa mudança, Ozon segue quase palavra por palavra o original de Fassbinder, com o mérito de pôr frente a frente dois homossexuais sem recorrer a trejeitos secundários e clichês. O amor entre dois homens é um amor com especificidades, claro, mas o que está em questão é o amor.

Fassbinder desvelou em seu filme (e na peça teatral) todas as nuances da relação amorosa —a ansiedade, o medo, a paquera, a humilhação, o prazer, a obsessão, a insônia, a entrega, o porre, o abandono, a euforia, a esperança, a dor, o bem, o mal, entre outras.

Ozon tenta seguir Fassbinder, e o faz com dignidade. É verdade que a composição de Ménochet, por brilhante que seja, nos dispersa um pouco da trama. Não raro dá para pensar, por exemplo, no quanto vida e obra de Fassbinder coincidem. Somos levados ao que, no caso, menos interessa.

No mais, Ozon conduz seu filme com firmeza, ao menos até o quarto final, quando os dois filmes divergem. Fassbinder opta pela exposição magistral, e o mais discreta possível, da dor de Petra. Ozon, ao contrário, promove um show de gritos e choros no momento crucial do drama e o reduz a um dramalhão tão ruidoso quanto pouco interessante.

Talvez a mudança de tom tenha a ver com a época em que cada filme foi feito. O de Fassbinder tem certa frieza como marca. Em 2022, tal atitude talvez não fosse a mais cautelosa. A opção de Ozon corresponde a um retorno ao mundo do espetáculo. Observamos não mais o amor, nem mesmo as personagens, mas os atores. Vejam como Ménochet está bem, vejam Hanna Schygulla, que surpresa agradável, no papel de mãe de Peter. Uma estética neoclássica.

O final dos dois filmes evidencia a diferença entre os dois cineastas. É quando os enquadramentos de Fassbinder mais se sobressaem.

Mais do que isso, é quando melhor sobressai o quanto Fassbinder soube absorver as lições de seu mestre, Douglas Sirk —no uso das cores, da luz, na secura das atrizes. Mas tudo é sempre original.

Ozon vai igualmente a Sirk, o que é quase obrigatório. No entanto, se em certos momentos existe o posicionamento do ator atrás da janela, o azul intenso, a luz semelhante, os galhos de árvore balançados pelo vento, tudo também remete a Douglas Sirk, mas apenas de maneira exterior. Em suma, o que vemos são tiques, procedimentos, imitação.

Isso não quer dizer que “Peter von Kant” seja um mau filme, longe disso —é obra mais que digna de um bom artesão.

O problema de “Peter” é ser, de maneira quase obrigatória, comparável ao filme de um cineasta de gênio. Talvez Ozon chegue a um público maior, o que é bom, entre outras, porque finalmente se trata o amor entre pessoas do mesmo sexo como amor, e não desvio.

Mas não se pode comparar “Peter” a “Petra”. Até porque em “Petra” o amor, no sentido de paixão, é sempre desvio da norma, sejam os parceiros de que sexo forem. O amor para Fassbinder é trágico; para Ozon, é apenas dramático.

Podemos dizer que “Peter” é um filme muito bom, no mesmo sentido em que “Top Gun: Maverick” é muito bom, um espetáculo bem-sucedido — cada um, claro, à sua maneira.

Denis Ménochet e Khalil Ben Gharbia em cena de ‘Peter Von Kant’, de François Ozon Divulgação

Louis Garrel critica as queimadas no Brasil em filme do Varilux

CINEMA
Um Pequeno Grande Plano
★★★
França, 2021. Dir: Louis Garrel. Com: Laetitia Casta, Joseph Engel e Louis Garrel. Sessões até 7/7, no Festival Varilux de Cinema Francês

Bruno Ghetti

Lá se vão quase 20 anos desde que “Os Sonhadores”, de Bertolucci, apresentou ao público a figura de Louis Garrel. Bonito, com um ar blasé sessentista, o jovem ator se cristalizaria no imaginário cinéfilo como uma espécie de personagem que entrecruza a nouvelle vague e o Maio de 68 —só que solto no mundo moderno.

Com os anos, o rapaz mostrou que seus recursos iam além do charme de seu proeminente nariz gaulês. Tem se provado um ator cada vez melhor, às vezes brilhante, e também um diretor de talento.

Passadas duas décadas, ao menos ele próprio já não se percebe mais como parte de uma juventude sonhadora, mas sim de uma geração acomodada, esvaziada de ideais. Este, aliás, é um dos temas de “Um Pequeno Grande Plano”.

O filme dura uma hora, então, a rigor, é mais propriamente um média-metragem —termo meio escanteado no cinema, já que os próprios cineastas costumam pensar em curtas ou longas. Mas a nova empreitada de Garrel se fixa em um meio termo, não só em minutagem, mas igualmente em suas pretensões. Não procura a completude dos filmes de mais fôlego, embora não busque a capacidade de síntese dos de menor duração.

É uma comédia fantasiosa e saborosamente delirante, sobre crianças que escondem dos adultos um plano para salvar o mundo de uma tragédia ambiental, ao inundar o Saara com água do mar.

A premissa é uma grande maluquice, e por isso mesmo adensar personagens ou detalhar em excesso minúcias ecológicas talvez tornassem o filme por demais presunçoso, impossível de dominar. Sabiamente, Garrel consegue abarcar o mais importante de seu tema de forma simples, mas com vigor criativo.

A trama começa num lar pequeno-burguês parisiense, onde um casal descobre que o filho pré-adolescente vendeu sua patinete para juntar dinheiro para uma “viagem”.

Depois de certo espanto, os pais começam a fazer perguntas para entender que viagem é essa e vão ficando assustados com cada resposta —chegam às raias do desespero ao saber que o garoto vendeu muitos outros objetos valiosos. Quando o pai descobre que ele vendeu sua coleção de relógios caríssimos, o menino retruca —“mas deixei um para você; ademais, todos marcavam o mesmo horário”.

Como se percebe, há sarcasmo no roteiro, e esse início de filme alterna essa camada cômica com suspense, em cenas bem conduzidas, que destacam as performances do pequeno Joseph Engel, de Laetitia Casta e do próprio diretor.

Além de Garrel, assina o roteiro o grande Jean-Claude Carrière, morto no ano passado. É, no fundo, uma observação sobre o quanto os adultos são desleixados quando o assunto é ecologia, mesmo diante de sinais de que a Terra pode estar com dias contados.

Quando o tema surge numa conversa do casal com dois amigos, ouvimos frases do tipo “é exagero da mídia para ter audiência” ou “é estratégia do liberalismo para vender”.

Há certa verdade nessas colocações, mas fica patente que se trata sobretudo de uma forma algo mesquinha de mascarar a própria indolência diante das questões ecológicas e o medo de sacrificar seu conforto material. Os adultos de hoje, o filme diz, são uns cínicos.

Segundo Garrel, as novas gerações são mais mobilizadas, menos hipócritas. Já que não asseguramos um mundo para elas no futuro, elas próprias se dispuseram a isso. Mas o filme também não as idealiza —em sua praticidade, por vezes se saem com ideias estarrecedoras. Apesar da boa vontade, falta a essa garotada certa maturidade humanística.

O trecho final não é lá dos mais entusiasmantes, mas, no todo, é um filme simpático. Há uma cena, porém, que há de causar especial mal-estar ao espectador do Brasil —uma das crianças diz que o projeto de salvar o mundo consiste em “fazer exatamente o contrário dos brasileiros” em relação às florestas.

0800-disque-bunda

Não, não foi você que ligou por aí sem querer: foi sua bunda —e de propósito

Bia Braune
Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

Eu poderia ter resguardado minha dignidade e escolhido outro tema a ser desbravado com mais elegância, mas fatos são fatos. Esta semana, recebi um número impressionante de telefonemas de amigos. E na sequência, as mensagens habituais.

"Ai, desculpa!", "Foi sem querer", "Só encostei aqui". Queridos, calma. Ninguém precisa se sentir culpado, eu entendo perfeitamente. Não foram vocês que telefonaram: foi a bunda.

O fenômeno do butt-dial é real oficial há muitos anos, constando inclusive em dicionários como o de Cambridge. Acontece quando a gente senta no celular ou algo do gênero, daí ele chama alguém. De forma mais livre, eu traduzo como "disque-bunda". Afinal, para além de fazer ligações, ela às vezes também as recebe.

"Alô, por favor, a Marina está?" "Quem gostaria de falar com ela?" "A bunda do André."

Veja bem: no tempo dos aparelhos de disco, isso seria impossível. Antes era preciso sentar no sofá, tirar o fone do gancho e esperar o maldito dar linha. Tendo à mão um caderninho com os números de todo mundo ou a maioria deles na cabeça, decorada. Acha que a bunda se daria a esse trabalho? Jamais. A bunda quer tudo facinho, na mão.

Engana-se inclusive quem acha que o touchscreen foi capaz de deter o disque-bunda. Não travou o celular direito? Já era. Sem um pingo de escrúpulo, assim que nos distraímos, a bunda vai lá e liga para os seus contatinhos. Na maioria das vezes, as últimas pessoas com quem gostaríamos de interagir: ex, tio negacionista, gerente de banco, agiota, crush que a gente stalkeia nas redes mas finge quem nem vê... Bobeou, ela atende até telemarketing com prefixo de Curitiba. E não adianta dizer que o dedo escorregou. Mesmo quando a bunda não telefona, é mentora intelectual.

Agora, nem tudo é inconveniência. Sempre que um dos meus melhores amigos acorda de mau humor e briga com alguém, o pessoal nem apazigua mais: entra no modo "senta e espera". No auge do climão, aparecem pelo menos cinco chamadas perdidas dele. Quer dizer, "dela". Não adianta nos tirar da discagem rápida nem nos apagar dos contatos. A bunda completa o que ele quer dizer. E no geral é "desculpa, vamos ficar de boa, não consigo não falar com vocês".

Pais e avós também são vítimas constantes do disque-bunda. Já que fomos perdendo o hábito de nos telefonar carinhosa e mutuamente, isso até colabora para a união familiar. E transforma a bunda em nosso anexo anatômico mais generoso e conciliador. Do seu jeitinho, ela nunca deixa ninguém para trás.

Marcelo Martinez

DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Série policial 'Killing Eve' chega ao fim no streaming

Killing Eve
Globoplay, 18 anos
Já estão disponíveis na plataforma os oito episódios da quarta e última temporada de uma das melhores séries policiais dos últimos anos. A obsessão mútua entre a detetive Eve, papel de Sandra Oh, e a assassina profissional Villanelle, vivida por Jodie Comer, chega ao seu desfecho, mas não antes de muitas reviravoltas. Fiona Shaw e Camille Cottin estão no elenco.

O Homem de Toronto
Netflix, 14 anos
Neste thriller com toques de comédia, Kevin Hart interpreta um homem comum que se faz passar por um assassino profissional. Preso pelo FBI, ele é obrigado a se aproximar do verdadeiro criminoso, interpretado por Woody Harrelson.

SportsCenter
ESPN, 11h, livre
O programa estreia a série "Atletrans", em quatro episódios, que destaca a trajetória de esportistas transexuais como a jogadora de vôlei Tiffany Abreu. O conteúdo também está disponível no YouTube da ESPN Brasil e no Star+.

Lula, o Filho do Brasil
Canal Brasil, 19h, 12 anos
A cinebiografia do ex-presidente Lula abre a mostra dedicada ao cineasta Fábio Barreto, que, se estivesse vivo, teria completado 65 anos em junho de 2022.

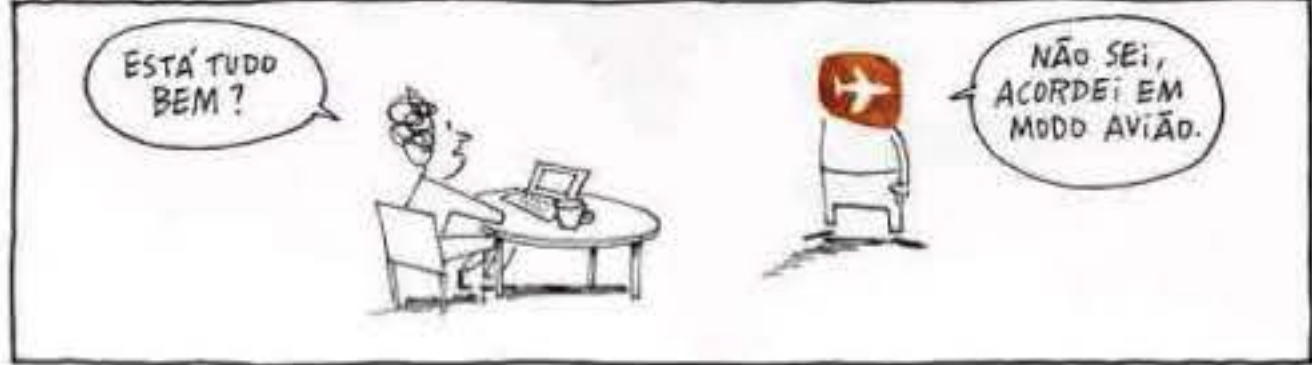
Roda Viva
Cultura, 22h, livre
Ex-ministro da Infraestrutura e pré-candidato pelo Republicanos ao governo de São Paulo, Tarcísio Gomes de Freitas é sabatinado por uma bancada que inclui Cátia Seabra, repórter especial da Folha.

Tô de Graça
Multishow, 22h30, 12 anos
Mesmo com série própria na Netflix, o humorista Rodrigo Sant'anna mantém sua outra sitcom no canal pago. A sexta temporada também conta com André Mattos, Dhu Moraes e Eliezer Mota no elenco.

Com Amor, Simon
Globo, 22h35, 12 anos
Um adolescente está apaixonado pela primeira vez, mas um rival pode pôr tudo a perder. O que torna especial esta comédia romântica é o fato de o protagonista estar em vias de se assumir gay.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê Laerte

Daiquiri Caco Galhardo

Níquel Náusea Fernando Gonsales

A Vida Como Ela Yeah Adão Iturrusgarai

Não Há Nada Acontecendo André Dahmer

Viver Dói Fabiane Langona

Péssimas Influências Estela May

SUDOKU

texto art.br/fsp

FÁCIL

		4			3			6
7			4	5				
5	1				2			
9	5			8				2
		7				5		
2				6			8	3
			3				6	5
				2	8			9
3			6			8		

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. O calçado usado no hóquei no gelo / De + um **2.** O habitante de uma das maiores cidades goianas, que possui importante base aérea **3.** Um canal de televisão especializado em música / O cantor de rock inglês Bowie (1947-2016) **4.** Estado de um negócio / (Urbana) Banda de pop rock onde Renato Russo se destacou **5.** Que possui muitos pelos **6.** Região semelhante ao cerrado brasileiro **7.** Planta gramínea cujo grão se utiliza na fabricação de cerveja / Terra que o vento levanta nas estradas **8.** Molhado superficialmente / (De) Me **9.** Um cachorro da Turma da Mônica / (Gír.) Faniquito nervoso **10.** De sequência ordenada **11.** As iniciais da atriz Jamra / De átomos, moléculas ou radicais eletricamente carregados **12.** Elemento químico cujo símbolo é Db / (Ingl.) O oposto de off **13.** Raro.

VERTICAIS
1. Grande planície da América do Sul / Um dos sete pequenos ossos do tarso, na parte posterior do pé **2.** Como consequência de / Prefixo: metade / Prerrogativa legal para impor a outrem alguma medida, procedimento etc. **3.** Trem de Alta Velocidade / Medroso / Abreviatura de Banco Central **4.** Imposto Predial / Medicamento aplicado contra furúnculos **5.** As qualidades plásticas de uma obra de arte / Cinco menos três **6.** Canal pouco profundo, entre ilhotas ou bancos de areia / Os objetos em forma de garrafa usados no boliche **7.** (Fig.) Obrigação moral de corresponder a algo com uma pessoa ou com uma coisa de real importância / O oposto de máxi **8.** Solidariedade humana, coesão / (Gír.) Opinião **9.** Disposição de espírito / Uma esfomeada como a Magali, das HQ.

HORIZONTAIS: 1. Patim, Dum, **2.** Anapolino, **3.** MTV, David, **4.** Pé, Legião, **5.** Peludo, **6.** Savana, **7.** Cevada, Pó, **8.** Úmido, Mim, **9.** Bidu, Piti, **10.** Ordinal, **11.** IJ, Iônico, **12.** Dúbnio, On, **13.** Escasso.
VERTICAIS: 1. Pampa, Cuboide, **2.** Ante, Semi, Jus, **3.** TAV, Pávido, BC, **4.** IP, Levadurina, **5.** Modelado, Dois, **6.** Laguna, Pinos, **7.** Dívida, Mini, **8.** União, Pitaco, **9.** Modo, Comilona.

Ricardo Cammarota

A alma irracional

'Nada mais típico da razão do que reconhecer seus próprios limites'

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em filosofia pela USP

Acreditar na razão com uma fé cega é um equívoco recente na história e pré-história da humanidade. Essa superstição instalou-se definitivamente no século das luzes, o século 18.

Esta constatação —de que a crença cega no racionalismo é um equívoco— não implica um culto à irracionalidade nem a negação do valor da razão, é apenas uma constatação da própria razão.

Como dizia o filósofo Blaise Pascal no século 17, "nada mais típico da razão do que reconhecer seus próprios limites".

Por isso mesmo, o que está fora do escopo da razão —o irracional— é um problema voltado para o pensamento racional e não para bobagens do senso comum.

Nada do emocionalismo barato que permeia o papo furado sobre empatia. Falar do irracional é uma atividade da razão, um esforço para identificar elementos na ação humana que são impactados por agentes estranhos à autonomia do pensamento racional.

Por isso mesmo, muitos filósofos, psicólogos, historiadores, inclusive da literatura, pesquisam o irracional como componente da nossa história moral.

A vida é atravessada por elementos irracionais todo dia. Sonhos premonitórios —que assim pessoas os creem— intuições, sensações físicas fortes, ideias fixas, radicalismos políticos, ódios, paixões enlouquecedoras —essas andam condenadas pela histeria ideológica—, enfim, muitos são os exemplos.

Mas, se você quer entender como se coloca o irracional sob uma lupa para ver como ele funciona —seu impacto, alcance, estrutura e dinâmica—, dou como exemplo os estudos de E.R. Dodds (1893-1979), um historiador irlandês da Grécia antiga.

"The Greeks and the Irrational", Beacon Press 2020 —sem tradução em português—, é exemplo magistral de como se identifica o irracional no comportamento e na cultura de um povo como o grego antigo, uma das maiores culturas que já caminhou sobre a Terra. Claro que a fonte histórica aqui são os textos de época dos vários autores gregos de então: dramaturgos, autores dos épicos, oradores, filósofos, historiadores, "loucos".

Um dos primeiros tópicos é a manifestação do que Dodds chamará de "intervenção psíquica". O caso de Agamemnon, rei dos gregos na guerra contra os troianos, servirá de paradigma.

Usando os relatos sobre seu conflito com o mítico guerreiro Aquiles na disputa pela amante escrava deste, que foi roubada por aquele, o historiador apontará vários momentos em que as ações do rei são referidas como causadas pelo "atê", palavra grega recorrente que, ainda que apresente significados secundários variados, sempre mantém o sentido primário de intervenção do sobrenatural —divino ou demoníaco— sobre o agente humano, roubando-lhe a autonomia do pensamento e das ações decorrentes.

Um outro fator investigado é a herança moral familiar ancestral, traço característico de inúmeras culturas antigas. O "miasma", ou a contaminação dos descendentes por alguém que cometeu algum pecado mortal no passado —sendo a "hybris" ou desmedida o pior de todos no universo grego antigo—, é outro exemplo recorrente na literatura grega antiga. A vítima do "miasma" terá sua vida, seus pensamentos, emoções e ações contaminados sem possibilidade de redenção senão o castigo.

Antígona, narrada por Sófocles (497-406) em peça homônima, é um exemplo máximo. Sua autonomia é atravessada pelo fato de ser filha de um útero incestuoso —sua mãe, Jocasta, era sua avó, e seu pai, Édipo, era seu meio-irmão por ser filho de Jocasta. Por isso ela se considera indigna de continuar vivendo. Via-se como uma mancha no mundo.

A bênção da loucura com dons proféticos. Sonhos com mortos que trazem informações essenciais para os vivos. Cachorros nos templos —até hoje na Grécia as ruínas dos templos têm "cães de guarda" cuidados pela população— que lambem feridas humanas e as curam.

Dominada por crenças no sobrenatural, nossa vida psicológica caminha por um estreito passo entre o medo, a ansiedade e a esperança.

A razão é apenas uma pequena parte dela, mas nem por isso menos importante. A alma irracional nos habita, às vezes como êxtase, às vezes como pesadelo.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | **TER. João Pereira Coutinho** | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

Aula de dança em academia paulistana; pesquisa sugere que o efeito da atividade física após grande emagrecimento é mais complexo do que diz o senso comum Breno Retaton - 21 nov11/Folhapress

Exercícios após perda de peso podem retardar metabolismo

Pesquisa foi feita nos EUA com participantes de reality show de emagrecimento

EQUILÍBRIO

Gretchen Reynolds

THE NEW YORK TIMES Muitos conhecem o seriado americano "The Biggest Loser" (o grande perdedor, em português), reality show um tanto notório que ficou no ar por mais de uma década na TV americana, começando em 2004, em que os participantes competiam febrilmente para perder peso maciço em pouco tempo.

Uma das maiores lições que o programa parece ter ensinado é que exercício intenso aliado a uma restrição calórica draconiana levariam a uma perda de peso enorme.

Mas a cobertura de mídia dos participantes anos mais tarde parece ter revelado uma realidade diferente envolvendo peso recuperado, metabolismos que se tornaram mais lentos e a futilidade de tentar perder peso no longo prazo.

Uma nova análise científica do programa e suas consequências, publicada em maio no periódico "Obesity", sugere que muitas das ideias comuns do seriado podem ser equivocadas. A análise procura desvendar o que de fato aconteceu com o metabolismo dos participantes e por que alguns conseguiram manter a perda de peso melhor que outros.

O estudo também analisa o papel complexo desempenhado pelo exercício físico e se conservar-se fisicamente ativos ajudou os participantes a manterem seu peso sob controle por anos ou não.

"The Biggest Loser" foi transmitido pela na emissora americana NBC, com audiência de modo geral grande, por mais de 12 temporadas.

Os participantes competiam para perder o maior número de quilos usando restrição calórica extrema e horas de exercício físico intensivo. Os "ganhadores" geralmente se livravam de muitos quilos em poucos meses.

Essa perda de peso rápida e extrema chamou a atenção de Kevin Hall, pesquisador sênior do Instituto Nacional de Diabetes e Doenças Digestivas e Renais (EUA), que faz parte dos Institutos Nacionais de Saúde americanos.

Especialista em metabolismo, Hall sabia que quando as pessoas perdem muito peso num período de tempo muito curto, geralmente provocam uma queda acentuada em sua taxa metabólica basal –as calorias que queimamos diariamente apenas para continuar vivos. Uma taxa metabólica basal mais baixa pode significar que queimamos menos calorias no geral.

Acreditava-se que esse efeito era causado em parte pela perda de massa muscular produzida quando as pessoas faziam dieta. Um tecido relativamente ativo, o músculo queima mais calorias que a gordura, e mais massa muscular geralmente significa taxas metabólicas mais elevadas.

Sendo assim, Hall se perguntou: os níveis extremos de exercício físico praticados durante "The Biggest Loser" ajudariam os participantes a conservar sua massa muscular e manter seu metabolismo basal elevado ao mesmo tempo em que estavam cortando calorias?

Começando há mais de uma década, Hall e seus colegas iniciaram o primeiro de uma série de experimentos para descobrir a resposta.

Em um estudo de 2014, eles compararam 13 homens e mulheres que haviam perdido peso muito grande pela redução de calorias, graças à cirurgia de bypass gástrico, com 13 participantes do "The Biggest Loser", cuja perda de peso extrema envolveu exercício físico e dieta.

Conforme o previsto, o grupo que fizera cirurgia bariátrica perdeu massa muscular além de gordura, enquanto os participantes de "The Biggest Loser" conservaram a maior parte de sua massa muscular, perdendo principalmente gordura.

Entretanto, a taxa metabólica basal de todos caiu e mais ou menos na mesma proporção, quer tivessem se mantido musculosos, quer não.

Hall disse que ele e seus colegas se surpreenderam com os resultados. E sua confusão aumentou quando, para um estudo feito em 2016, eles reexaminaram 14 dos mesmos participantes seis anos após a competição, na expectativa de que seu metabolismo já teria voltado a subir.

Na maioria dos casos, o metabolismo basal de pessoas que fazem dietas sobe um tanto depois de as pessoas pararem de perder peso ativamente, e especialmente se elas recuperam o peso. Pessoas mais pesadas queimam mais calorias basais que pessoas mais leves.

Em 2016, a maioria dos participantes do reality show já havia recuperado o peso. Mas seu metabolismo basal permanecia obstinadamente baixo, queimando em média 500 calorias diárias menos do que era o caso antes de terem participado do programa.

Um estudo de acompanhamento feito no ano seguinte concluiu que a atividade física ajudara alguns competidores a evitar o ganho de peso.

Os que se mexiam ou praticavam exercício físico formalmente por cerca de 80 minutos na maioria dos dias recuperaram menos quilos do que aqueles que raramente se exercitavam. Mas o exercício que praticavam não elevava seu metabolismo basal. Na realidade, aqueles que faziam exercício físico apresentaram as maiores quedas relativas em suas taxas metabólicas basais.

Perplexo, Hall recentemente começou a reavaliar os estudos sobre "The Biggest Loser", analisando-os sob o crivo de um conceito emergente sobre como o metabolismo humano funciona de fato. Essa ideia nasceu de um estudo influente de 2012 que mostrou que pessoas altamente ativas da Tanzânia que vivem de caça e coleta queimam o mesmo número relativo de calorias diárias que o resto de nós, apesar de se movimentarem muito mais.

Os cientistas envolvidos no estudo postularam que o corpo dos caçadores tanzanianos deveria estar compensando automaticamente por algumas das calorias que eles queimavam enquanto caçavam para se alimentar, reduzindo outras atividades fisiológicas, como o crescimento (os caçadores tendiam a ter baixa estatura).

Desse modo, pensaram os pesquisadores, o corpo dos caçadores podia limitar o número total de calorias que eles queimavam diariamente, independentemente de quantos quilômetros eles corressem à procura de raízes e animais para caçar. Os cientistas chamaram essa ideia de a teoria do gasto energético total restrito.

Ciente dessa pesquisa, Hall começou a enxergar paralelos potenciais nos resultados de "The Biggest Loser". Assim, para a nova análise ele voltou a examinar os dados de seu grupo à procura de sinais de que o metabolismo dos participantes teria, na prática, se comportado como o metabolismo dos caçadores-coletores. E encontrou pistas em suas taxas metabólicas basais.

Essas taxas caíram fortemente já no início das filmagens de "The Biggest Loser", ele observou, quando os participantes reduziram sua ingestão alimentar e seu organismo, compreensivelmente, reduziu o número de calorias que eles queimavam, para evitar que passassem fome.

Mas nos anos posteriores, quando os competidores normalmente voltavam a seus padrões alimentares anteriores, seu metabolismo continuou lento, porque, Hall concluiu –e esse foi o fator chave–, a maioria deles ainda se exercitava.

Contraintuitivamente, escreveu ele na nova análise, a atividade física frequente parece ter levado seu organismo a conservar sua taxa metabólica basal baixa, para que o gasto energético diário total pudesse ser limitado.

"Isso ainda não passa de hipótese", disse Hall, "mas parece que o que estamos observando" nos dados sobre os participantes no "The Biggest Loser" "é um exemplo do modelo de energia restrita".

Tradução Clara Allain

[...]

A atividade física [no ano seguinte ao reality show] ajudara alguns competidores a evitar o ganho de peso. Mas o exercício que praticavam não elevava seu metabolismo basal. Na realidade, aqueles que faziam exercício físico apresentaram as maiores quedas relativas em suas taxas metabólicas

LEIA TAMBÉM

Casa em L'Hay-les-Roses, nos arredores de Paris, França, abriga pessoas diagnosticadas com Alzheimer Alain Jocard - 17.fev.22/AFP

Teste de remédio de Alzheimer tem resultado decepcionante

Nova droga não retardou declínio cognitivo de 6.000 participantes de estudo

EQUILÍBRIO

Pam Belluck

THE NEW YORK TIMES Um ensaio clínico minucioso de um potencial medicamento para Alzheimer não conseguiu evitar ou retardar o declínio cognitivo, em mais uma decepção na longa e difícil busca por soluções para essa doença.

O teste, que durou uma década, foi a primeira vez que pessoas com predisposição genética a desenvolver a doença, mas que ainda não apresentavam nenhum sintoma, receberam um medicamento destinado a interromper ou retardar o declínio das funções cerebrais.

Os participantes eram membros de uma família extensa de 6.000 pessoas na Colômbia, das quais cerca de 1.200 têm uma mutação genética que praticamente determina que desenvolverão Alzheimer entre os 40 e 50 anos de idade.

Para muitos membros da família, que vivem em Medellín e em aldeias remotas nas montanhas, a doença rapidamente roubou sua capacidade de trabalhar, se comunicar e realizar funções básicas. Muitas morreram na casa dos 60 anos.

No estudo, 169 pessoas com a mutação genética receberam um placebo ou o medicamento crenezumab, produzido pela Genentech, parte do Grupo Roche. Outras 83 pessoas sem a mutação receberam o placebo como forma de proteger a identidade das pessoas com probabilidade de desenvolver a doença, que é altamente estigmatizada em suas comunidades.

Os pesquisadores esperavam que a intervenção com um medicamento anos antes do surgimento de problemas de memória e raciocínio pudesse manter a doença sob controle e fornecer informações importantes para lidar com o tipo mais comum de Alzheimer, que não é causado por uma única mutação genética.

"Estamos desapontados porque o crenezumab não apresentou um benefício clínico significativo", disse Eric Reiman, diretor executivo do Banner Alzheimer's Institute, um centro de pesquisa e tratamento em Phoenix, no Arizona (Estados Unidos), e líder da equipe de pesquisa, em entrevista coletiva sobre os resultados.

"Nossos corações estão com as famílias na Colômbia e com todas as outras que se beneficiariam de uma terapia eficaz de prevenção de Alzheimer o mais rápido possível. Ao mesmo tempo, nos animamos por saber que este estudo lançou e continua ajudando a moldar nova era na pesquisa de prevenção de Alzheimer."

Os resultados também são outro revés para os medicamentos que têm como alvo um elemento-chave na doença: a proteína amiloide, que forma placas pegajosas no cérebro dos pacientes. Anos de estudos com vários medicamentos que atacam a amiloide em diferentes estágios da doença caíram por terra.

Em 2019, a Roche suspendeu dois outros testes de crenezumab, um anticorpo monoclonal, em pessoas nos estágios iniciais da doença de Alzheimer mais típica, dizendo que era improvável que os estudos revelassem benefícios.

No ano passado, em uma decisão controversa, a FDA (Agência de Alimentos e Drogas dos EUA) concedeu a primeira aprovação para um antiamiloide, o Aduhelm.

A FDA reconheceu que não estava claro se o Aduhelm poderia ajudar os pacientes, mas deu sinal verde para um programa que permite a autorização de medicamentos com benefícios incertos se forem para doenças graves com poucos tratamentos e se os medicamentos afetarem um mecanismo biológico com probabilidade razoável de ajudar os pacientes.

A agência disse que o mecanismo biológico era a capacidade do Aduhelm de atacar a amiloide, mas muitos especialistas em Alzheimer criticaram a decisão por causa do fraco histórico das terapias antiamiloide. Os resultados do estudo, divulgados no último dia 16, só aumentaram as evidências desanimadoras.

"Gostaria que houvesse algo mais positivo para dizer", disse Sam Gandy, diretor do Centro de Saúde Cognitiva do Monte Sinai, que não participou da pesquisa na Colômbia.

"Sabe-se que a mutação patogênica na família colombiana está envolvida no metabolismo da amiloide. A ideia era que esses fossem os pacientes com maior probabilidade de responder aos anticorpos antiamiloide."

Pierre Tariot, diretor do Banner Alzheimer's Institute e líder da pesquisa colombiana, disse que alguns dos dados sugerem que os pacientes que receberam crenezumab se saíram melhor do que aqueles que receberam o placebo, mas as diferenças não foram estatisticamente significativas.

Ele também disse que não houve problemas de segurança com a droga, uma descoberta importante porque muitas terapias antiamiloides, incluindo Aduhelm, causaram sangramento ou inchaço cerebral em alguns pacientes.

Dados adicionais do estudo serão apresentados em uma conferência em agosto. Tariot e Reiman observaram que os últimos resultados não incluíam informações mais detalhadas de imagens cerebrais ou análises de sangue sobre os efeitos da droga nas proteínas e outros aspectos da biologia da doença de Alzheimer.

Eles também não refletiram aumentos na dose de crenezumab, que os pesquisadores começaram a dar aos pacientes à medida que aprendiam mais sobre a droga. Tariot afirmou que alguns pacientes receberam a dose mais alta durante até dois anos dos cinco a oito em que participaram do ensaio clínico.

Francisco Lopera, neurologista colombiano e outro líder da pesquisa, disse que o estudo o convenceu de que "a prevenção é a melhor maneira de buscar solução para o Alzheimer, mesmo que hoje não tenhamos um bom resultado".

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

Insônia na gravidez aumenta risco de complicações

SAÚDE MENTAL

Sílvia Haidar

SÃO PAULO Com tantas mudanças no corpo e na mente das mulheres durante a gravidez, é comum que elas tenham alterações no sono.

Segundo um estudo da Universidade da Califórnia, nos EUA, a insônia acomete 78% das gestantes e pode estar relacionada a variações hormonais, fisiológicas, metabólicas, psicológicas e posturais.

As mudanças nos padrões de sono começam durante o primeiro trimestre da gravidez, provavelmente influenciadas pelas rápidas oscilações hormonais, diz o ginecologista e obstetra Carlos Moraes.

"Nesse período, a gestante costuma ter hipersonolência, principalmente pelo aumento da progesterona, hormônio que também pode causar diminuição do tônus muscular, aumento do risco de apneia do sono, ronco e interrupções do sono", ressalta Moraes.

No final do segundo trimestre (23-24 semanas de gestação), o tempo total de sono noturno diminui. "Mais de 98% das mulheres começam a ter insônia no terceiro trimestre, relatando despertares noturnos causados por desconforto geral, dor nas costas, frequência urinária aumentada, movimentos fetais, falta de ar e câimbras nas pernas", conta.

Pacientes com insônia têm citocinas pró-inflamatórias altas, proteínas que também são observadas na depressão pós-parto, parto prematuro e outras complicações da gravidez. "Os médicos devem tratar os distúrbios do sono imediatamente, pois eles aumentam o risco de complicações, como depressão no final do terceiro trimestre ou após o nascimento da criança."

O diagnóstico de insônia, segundo Moraes, deve ser feito em conjunto com uma equipe multidisciplinar, levantando questões como distúrbios de ansiedade, transtornos do humor, distúrbios do sono relacionados à respiração e síndrome das pernas inquietas.

Terapias comportamentais também podem ajudar nesses quadros. "Técnicas como relaxamento muscular progressivo (PMR), que inclui contração e relaxamento alternados de diferentes músculos, podem ser usadas antes de cada período de sono, assim como a respiração profunda abdominal", afirma Monica Machado, psicóloga e fundadora da Clínica Ame.C.

Já a terapia cognitiva comportamental (TCC) pode ser aplicada, com a ajuda de um psicólogo, em casos de ansiedade e pensamentos negativos relacionados à insônia.

"A ansiedade é muito comum durante a gestação. São muitas preocupações com o trabalho de parto, com a chegada do bebê e com a nova vida. Essas expectativas podem manter a mulher acordada à noite e só trazem prejuízo à saúde", diz Machado .

"Em vez de remoer pensamentos, tente anotar todas as suas preocupações no papel. Isso lhe dará a chance de considerar possíveis soluções.

O ginecologista Carlos Moraes reforça que não se deve tomar nenhum tipo de remédio para dormir durante a gravidez, a menos que tenha sido prescrito pelo médico.

Alguns chás, como o de camomila, de valeriana e de erva-cidreira ajudam a dormir melhor e estão liberados durante a gestação.

"Intervenções para tratar os distúrbios do sono são essenciais para evitar resultados adversos ao longo da gravidez, durante o parto e após o nascimento da criança. Daí a importância de tratar o problema antes que os sintomas afetem o vínculo mãe-bebê", conclui Moraes.

+ Dicas para dormir melhor na gestação

- Evite telas (de celular, televisão e computador) e luzes brancas ao menos uma hora antes de se deitar
- Evite cafeína e chocolate, especialmente a partir do fim da tarde
- Beba bastante líquido durante o dia, mas limite a ingestão após às 17h para diminuir o despertar frequente para urinar
- Se for clinicamente apropriado, exercite-se 30 minutos todos os dias, de preferência de 4 a 6 horas antes de dormir
- Durma sobre o lado esquerdo do corpo, com as pernas dobradas e com travesseiros entre os joelhos, abaixo do abdômen e atrás das costas para reduzir a pressão na região lombar

Cidades devem ser espaço de inserção cidadã da juventude

Assassinato de Bruno e Dom mostra urgência da redução da desigualdade

OPINIÃO

Jorge Abrahão
Coordenador geral do instituto Cidades Sustentáveis, organização realizadora da Rede Nossa São Paulo e do Programa Cidades Sustentáveis

O que mais me impressionou na foto em que Pelado —um dos supostos assassinos de Bruno Pereira e Dom Phillips— era conduzido por policiais federais, foi a imagem dos jovens que, amontoados num barranco, assistiam à cena: vestimentas básicas, descalços, olhos fixos no suposto assassino que tinha a cara coberta por um capuz.

O que eles pensavam naquele momento? Que perspectivas têm de futuro? Onde vivem? Com pouco mais de 15 mil habitantes, Atalaia do Norte carrega o terceiro pior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Brasil, índice que evidencia sua vulnerabilidade nos temas de educação, saúde e renda, entre outros.

É governada por Denis de Paiva, do PSC (Partido Social Cristão), e aliado do governo federal.

Policiais conduzem Amarildo Oliveira, em Atalaia do Norte Avener Prado - 15.jun.22/Agencia Publica/AFP

O crime que a cidade amazonense observou com pavor é resultado de uma sequência de avanços criminosos sobre a população originária e a floresta.

A relação promíscua entre empresas e política é a marca de um país primário que ainda não aprendeu a se defender de grupos privados. Essa necessária transição é que marcará o amadurecimento tardio de um país rico culturalmente e em recursos naturais, mas sequestrado pelos interesses de poucos.

O assassinato que chocou o Brasil e o mundo tem como pano de fundo o estímulo do governo federal à criação de um ambiente violento, que desrespeita os povos indígenas e ribeirinhos e favorece políticas de depredação da Amazônia. As ações passam pela impunidade, pelo desmonte dos órgãos de fiscalização, estímulo aos negócios ilegais e a liberdade do crime organizado. Estes casos precisam ser enfrentados com a urgência que sua indignação provoca.

Qual o papel da cidade na construção de um ambiente favorável, que gere oportunidades para sua juventude? Que qualidade de vida ela oferece para sua população? Ela pode tornar-se mais justa, reduzindo a sensação de terra de ninguém, por meio da implementação de políticas públicas que reduzam o espaço para este tipo de ação.

Tantas Atalaias do Norte no Brasil precisam de um olhar diferenciado, que vise à redução das gritantes desigualdades que nos assolam.

Mais investimentos devem ser direcionados para as cidades mais vulneráveis. Para tanto, são necessárias políticas públicas que direcionem mais recursos dos governos federal e estadual para estas cidades vulneráveis, além de apoio para que consigam enfrentar seus problemas de maneira integrada.

Neste contexto, é uma insanidade a proposta do governo federal de redução do ICMS dos estados, o que acarretará cortes na educação e saúde. A ideia só aprofundará a crise dos estados e municípios, deixando-os ainda mais vulneráveis para o enfrentamento dos desafios atuais e a criação de perspectivas futuras.

Somente com políticas voltadas à inclusão, neste que é o mais desigual dos países em desenvolvimento, os jovens que assistiram à cena poderão se livrar dos grupos ilegais que os atraem.

Este é um dos caminhos para que as cidades sejam espaços de inserção cidadã que conduzirão o país na direção de proporcionar uma vida digna para sua população.

O presidente Jair Bolsonaro conversa com jornalistas na rampa do Palácio do Planalto Pedro Ladeira - 12.mai.20/Folhapress

Educação é o caminho para reverter descrença no jornalismo

OPINIÃO

Mariana Mandelli
Coordenadora de comunicação do Instituto Palavra Aberta

SÃO PAULO A população brasileira confia cada vez menos na imprensa e evita cada vez mais notícias consideradas ruins. O cenário informacional do país é pessimista no que se refere ao consumo de conteúdo jornalístico segundo a última edição do Digital News Report, um amplo relatório sobre o consumo de notícias em diversas partes do mundo divulgado pelo Reuters Institute.

De acordo com o estudo, a confiança dos brasileiros no trabalho dos jornalistas sofreu uma queda de 6 pontos percentuais nos dois últimos anos, chegando a 48%. Ou seja, menos da metade das pessoas acredita no que lê, vê e ouve nos veículos de comunicação. Além disso, 54% dos entrevistados afirmam que costumam deixar de lado o noticiário, taxa que aumentou 20 pontos percentuais desde 2019, caracterizando o que o instituto chamou de "fadiga de más notícias".

Os dados parecem não combinar com um contexto em que consumimos cada vez mais informação, mas faz sentido quando observamos as principais pautas dos últimos dois anos: pandemia, crise política e aumento do desemprego e da fome.

O estudo endossa outra preocupação: estamos em um ano eleitoral, com a possibilidade de um ambiente informacional ainda mais tóxico e tumultuado do que vivenciamos em 2018, com uma avalanche de todos os tipos de desinformação. As formas pelas quais a população brasileira vai se informar nesse período para decidir quais candidatos e candidatas irão representá-la devem confirmar essas tendências, mas também podem apontar caminhos.

Contudo, já é possível pensar em maneiras de desemaranhar essa conjuntura complexa em dois eixos que se retroalimentam: um que se refere à imprensa e, outro, claro, à audiência. Sabemos que a crise de credibilidade do jornalismo não é nova, tampouco exclusiva da nossa democracia.

Pensando numa primeira linha de ação, cabe aos veículos profissionais uma profunda e contínua reflexão sobre suas práticas de trabalho e, principalmente, sobre os valores editoriais que norteiam a cobertura jornalística, que precisam ser muito transparentes.

As perguntas que modulam uma reportagem —o quê, quem, quando, onde, por que e como se deram os fatos a serem noticiados— também não podem mais ignorar outra questão: para quem?

Conhecer a audiência é fundamental para que ela se sinta representada nas informações. É perceptível um esforço das empresas nesse sentido nos últimos anos, com foco em aumentar a diversidade de raça, gênero e classe nas equipes e nos temas abordados, mas é preciso mais inclusão e representatividade.

Ademais, apresentar soluções para as mazelas sociais que compõem as manchetes é fundamental para mitigar a sensação de desesperança. Muito se fala nos problemas, mas ainda há pouco espaço para os antídotos.

É claro que, se o país está afundado em crises de todos os tipos, isso obrigatoriamente será noticiado, sendo deprimente ou não. O segundo eixo para atenuar esse cenário de desconfiança da imprensa, portanto, deve focar em ações de educação midiática e informacional para que a audiência entenda como e por que a imprensa trabalha. O que é notícia? O que é edição? O que é um editorial? Por que essa e não outra abordagem? Jornalista pode ou não opinar?

Entender os limites da prática jornalística, diferenciar os gêneros da informação e fato de opinião, interpretar linhas editoriais e compreender que uma reportagem é um recorte de uma situação são habilidades que precisam ser continuamente desenvolvidas, num processo que deve começar na escola, sem esquecer a grande fatia da população que já saiu do sistema de ensino e que carece de políticas públicas que foquem no tema.

Ainda vivenciamos uma pandemia onde quase 700 mil brasileiros perderam suas vidas, devastando centenas de milhares de famílias. Esta quantidade tenebrosa de óbitos só é de conhecimento público porque os veículos de imprensa trabalham em conjunto há mais de dois anos para informar sobre os efeitos da Covid-19, assim como foram esses mesmos veículos os responsáveis por campanhas educativas pelo uso de máscaras e pela vacinação.

Houve, portanto, o entendimento de imprensa e sociedade, em uma situação extremamente crítica, sobre a utilidade da informação apurada e publicada de forma responsável. Se agirmos nessas duas frentes, com transparência, autocrítica jornalística e educação midiática, não apenas os dados do Reuters Institute melhorarão, mas também a saúde da democracia brasileira como um todo.

Hefner, o criador da revista Playboy, cercado de coelhinhas, como eram chamadas as garçonetes de seus clubes; ele se apresentava como defensor da liberdade de expressão Divulgação

'Segredos da Playboy' expõe história de abusos

Ex-playmates e coelhinhas revelam rotina de violência e controle na mansão onde o magnata Hugh Hefner recebia famosos

F5

Vitor Moreno

SÃO PAULO A Mansão Playboy habitou o imaginário de muitos homens mundo afora. Muito além de ser a residência do magnata da comunicação Hugh Hefner (1926-2017), era onde ele recebia amigos e celebridades cercado por belas mulheres, muitas das quais saídas das páginas de sua revista, conhecida pelos ensaios de nudez feminina.

O que ocorria nessas festas fechadas alimentava a lenda do criador da revista "Playboy", que se vendia como defensor da liberdade de expressão e precursor da revolução sexual que dava às mulheres o direito de escolher (inclusive serem fotografadas nuas). Porém, a série documental "Segredos da Playboy", que estreou no domingo (19) no canal pago A&E, revela que nem tudo eram flores.

Violência sexual e abuso de drogas eram comuns, segundo Miki Garcia, que foi playmate (como eram chamadas as garotas que estampavam o pôster central da publicação) em 1973 e depois trabalhou para Hefner como diretora de promoções da revista. "Até hoje tem coisas que vi naquela mansão que me assombram", diz ela em evento virtual sobre o documentário, do qual o F5 participou.

"E olha que eu nunca estive no quarto do Hefner", conta. "Mas você via aquelas mulheres que eram extremamente controladas, se drogando e subindo as escadas para participar de atividades que não acho que a maioria delas estava acostumada a lidar antes, nas vidas normais delas. Coisas que elas foram coagidas a fazer e nas quais eu penso constantemente."

Ela lembra que a primeira vez que notou algo diferente foi quando perdeu o posto de Playmate do Ano, que lhe havia sido prometido, porque Hefner queria ir para a cama com ela. "Eu recusei a proposta dele três vezes. Apesar de tudo, ele não forçou nada."

Algum tempo depois, ela conta ter sido estuprada duas vezes por um frequentador da mansão. Sem revelar o nome, ela que se tratava de um ator de TV famoso. "Eu disse que ia ligar para a polícia e ele afirmou que ninguém ia acreditar em mim, que ele tinha dinheiro e advogados", lamenta ela, que não denunciou o ataque à época. "Eu não teria como provar o que ele me fez."

Para Garcia, as pessoas se comportavam na mansão como se estivessem numa espécie de "culto". "Você tinha que agir de certa forma, falar do jeito certo sobre a marca e, naquele universo da 'Playboy', o Hefner tinha controle completo sobre as finanças das mulheres", diz.

"Ele determinava quanto de publicidade você podia fazer e fazia um contrato que proibia as modelos de aceitarem outros trabalhos por dois anos sem autorização por escrito."

Ela diz acreditar que isso era feito para estimular competição entre as mulheres pela atenção dele, de modo que elas fossem mais fáceis de manipular. "Muitas vinham de lares violentos ou de relações abusivas, tinham medo", lembra. "Mesmo as que tinham boa condição e uma família amorosa idolatravam Hugh Hefner. Eu chamo de 'culto' porque elas eram levadas a crer que ele era quem detinha todo o poder e fazia as coisas parecerem glamorosas e você se sentir especial."

Outras ex-playmates também dão depoimentos, bem como ex-coelhinhas (funcionárias de clubes do empresário), ex-empregados da mansão e ex-namoradas de Hefner. Um dos principais depoimentos é de Jennifer Saginor, que cresceu na mansão por ser filha do médico de Hefner.

O cenário que vai se montando na tela é o de um ambiente tóxico, que propiciou diversas práticas criminosas, com a anuência do dono para boa parte delas. Além de crimes, como abuso de menores, são mencionadas mortes trágicas, como um suicídio e um assassinato.

Já fora da casa principal, em "mansões satélite", foram montados clubes menores para enviar garotas que não tinham conseguido virar playmates, mas eram usadas para práticas sexuais. Na "noite das porcas", prostitutas eram contratadas na rua para servir aos amigos do empresário.

Para Alexandra Dean, diretora e produtora executiva do documentário, tudo vem à tona agora por um motivo simples: "Hefner está morto. Deixou de ter poder sobre as pessoas que estava silenciando".

"Ele ameaçou várias pessoas, como é possível ver na série", lembra. "Era um homem poderoso na mídia e conhecia todo mundo no universo editorial, então não era fácil publicar algo o criticando. Não dava para publicar um livro criticando o Hefner sem ele ficar sabendo e impedir."

No Brasil, a versão nacional da "Playboy" chegou nos anos 1970 e foi um grande sucesso editorial durante 40 anos. De Cleo a Xuxa, passando por Grazi Massafera e Juliana Paes, várias famosas posaram para as páginas da revista, que dava status (e um polpudo cachê nos tempos áureos).

Apesar de aqui não ter se reproduzido o modelo da Mansão Playboy, Dean diz acreditar que parte dos abusos também aconteciam, mesmo que em outra escala. "Tenho certeza de que sim", comenta. "Aconteceu no Japão, na Finlândia... Estava ocorrendo em todo o mundo com a 'Playboy'."

"O que acontecia na 'Playboy' era internacional porque a 'Playboy' era internacional, muitas das histórias que ouvi ocorreram fora dos EUA", afirma. "Havia playmates que eram enviadas ao exterior para promover a revista, mas as pessoas da 'Playboy' as mandavam como favores sexuais para homens de negócio ao redor do mundo."

Ela afirma que algumas ex-namoradas de Hefner chegaram a ser usadas como "mulas", transportando drogas para ele. O expediente será destrinchado em um episódio.

"O que ocorria na mansão começou a se espalhar por Hollywood e a ser replicado em vários lugares, e acho que isso é parte da cultura que o Hefner estava criando de colocar mulheres umas contra as outras", avalia. "Isso teve efeitos em todo o mundo."

Segredos da Playboy

16 anos. Aos domingos, às 22h, no canal pago A&E

Casamento de Britney Spears revela união duradoura com Versace

Vanessa Friedman

THE NEW YORK TIMES O vestido era longo. Branco. Desenhado por Versace. E era mais do que um vestido de casamento.

O vestido que Britney Spears usou para se casar com Sam Ashgari no dia 9 de junho, em Los Angeles, era também um símbolo da nova era de independência de Spears, e uma escolha relativamente discreta. Embora o casamento tenha sido o terceiro para Spears, é o primeiro desde o final da tutela que definiu boa parte da vida adulta da cantora. Assim, por que não se vestir para a ocasião como se para um recomeço?

O vestido parecia mais apropriado ao início do que ao fim de um conto de fadas: o modelo em branco marfim, de "cady" de seda, deixava os ombros da noiva nus e era decorado com pérolas nas costas, e complementado por uma gargantilha "choker" da mesma cor e um véu de 4,5 metros de comprimento —como que uma referência às tendências de moda ditadas por Spears na década de 1990.

E se o objetivo era esse, por que não procurar uma estilista que já a conhecia desde então? É aí que entra Donatella Versace.

Em março, Spears postou no Instagram uma foto que a mostrava em companhia de Versace e afirmava que as duas tinham muito em comum (ainda que o termo empregado tenha sido um pouco menos recatado). Versace, de sua parte, disse à revista Variety naquele mesmo mês que Spears "estava em um estado de espírito maravilhoso".

Portanto, o casamento pode ter consagrado a relação entre Spears e Ashgari, mas seus laços com Versace existem há décadas. As duas sempre tiveram em comum muito mais do que uma estética pop fantástica, um amor por roupas colantes e um apego aos cabelos loiros e a uma leve dose de bronzeamento.

Desenho mostra Britney Spears ao se casar com Sam Ashgari, usando vestido da grife Versace The New York Times

Versace, afinal, também passou por peripécias públicas ao se ver forçada a tomar as rédeas da grife depois do assassinato de seu irmão, Gianni. Ela teve problemas com drogas e enfrentou traumas familiares, e conseguiu manter o negócio em funcionamento apesar de tudo. E sabe perfeitamente como vive uma celebridade que está constantemente sob o microscópio.

Talvez como resultado, ela e Spears se apoiam mutuamente desde pelo menos 2001, quando a cantora escolheu um minivestido Versace, de chifon verde decorado por contas negras, para um show com Michael Jackson no Madison Square Garden. Em 2002, Spears usou um vestido multicolorido e ousado de Versace para assistir ao desfile da grife na Fashion Week de Milão, e em 2008 ela usou dois modelos Versace diferentes, e reluzentes, na cerimônia do MTV Video Music Awards.

Versace chegou até a definir suas roupas de acordo com a reputação de Spears, classificando como "jovem e rock'n'roll" os looks da sua coleção de primavera para 2003.

Depois das núpcias, houve novas peças criadas pela Versace, incluindo minivestidos vermelhos e pretos que Spears usou na recepção.

E a coleção de modelos usados no casamento parece sugerir que pode haver ainda mais inspiração vinda de Britney em setembro, quando a nova coleção de Versace chega às passarelas.

Não é difícil imaginar que isso possa ser o começo de uma nova era Spears-Versace (sem mencionar um possível contrato publicitário para a cantora), uma era que definiria o look para o retorno triunfante de uma sobrevivência feminina visceral. Caso isso aconteça, representaria um casamento de moda da variedade mais autêntica.

Tradução Paulo Migliacci